

RAÍZES

66

Publicação Semestral
Distribuição gratuita

Julho de 2023

Publicação da
Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul

ANO XXXV



Palavra do Presidente

Charly Farid Cury

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

A REVISTA *RAÍZES* chega à sua 66ª edição apresentando, como sempre, artigos de diferentes autores. Nesses mais de 30 anos de existência, nossa publicação conseguiu alcançar um alto grau de qualidade, resultado da dedicação de nossa equipe, na busca constante pela excelência, e da contribuição voluntária de indivíduos, nossos articulistas, envolvidos com a missão da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Aqui nossos leitores também são autores!

Raízes é um instrumento de troca e produção de conhecimento, que explora olhares múltiplos sobre temas da história da cidade e das memórias de seus moradores.

Estamos imensamente gratos à colaboração de nossos autores e leitores, que acreditam e tornam a revista uma referência em pesquisas sobre São Caetano do Sul, a região do ABC e São Paulo. Daí a importância de refletirmos a respeito dos nossos desafios e de como chegamos até aqui, além de demonstrarmos como nos mantemos comprometidos e eficientes com a divulgação e difusão de nossa história. Reafirmamos aqui nosso compromisso e desejamos a todos uma ótima leitura! ■

Ano XXXV – Número 66
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

Prefeito Municipal: José Auricchio Jr. **Secretário Municipal de Cultura:** Erike Busoni. **Presidente da Fundação Pró-Memória:** Charly Farid Cury. **Conselho Diretor:** Charly Farid Cury – Presidente, Anna Figueira, Brenno Diorrener Pereira, Candido Giraldez Vieitez, Erike Laerte Busoni, Eva Bueno Marques, João Tarcisio Mariani, Kátia Valéria Gomes de Souza, Luiz Domingos Romano, Márcia Gallo, Priscila Ferreira Perazzo, Wagner Antônio Natale, William Pesinato. **Conselho Consultivo:** Ana Paula Demambro, Donizetti Tadeu Moretti, Elisabete Montesano, Issao Toyoda Kohara, José Luiz Cabrino, Marcos Eduardo Massolini, Mário Porfírio Rodrigues, Nelson Albuquerque Oliveira Júnior, Newton Mori, Paulo Alves Rosa, Wander Correa.

RAÍZES

Jornalista Responsável: Paula Fiorotti (Mtb. 28.927). **Edição:** Paula Fiorotti. **Revisão:** Paula Fiorotti e Cristina Toledo de Carvalho. **Comissão Editorial:** Charly Farid Cury (PRESIDENTE), Ana Luísa Nóbrega Cury, Ana Maria Guimarães Rocha, Antonio Reginaldo Canhoni, Caio Bruno Siqueira de Paula, Cristina Toledo de Carvalho, Humberto Domingos Pastore, Isabel Cristina Ortega, João Alberto Tessarini, João Manoel da Costa Neto, Mário Porfírio Rodrigues, Monica Iafate, Nelson Albuquerque Jr, Paula Fiorotti, Roberta Giotto. **Projeto Gráfico:** Roberta Giotto. **Digitalização de Imagens:** Nina Kuznetsov.

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Julho de 2023

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul – SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC. A seleção do material é de responsabilidade da Comissão Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Carta ao leitor

☰ Paula Fiorotti

EDITORA

CARO LEITOR, BEM-VINDO a mais uma edição da revista *Raízes*. O número 66 da publicação é fruto da soma de esforços contínuos para que a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul possa se (rea)firmar no trabalho de divulgação e valorização da história da cidade e de suas pessoas. *Raízes* é um veículo único, que cumpre papel essencial neste propósito. Pouquíssimos são os periódicos desta natureza e dar continuidade a este projeto é um compromisso com a comunidade sul-são-caetanense, um compromisso com nossa identidade.

Seguindo com nossa missão, que não seria alcançada sem a participação de muitos colaboradores voluntários, apresentamos textos com diferentes temáticas nesta edição. Destacamos o artigo de capa, resultado de uma extensa pesquisa em história oral, que nos leva aos tempos do glorioso Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria, instituição de ensino que integrou um projeto experimental do governo do Estado de São Paulo no final da década de

1960. A unidade escolar foi extinta pouco mais de dois anos depois de sua criação, e passou a integrar a rede comum de estabelecimentos de ensino oficial. Mas, mesmo com uma curta história, deixou marcas. O trabalho apresenta relatos saudosos e empolgantes de alunos e professores e nos permite conhecer mais profundamente a essência da inovadora iniciativa escolar.

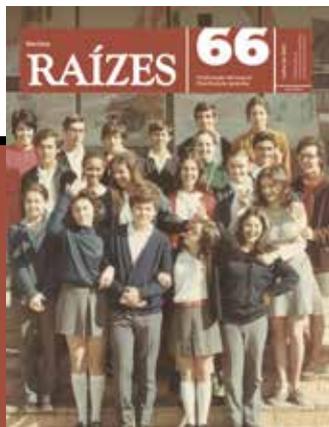
Na sequência temos, não menos importantes que o artigo de capa, curiosos, ricos e interessantes textos, nas seções *Artigos*, *Memória*, *Personagens*, *Homenagem*, *Esportes* e *Poesias e Crônicas*. *Raízes* também continua com algumas “pinceladas de memórias”, por meio dos curtos textos e informações presentes em *Curiosidades*, *Transformações* e *Memória e Afeto*. O leitor poderá ainda passear pelas belas imagens enviadas pelos colaboradores e publicadas em *Raízes e Retratos*, e outras do acervo de nosso Centro de Documentação Histórica, publicadas na *Memória Fotográfica*.

Desejamos a todos uma ótima leitura dos artigos que aqui se apresentam! ■

Paula Fiorotti

é jornalista formada pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, tem pós-graduação em Comunicação Empresarial e Relações Públicas, pela Faculdade Cásper Líbero, e especialização em Gestão de Patrimônio e Cultura, pela Unifai (Centro Universitário Assunção). É membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Caetano do Sul e do Conselho Municipal de Política Cultural de São Caetano do Sul. É responsável pelo Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória, sendo editora da revista *Raízes*.

✉ raizes@fpm.org.br



10 CAPA

Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria: marco de educação plural

Maria Aparecida de Carvalho

Imagem da capa:
Alunos do Ginásio Vocacional em foto do final da década de 1960. As professoras são Maria Helena Antunes de Oliveira e Souza, de Ciências (à esquerda, de vestido vermelho), e Irene Torrano Filisetti, de Matemática (à direita, de paletó marrom)

Acervo/Memórias do ABC (Uscs)

4
HASHTAG

6
ENSAIO
Sorveteiros do passado

8
RAÍZES E RETRATOS
Acervo Issao Toyoda Kohara

9
CURIOSIDADES
Um ideal de criança: os concursos de robustez infantil

39
ARTIGOS
O capital industrial metropolitano surge do espaço beneditino
Enrique G. Staschower

48
Autonomia política de São Caetano: imaginário e narrativas memorialísticas
Cristina Toledo de Carvalho

51
RAÍZES E RETRATOS
Acervo Família Dall'Anese

52
MEMÓRIA
Museu Sagrada Família Catequese e Arte. Um itinerário de beleza e fé
Padre Jordélio Siles Ledo e João Tarcísio Mariani

61
Sobre reconhecimento, memória e luta da comunidade negra em São Caetano do Sul
Rondinely Silva Lima

65
TRANSFORMAÇÕES
Um teatro em três tempos

66
CURIOSIDADES
Dirigíveis alemães nos céus de São Caetano

68
RAÍZES E RETRATOS
Acervo Família Ferrer

69
PERSONAGENS
Mezzo italiano, mezzo brasileiro: a história de Francesco Capozzolo, um centenário cidadão sul-são-caetanense
Rodrigo Marzano Munari

75
Betinho Moraes. Um guitarrista com a "corda toda"
Marcos Eduardo Massolini

79
RAÍZES E RETRATOS
Acervo Osvaldo Ambrósio

80
QUEM FOI
Laura Thomé

81
HOMENAGEM
Sônia Dimov: referência de conhecimento, entusiasmo e afeto
Vilma Lemos

85
Sueli Aparecida Nogueira Ferreira da Silva: uma vida dedicada ao próximo
Nina Kuznetzow

88
RAÍZES E RETRATOS
Acervo Penha Caldo da Silva

89
RAÍZES E RETRATOS
Acervo Max Sniesko

90
ESPORTES
Tite e Éverton Ribeiro na A.D. São Caetano
Renato Donisete Pinto

94
Um palmeirense pelezista
Luiz Domingos Romano

96
POESIAS E CRÔNICAS
Alguns flashes dos anos 1960
Angelo Honorato Zucato

98
REGIONAIS
A história romântica da Ferrovia São Paulo Railway
Celso de Almeida Cini

104
NOSSO ACERVO
Pinacoteca Municipal

105
Museu Histórico Municipal

106
ACONTECEU

110
MEMÓRIA
FOTOGRAFICA

(#) HASHTAG

#TBT

Uma parceria da **Fundação Pró-Memória** com a **Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul** tem agitado as redes sociais.

Toda quinta-feira, uma foto do acervo do Centro de Documentação Histórica de nossa instituição é divulgada no Instagram pelos dois perfis @ **fpmscs_oficial** e @**prefeitura_saocaetanodosul**), apresentando imagens antigas da cidade e fazendo a população rememorar bons momentos do passado!

Em uma das postagens, uma fotografia da animada festa na Avenida Goiás, após a vitória do Brasil sobre a Polônia na Copa do Mundo de 1986, realizada no México, ganhou quase duas mil curtidas.

24 de novembro de 2022
1.832 curtidas



instagram.com/
fpmscs_oficial



facebook.com/
promemoria.caetano



**Quer
conhecer
a história
de nossa
cidade?**

Entre no site
WWW.FPM.ORG.BR,
na aba Linha do Tempo,
e acompanhe a trajetória
de São Caetano do Sul
e os principais
acontecimentos de
sua história.

ACESSE



Acervo/PMSCS





Uma fotografia e uma reflexão

Sorveteiros do passado

NO VERÃO APETECEM-NOS SORVETES. Sorvetes de vários sabores, anunciados tentadoramente pela televisão. Gostosos, refrescantes, o próprio nome, escrito ou falado, ou mesmo em pensamento, já desperta água na boca. Em virtude do meu regime, devo saboreá-lo apenas na imaginação. Para compreender o meu suplício, basta saber que fui um grande apreciador e devorador de sorvetes - sorvete de massa, em casquinha, “tijolos”, caixas e picolés. Sorvetes de sabor limão, chocolate, morango, abacate, abacaxi, etc., etc. Deliciei-me até com sorvete de sapoti!

O hábito do sorvete começou, para mim, há muito e muito tempo. Numa época em que não havia fábricas de sorvetes, e em São Caetano, nem sorveterias e nem sorveteiras nos bares. Tínhamos, sim, na minha infância, dois sorveteiros ambulantes. O Bepi um italiano gordo, meia-idade, que morava num quarto, nos fundos do quintal de uma casa da Rua Perrella. Possuía um carrinho, montado sobre um eixo com duas rodas do tamanho das de bicicleta. Bem, o carrinho era do formato de uma caixa retangu-

Localizada na esquina da Avenida Goiás com a Rua General Osório, a Padaria e Sorveteria Bom Gosto é o destaque da seção *Ensaio* desta edição de *Raízes*. Uma fachada bonita e imponente de um local que costumava ser ponto de encontro de amigos. A imagem é do ano de 1943. Mas antes de os sorvetes serem vendidos em estabelecimentos como este, a delícia refrescante era comercializada por sorveteiros ambulantes que circulavam pelas ruas da cidade.

Escolhemos um texto de autoria de Manoel Claudio Novaes, publicado no livro *Nostalgia*, coeditado pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e pela Editora Meca, em 1991, para acompanhar essa fotografia. Novaes passeia por diversos sabores gelados, passando por detalhes dos carrinhos sorveteiros, e chega a famosas sorveterias locais.

lar, onde ficavam as duas cubas contendo sorvete e este era alcançado através de dois orifícios circulares na mesa do carrinho. As tampas eram de metal polido. Na parte anterior do carrinho, por onde era empurrado, uma caixinha com as casquinhas e a féria. O carrinho era coberto, a cobertura era sustentada por quatro paus, um em cada canto do pequeno veículo. O outro sorveteiro chamava-se Luiz e, face à sua profissão, chamavam-no Luiz Sorveteiro. Morava na Rua 28 de Julho. Era também zelador do campo de futebol do E. C. São Caetano. O seu carrinho de sorvete era do formato do primeiro, porém maior, pois, sendo puxado por um cavalinho, na caixa, além das duas cubas de sorvete, havia espaço para o sorveteiro sentar-se.

Sorvetes só de casquinha, pequena e muito frágil, de sabores de limão e creme. Cada sorvete custava um tostão (cem réis) Os sorvetes deviam ser servidos rapidamente, porque também rapidamente derretiam.

As cubas de sorvete eram de metal, colocadas em outras maiores e de madeira e entre as duas gelo picado, com sal e cobertas com um pano. O sal para conservar, diziam, por mais tempo o gelo, a fim de que o sorvete não virasse água doce dentro das próprias cubas. Já se vê que as andanças dos sorveteiros não podiam ser demoradas e nem muito longas.

Assim foi até que o Bepi morreu e o Luiz Sorveteiro mudou-se para a Vila Alpina. Surgiram, então, outros dois sorveteiros, pai e filho, italianos, residentes no Bairro Fundação. Faziam sorvetes tipo italiano, um só sabor, densos, e, a título de promoção, desafiavam a gravidade, emborcavam a casquinha sem que caísse o conteúdo. Era maravilhoso! O pai apresentava-se como “sorvetaro”. Carregavam as cubas nos ombros! Mais tarde, progredindo, transportavam-nas em carrinhos de mão. Sorvetes de massa. O consumidor lambia-a. Era o jeito. Não se forneciam pazinhas de madeiras.

Depois vieram as máquinas de sorvetes e daí surgiram os picolés e as sorveterias. No centro da cidade tivemos duas muito boas. A do Bar Paratodos e a dos Guarato. Concorridas. Picolé de salada de frutas, uma delícia! Salada de frutas picadas, ao natural.

As sorveterias também passaram com a vinda da indústria sorveteira. Várias empresas disputam o mercado consumidor, e os seus produtos são distribuídos pelos bares, pelas padarias e confeitarias. Sorvetes dos mais variados sabores e requintadas apresentações. Mas não posso saboreá-los, mas ao faze-lô agora, sonhando de olhos abertos, descrevi a evolução do sorvete em nossa cidade, sob boa salivação... ■

"Sorvetes só de casquinha, pequena e muito frágil, de sabores de limão e creme. Cada sorvete custava um tostão (cem réis) Os sorvetes deviam ser servidos rapidamente, porque também rapidamente derretiam."

Acervo Issao Toyoda Kohara



Issao Toyoda Kohara em foto de 1950, na praia da Enseada, no Guarujá, litoral de São Paulo



Lumi Toyoda, em traje tradicional japonês, posa para foto no jardim da casa da família, que ficava na Rua Amazonas. Foto de 1950



Um ideal de criança: os concursos de robustez infantil

Os CONCURSOS DE ROBUSTEZ INFANTIL firmaram-se como um dos eventos mais populares da cidade entre as décadas de 1940 e 1960. Para além da promoção do mero entretenimento, estavam alinhados com o que se verificava no campo das práticas e concepções alusivas à infância em âmbito nacional. Assim, almejavam a adoção e a valorização de princípios consagrados do higienismo no trato da criança.

Voltados sobretudo para a maternidade e a infância carentes, os mencionados concursos contavam com a participação abalizada de médicos, que, seguindo critérios como os condizentes à saúde, vigor e beleza, emitiam avaliações e pareceres acerca das crianças participantes. As vencedoras ganhavam diferentes prêmios, recebidos pelas sorridentes mães. ■



Flagrante de uma participante de uma das edições do concurso ocorridas na cidade. Foto da década de 1960



Crianças participantes do Concurso de Robustez Infantil promovido pelo setor de Assistência Social da Cerâmica São Caetano em 1949



Outro registro de uma das edições do concurso. Na imagem, foi identificado o médico Antonio Menezes do Bonfim (à direita). Foto do início da década de 1960, aproximadamente

Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria: marco de educação plural

Em memória de Irene Torrano Filisetti

 Maria Aparecida de Carvalho

O OBJETIVO DESTA ARTIGO é trazer alguns pontos da tese de doutorado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política e Sociedade, sob orientação do professor doutor Daniel Ferraz Chiozzini. Primeiramente, uma apresentação do que foram os ginásios vocacionais e a instalação da última unidade em São Caetano do Sul. Na sequência, discorre-se sobre alguns detalhes da metodologia e relatos das memórias de ex-estudantes e ex-docentes. Além de fontes documentais, o estudo teve como base a História Oral, que vem se consolidando como um campo de convergência com diversos enfoques e pluralidade de disciplinas. Tal pluralidade tornou possível a utilização de metodologias específicas como as *Narrativas Oraís de História de Vida*, conceito construído ao longo dos

20 anos de existência do *Memórias do ABC*¹, que se propõe armazenar – em meios digitais – pesquisas que relacionem memória, história, cultura, subjetividades, imaginários, mídias e novas tecnologias.

Os conceitos do campo da memória, da oralidade, das subjetividades e da cultura balizam a metodologia *Narrativas Oraís de História de Vida*, cujos resultados “estão relacionados às possibilidades do pesquisador poder compreender o mundo social, os sentidos que os sujeitos atribuem” não apenas a si, mas às outras pessoas e coisas no cenário onde atuam. Tal metodologia possibilita a percepção de quem são essas pessoas, como vivem, pensam, sentem e como traçaram seus caminhos (PERAZZO, 2015, p. 131).

No segundo semestre de 2015, foi criado, no *Memórias do ABC*², o projeto *Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria: história e memórias*, com o objetivo de registrar as memórias desse estabelecimento de ensino, a partir da criação de um acervo digital com depoimentos gravados, fotos e documentos escolares digitalizados de ex-alunos e ex-docentes.

Ao ingressar na PUC, tive acesso ao livro do professor Chiozzini, *História & Memória da Inovação Educacional no Brasil: o caso dos Ginásios Vocacionais (1961-70)*, o que me despertou vagas lembranças de menina sobre os comentários de meu tio sobre a inauguração do Ginásio Vocacional em São Caetano do Sul, uma escola diferente. Assim, ao procurar mais informações sobre essa unidade, pude constatar que



Aspecto dos prédios do Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria, no Centro Educacional São Caetano Di Thiene, em março de 1968, mês de sua inauguração

eram poucos e esparsos os registros sobre ela, o que despertou meu interesse na realização deste estudo. Vale registrar que uma matéria da revista *Raízes*, com o depoimento da professora Dirce Martins Morra, foi o ponto de partida desta pesquisa. O contato com a docente, minha primeira entrevistada, foi promissor e me esclareceu muitos pontos.

Os ginásios vocacionais foram escolas públicas que integraram um projeto experimental de educação do Estado de São Paulo, no período de 1961 a 1970, com unidades estabelecidas em seis municípios específicos: Americana, Barretos, Batatais, Rio Claro, São Paulo e, posteriormente, em São Caetano do Sul. Como

era um projeto experimental, as cidades tinham suas especificidades: Americana era um polo da indústria têxtil; Barretos, referência do setor pecuário; Batatais era um município de predominância agrícola; Rio Claro, um entroncamento ferroviário quando este modal de transporte estava no auge; São Paulo, a capital, e São Caetano do Sul, subúrbio industrial. Das seis unidades instaladas, o Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria, de São Caetano do Sul, foi a que teve menor tempo de existência: de 22 de março de 1968 a 5 de junho de 1970. O Serviço de Ensino Vocacional (SEV) coordenava o projeto, com autonomia política e orçamentária, um

órgão vinculado diretamente ao gabinete da Secretaria Estadual de Educação. Foi convidada para comandar o SEV a professora Maria Nilde Mascellani³.

O objetivo do Vocacional era propiciar ao educando descobrir-se e identificar possibilidades de construção de seu futuro. Era o ensino secundário unindo a formação de cultura geral à cultura técnica e profissional.

A unidade de São Caetano do Sul - Como outros municípios da região do Grande ABC⁴, a São Caetano do Sul dos anos 1960 não era apenas uma cidade-dormitório, embora muitos habitantes trabalhassem na ca-

pital. O município, de pequena extensão, já contava com importante parque industrial: Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo (IRFM)⁵, Cerâmica São Caetano S/A⁶, ZF do Brasil⁷ e General Motors do Brasil⁸, das quais apenas a última permanece em atividade.

Minha mãe nasceu em São Caetano do Sul, onde residi na primeira infância. Foi no compasso e órbita da fábrica que adquiri minha percepção de tempo e espaço. A casa da *nonna*⁹, onde morávamos, localizava-se na Rua Herculano de Freitas – uma das ruas de acesso “à Matarazzo” – como chamávamos a fábrica das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo. Diariamente, nos horários próximos ao início e ao término dos turnos de trabalho, o fluxo de operários em frente à nossa casa era intenso. O tempo fabril regia nosso cotidiano. Uma cena marcante da minha infância era a chegada do Ano Novo, celebrado à meia-noite com o toque simultâneo das sirenes das fábricas.

Como já mencionado, cada município que abrigava uma unidade do Vocacional guardava sua particularidade, e o subúrbio operário de São Caetano do Sul não foi exceção. Mesmo que, geograficamente, não estivesse tão distante da unidade da capital, eram poucas as similaridades entre ambas. O Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, localizado no Bairro do Brooklin,

foi uma das primeiras unidades, instalado em um bairro consolidado de classe média, com muitos profissionais liberais. Diametralmente oposto ao jovem e pequeno município de São Caetano do Sul, que registrou uma brusca mudança demográfica: dos 60.200 habitantes, em 1950, para 150.171 residentes, de acordo com o censo demográfico de 1970.

O conceito de *subúrbio operário*, de José de Souza Martins, embasou este estudo. Além da vasta produção de Martins, merece destaque o fato de ele ter nascido e crescido em São Caetano do Sul. Portanto, foi testemunha – e personagem – desse momento singular, da formação da região do ABC como parque industrial.

Venho (...) de uma família de pobres colonos de café convertidos em operários das fábricas do ABC. Eu mesmo cresci nas ruas e nas fábricas, estudei à noite desde menino, tendo que ajudar a sustentar uma família pobre. (MARTINS, 2013, p. 348)

A unidade de São Caetano do Sul foi criada em um período de reformulação de todo o projeto do ensino vocacional¹⁰ e conjuntura política nacional específica: de endurecimento da ditadura civil-militar¹¹. Vale destacar a habilidade política do prefeito Hermógenes Walter Braido na disputa por trazer o Vocacional para o município.

Em 1965, havia 158 projetos de lei tramitando na Assembleia Legislativa paulista para a criação de novas unidades de ginásios vocacionais. Para conter tamanho alvoroço dos deputados, foi criado um dispositivo legal para regular essa situação, isto é, aos deputados fora concedida a liberdade de criar escolas, porém a decisão de aprovar a abertura de novas unidades vocacionais competia ao SEV, bem como a incumbência de sua instalação e organização.

O caminho para a implantação da unidade vocacional em São Caetano do Sul foi longo e sinuoso. Em 27 de setembro de 1965, o prefeito Hermógenes Walter Braido enviou o ofício nº 1409 para Maria Nilde Mascellani, coordenadora geral do Serviço de Ensino Vocacional, no qual informava a criação de mais um ginásio estadual na cidade, desta feita na Vila Paula. Destacava ainda a vocação estritamente industrial do município e solicitava recomendações junto ao secretário de Educação para transformar o referido estabelecimento de ensino em Vocacional. Informou também a existência de área para construção e anteprojeto do prédio.

Enquanto isso, na Assembleia Legislativa de São Paulo tramitava o projeto de lei nº 548, de 1963¹², visando à criação de um ginásio estadual na cidade de Salmourão¹³ – de autoria do deputado Olavo Horneaux de Moura – eleito suplente pe-



Vista parcial do pátio interno da escola



Acervo/FPMSCS

Aspecto panorâmico do Centro Educacional São Caetano Di Thiene, no qual podem ser vistos os edifícios do Teatro Municipal Paulo Machado de Carvalho (em primeiro plano), do Centro de Recuperação Infantil, depois Fundação Municipal Anne Sullivan (atrás do prédio do teatro) e do Ginásio Vocacional (à direita)

lo Partido Democrata Cristão (1963-1967). Moura, na condição de suplente, assumiu a cadeira apenas em alguns períodos. Talvez esse detalhe tenha possibilitado ao então deputado estadual sul-são-caetanense Oswaldo Samuel Massei – aliado político do prefeito Hermógenes Walter Braido – alterar

totalmente o projeto original, substituindo a criação do ginásio de Salmourão pelo de São Caetano do Sul. Assim, a lei nº 9.200, de 22 de dezembro de 1965, criou o Ginásio Estadual de Vila Santa Maria.

Foi encontrada outra correspondência do gabinete de Braido sobre a instalação da escola

vocacional em São Caetano do Sul. Trata-se do ofício nº 880, de 5 de maio de 1967, também endereçado à coordenadora do SEV, em que o chefe do executivo sul-são-caetanense agradeceu a presença da professora Maria Cândida S. Camargo Pereira, representante do SEV, para examinar as futuras instalações

do Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria. Enfatizou que o processo estaria na Secretaria de Educação, com despacho favorável do governador Roberto Costa de Abreu Sodré.

O ofício nº 701, de 4 de março de 1968, revela o protagonismo do prefeito: a correspondência foi enviada diretamente ao governador Abreu Sodré, e não para o secretário de Educação. Faz relato sobre as escolas recém-fundadas e a implantação do Colégio Comercial, destacando a criação da unidade do Vocacional como ápice da política de educação do município, e oferece as instalações já em fase de acabamento: 33 salas de aula, área construída de 12.000 m², dezenas de salas-ambiente, dependências para laboratórios e 1.000 m² para oficinas, e reivindica:

Pedimos vênias para recordar ao ilustre governador a autorização concedida, segundo informações que chegaram ao nosso conhecimento, para instalação do 2º ciclo do Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha” no Brooklin Paulista e do Vocacional de Batatais.

Todas as ponderações ora apresentadas ensejam, a nosso ver, oportunidade para que se instale, neste Município, o Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria.

Na sequência, apresenta proposta de parceria: o município entraria com a cessão do prédio e instalação – móveis e equipa-

mentos – e caberia ao governo estadual a indicação e manutenção do corpo docente. Agradece destacando a expectativa favorável da população diante dessa reivindicação e convida o próprio governador para inaugurar a obra, no próximo dia 22 de março de 1968.

A resposta do governador Abreu Sodré foi rápida e propositiva. O ofício foi encaminhado ao secretário de Educação em 5 de março de 1968, com carimbo de URGENTE em letras garrafais e o seguinte despacho: “Há interesse do Estado no convênio (ilegível). Desejo estudos urgentes, (ilegível) no próximo despacho”. A reivindicação do prefeito foi prontamente acatada.

São Caetano do Sul, a cidade *Onde escola não é problema*, tornou-se sede do governo estadual na Semana da Educação – de 9 a 14 de março de 1968, conforme reportagem publicada pelo *Jornal de São Caetano* em sua edição de 17 de fevereiro daquele ano. O prefeito Braido aproveitou o ensejo para instituir março como o Mês da Educação, inaugurando várias escolas. Sua articulação política foi exitosa, e o governador Abreu Sodré inaugurou o Centro Educacional São Caetano Di Thiene no dia 22 de março de 1968, sendo que o prédio do Vocacional integrava esse complexo educacional, localizado em área do antigo Bosque do Povo, na Vila Santa Maria (hoje, Bairro Santa Maria). Além do

Ginásio Vocacional, o Centro Educacional São Caetano Di Thiene contaria com um Centro de Recuperação Infantil (depois Fundação Municipal Anne Sullivan) e o Teatro Municipal Paulo Machado de Carvalho.

Em reconhecimento ao apoio reservado pelo governador à concretização de tal projeto, o edifício do Ginásio Vocacional recebeu, por meio do decreto municipal nº 3.086, de 13 de março de 1968, o seu nome: Roberto Costa de Abreu Sodré.

Sobre a escolha do município de São Caetano do Sul, Oscar Garbellotto, diretor de Educação e Cultura¹⁴ da época, deu o seguinte depoimento ao *Memórias do ABC*¹⁵:

São Caetano na época já tinha uma maturidade muito grande em termos de educação, tanto é que há um slogan que definia bem o município, “São Caetano, onde escola não é o problema”. Isso porque a intenção do governo, desde o seu início, era resolver o problema educacional. Isso foi se desenvolvendo muito eficientemente. A vinda de uma Escola Vocacional para cá, em minha opinião, foi o resultado (...). Tanto é que em certa ocasião fomos visitados por três membros da Casa Civil, da presidência da República, exatamente para verificar o que estava acontecendo em termos de educação em São Caetano. Eu quero crer que isso chamou atenção não somente do governo central, como de todos os meios edu-

cacionais. Isso, a meu ver, chamou atenção também do Vocacional. (...) e São Caetano foi procurado por agentes exatamente desse ramo educacional para instalar-se aqui. O Braido gostou da ideia, apoiou a ideia, tanto é que cedeu um dos prédios, em fase final de construção, para que se instalasse o Vocacional. Isso foi feito muito naturalmente. Nós visitamos o Vocacional em São Paulo, por várias vezes, para ter uma ideia do que se tratava efetivamente o seu método educacional, o que oferecia ao aluno.



Alunos em foto tirada na entrada do Teatro Municipal Paulo Machado de Carvalho no final da década de 1960

Metodologia do Vocacional -

Os eixos temáticos variavam de acordo com a série do curso secundário, progressivamente: 1ª série: Cidade - 2ª série: Estado - 3ª série: País - 4ª série: Mundo.

Estudo do Meio - Há registros de que o Estudo do Meio já fazia parte do currículo das classes experimentais¹⁶, mas foi no Vocacional que ganhou amplitude. O estudante saía do ambiente escolar para entrar em contato com a realidade. Todavia, os estudos do meio não podem ser confundidos com passeio ou excursão, não eram realizados ao acaso, tudo era planejado na unidade pedagógica. Tais atividades foram lembradas pelos ex-estudantes:

“Nós fizemos uma visita ao Teatro Municipal de São Paulo, eu nunca tinha entrado lá e depois disso nunca entrei mais, achei



Dois blocos do conjunto de prédios do Ginásio Vocacional em foto do final da década de 1960, aproximadamente

maravilhoso. (...) O teatro é lindo por dentro e nós assistimos ao ensaio da orquestra sinfônica. Foi maravilhoso, eu fiquei boquiaberto com a grandeza do teatro e o concerto foi lindo também, foi marcante.” (Conrado Meriqui, turma de 1968)

“Nessa semana mesmo eu fui ao teatro na Fundação Armando Álvares Penteado (*Faap*) e estava contando para os meus amigos que me lembro que nós fomos visitar a Faap (*com o Vocacional*) e tinha alguns textos, não sei se do próprio Álvares Penteado, que me inspiraram muito. Eu passei a escrever muito depois dessa visita (...). Lembro-me dos matinais, em que nós íamos ao Theatro Municipal ouvir música clássica. A primeira vez que eu entrei no Municipal foi com o Vocacional e acho que a primeira vez que eu ouvi música clássica também.” (Sandra Mara Cavasini, turma de 1968)

Pela especificidade de São Caetano do Sul, o Estudo do Meio também acontecia em algumas fábricas:

“Eu cheguei a ir à Pan (*fábrica de chocolates*), o que foi maravilhoso! Ainda era época próxima da Páscoa, eles estavam fazendo ovos de Páscoa. Nossa, foi muito legal ver, porque a linha de produção é fantástica. Fora o que a gente comeu de chocolates e balas. (...) Eles deram pra gente. Foi uma visita muito legal, vimos todo o pro-

cesso de produção do chocolate.” (Marilda Schnel, turma de 1969)

“Eu me lembro que a gente veio fazer uma visita na Coferraz, na época acho que o nome era Margarido Pires. (...) Nossa, que fantástica essa visita: ver como o aço era trefilado (...), eu tinha 13 anos de idade, ver aquelas pessoas pegando aqueles vergalhões (*aço usado em construção civil*) que vinham vermelhos.” (Hermínio Ferrari Filho, turma de 1968)

“Em uma das visitas, minha turma foi conhecer a Represa Billings, para ver como era feita a limpeza da água (...) a filtração... E era muito lindo! Eles contaram que desceram para ver todos esses processos. (...) O pessoal foi visitar a Caverna do Diabo (...). Eu não fui.” (Jane Ida Louzada Lamattina, turma de 1968)

O depoimento de Christiana Monteiro de Siqueira Pontes, professora de Francês, elucidada a metodologia utilizada:

“Eu não conhecia alguém ou algum colégio que tivesse trabalhado com Estudo do Meio. Ele vinha enriquecer o assunto apresentado na unidade pedagógica: então vamos supor, vamos trabalhar a nossa comunidade, então, a partir disso, vamos tirar algumas lições, algumas ideias: (...) ‘Como é a cidade em que moramos?’ Então vamos fazer Estudo do Meio. (...) Nós íamos levar alunos para

a cidade, para o Centro, porque o Vocacional era afastado, e mostrar para os alunos a importância da sua disciplina ali. (...) E chegou a minha vez (*aula de Francês*). (...) Descobri que nos Correios havia toda uma nomenclatura no idioma e foi para lá que nós fomos: verificar a importância do Francês na comunicação. Naquela época, nós mandávamos cartas (...). Então nós tínhamos essa missão de mostrar a realidade onde o aluno vivia, trabalhando vários assuntos. Cada bimestre era um tema e cada bimestre tinha um Estudo do Meio. Nós queríamos enriquecer a visão do aluno para realidade em que ele vivia. Isso era muito importante: conhecer-se e conhecer a realidade, a cidade onde mora e, depois, futuramente fazer alguma coisa em prol da localidade, que era o que esperávamos.”

O documento *Fundamentação teórica do trabalho educacional dos Ginásios Vocacionais* apresenta uma reflexão sobre a importância da junção entre o aprendizado conceitual e a vivência.

A distância entre a configuração conceitual e a vivência plena se estabelece cada vez que a aprendizagem é apenas intelectualizada sem encontrar correspondência no mundo vivencial. Exemplificando, poderíamos dizer que a responsabilidade dos jovens só se desenvolve quando o educador cria situações para que possa ser praticada. Afirmar apenas – “Você

deve ser responsável não leva ninguém a sê-lo”. O mais profundo tipo de experiência é aquele do qual o jovem participa plenamente – configura o problema, estabelece os objetivos, descobre os meios, executa a ação, avalia seus resultados. (SEV, 1966, p. 36)

Trabalho docente - Como já mencionado, o SEV tinha autonomia inclusive na contratação do corpo docente e administrativo. A preferência era por jovens universitários, que, antes da contratação, passavam por treinamento.

“Antes de tudo isso eu passei três meses sendo preparado para dar aula. Aí a minha preparação foi na Avenida Portugal, na sede do Vocacional.” (Antônio Aracilio Petrin, professor de Teatro)

“Acho que foram quatro meses (...). Eram aulas ministradas pelos próprios técnicos do SEV, professores da Universidade de São Paulo, e nós tínhamos também estágio em diferentes salas de aula, na nossa área específica. Tínhamos grupos de estudo com os técnicos do SEV, visitas a alguma unidade do Vocacional do interior. Uma bibliografia imensa para ser lida, com apresentação de relatórios a cada final de mês. Foi um curso muito puxado. Eu me lembro que foi a época que mais estudei, o final do curso era uma situação simulada. Então, foram formados vários grupos com um professor de cada área e dado um

tema de unidade didática (*unidade pedagógica*) para que fizéssemos o planejamento com uma simulação de reunião pedagógica no Vocacional. Felizmente eu fui selecionada e comecei a minha carreira como professora. No Vocacional, eu aprendi muito. Eu acho que valeu como um curso de especialização, de mestrado.” (Dirce Martins Morra, professora de Educação Doméstica)

“A gente tinha que ler e estudar. A Maria Nilde (*coordenadora do Serviço de Ensino Vocacional*) exigia e fazia cobranças sobre isso. (...) Ao terminar uma disciplina, ela fazia uma chamada oral. (...) Havia uma comunhão de trocas muito grande, entre nós, professores. Além dessa direção (*de cada unidade do Ensino Vocacional*), tinha dois outros tipos de orientações: a orientadora pedagógica, que olhava o material que a gente ia dar para os alunos: lia e discutia com a gente (...), e a orientadora educacional, que era quase uma psicóloga, que tinha um trabalho muito intenso no processo da relação dos alunos com os professores e vice-versa. Era tudo muito bem trocado, tudo muito bem articulado.” (Ernesta Zamboni, professora de História)

As pessoas se candidatavam para a docência no ensino vocacional, participavam do curso preparatório e, ao final – segundo o desempenho no curso –, eram contratadas.

“No último ano de faculdade, eu tomei conhecimento do Serviço de Ensino Vocacional. Eu achei o máximo (...). Seria uma maravilha me candidatar para trabalhar no curso de História no Vocacional e fiz todo aquele curso anterior, que existia para selecionar professores. (...) Então eu fiz toda a preparação direcionada para ir para São Caetano e foi o que aconteceu. (...) Eu fiz estágio pelo Vocacional em Americana e fiz estágio também no colégio de Aplicação.” (Florence Maria White de Vera, professora de História)

“Para entrar no Vocacional você passava por um curso, uma preparação para entender todo o processo de aula, toda a metodologia. Então, era tudo muito diferente, a linguagem era toda diversa de tudo o que eu tinha visto no mundo, que tinha aprendido, tanto que os meus contatos foram até se modificando. Era tão diferenciado que até as relações com meus amigos foram sendo um pouco machucadas, porque a linguagem passou a ser outra.” (Maria Zair Aguiar Nunes, professora de Artes Industriais)

Além do curso inicial, o processo de capacitação era contínuo:

“O sistema do Vocacional tinha um cuidado muito grande com a formação e atualização dos professores. Semestralmente, a gente se encontrava em São Paulo para reuniões de estudo, de atualizações com a Maria Nilde e com

as orientadoras (*supervisoras das disciplinas*) daqui de São Paulo.” (Maria Zair Aguiar Nunes, professora de Artes Industriais)

A contratação do corpo docente e a jornada de trabalho eram diferenciadas.

“Era tudo bem diferente das outras escolas que existiam na época. Nós éramos contratados por período integral, nós dávamos um determinado número de aulas, do qual eu já não me lembro com certeza, mas tínhamos *janelas*, que eram horários livres para preparação de textos, correção de provas, reunião de professores. Nós ficávamos o período integral na escola, mas não era o período todo dando aula, eram tempos reservados para os professores tratarem do preparo das próximas aulas. (...) Lá era tudo englobado no seu horário. (...) Nós ficávamos realmente trabalhando porque tinha que apresentar trabalhos para o mimeógrafo, tinha uma sequência de trabalhos para entrar, tinha apresentação dos textos que eram discutidos entre outros professores (...). As salas de professores eram por núcleo de matérias e não uma sala enorme que abrangesse todo mundo.” (Florence Maria White de Vera, professora de História)

Outra singularidade do ensino vocacional eram as condições adequadas de trabalho:

“O ensino vocacional entusiasmava qualquer professor, primeiro

porque o professor era contratado por 40 horas e ganhava-se muito bem por isso, então você queria dar o máximo, mesmo que você tivesse três aulas no dia você ficava lá das 8hs às 17hs, à disposição para uma reunião, para preparar aulas, fazer material didático. (...) Nós não adotávamos livros, trabalhávamos com textos escolhidos a dedo, para trabalhar aquele assunto da unidade pedagógica. (...) Você escolhia autores diversos, livros com visões de diferentes autores, não ficava amarrado a um livro só, era importante isso.” (Christiana Monteiro de Siqueira Pontes, professora de Francês).

No ensino vocacional, a jornada de trabalho dos professores era de tempo integral. Havia salas de professores por área, locais onde as aulas e demais atividades eram cuidadosamente planejadas.

Unidades Pedagógicas - A duração da unidade pedagógica era de um bimestre. Para situar o leitor, transcreve-se a definição da professora Maria Nilde:

Unidade pedagógica é a ferramenta básica que alavanca o currículo. Cada unidade pedagógica tem como norte uma questão ou afirmação reveladora de problemas desencadeados pelo *core-curriculum*. Portanto, a unidade pedagógica se inicia com um debate a partir de um questionamento ou sobre um problema. Na discussão inicial, todos os alunos tomam parte: e a experiência de partici-

pação, da qual resulta um plano de estudo da classe. Na unidade pedagógica sempre se recolhem dados de campo; aliás, a própria unidade pedagógica pode decorrer de um Estudo do Meio. Há também a situação em que se debatem temas cujo aprofundamento se dará através de palestras de professores ou especialistas com satisfatório domínio dos assuntos em questão. Logo após, a equipe de professores e orientadores deverá apresentar os conceitos, abordagens e trabalhos práticos envolvidos naquela unidade pedagógica. (MASCELLANI, 2010, p. 106)

Estas “unidades pedagógicas” traduziam a ideia de tema gerador, abordado em Estudos Sociais – área que constituía o eixo integrador de todas as disciplinas do currículo – trabalhadas em todas as áreas do conhecimento, e constituíram uma contribuição única na história da educação brasileira, ainda hoje discutidas e aplicadas. (TAMBERLINI, 2001, p. 72-73)

Na organização curricular do ensino vocacional havia um conceito central e mobilizador da área de Estudos Sociais, o *core-curriculum* que, em forma de questão ou problema, desencadeava o movimento de integração de todas as disciplinas. Definida a plataforma - a questão-problema -, na etapa seguinte ocorria sua investigação durante o bimestre, transversalmente, em todas as disciplinas.



Uma das dependências internas do Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria. A porta, ao fundo, levava à sala na qual foi projetado um estúdio de gravação. Destaque para os móveis que compuseram um órgão holandês de tubos



Alunos nas dependências externas do Ginásio Vocacional em foto do final da década de 1960, aproximadamente



Alunas praticando basquete durante uma aula de Educação Física, disciplina ministrada pela professora Mitsuko Ikeda. A ex-jogadora Hortência de Fátima Marcarí foi aluna da escola, chegando a integrar a sua equipe dentro da modalidade que a consagrou mundialmente

Etapas de avaliação da Unidade Pedagógica

ETAPA 1

- Avaliação dos estudantes para verificar se os objetivos foram atingidos;
- Autoavaliação dos estudantes;

ETAPA 2

- Discussão em sala de aula das autoavaliações (uma a uma eram apreciadas e discutidas);
- Avaliação dos professores pelos alunos;

ETAPA 3

- Avaliação de todo o processo pelos professores, orientadores e direção.

Vale acrescentar que o vínculo entre uma unidade pedagógica e a subsequente não era apenas temático, ou seja, não se referia aos temas fundantes do currículo que se desenvolviam progressivamente (cidade, Estado, país, mundo), mas problematizador, porque uma síntese remetia à outra plataforma.

“O conteúdo era organizado dessa forma, através de unidades pedagógicas: em uma aula-plataforma lançava-se uma unidade e cada professor, em sua área específica, ia procurar desenvolver aquilo. Então, aprofundar e introduzir conceitos. O conteúdo vinha da realidade, por isso exigia do professor um estudo constante dos fatos, da economia, de tudo.” (Dirce Martins Morra, professora de Educação Doméstica)

“O curso era criado por bimestre. O bimestre tinha um tema, que era desenvolvido por todas as áreas. (...) O estudo era a família. Então, como que se desenvolvia isso? Tinha uma pesquisa de campo muito interessante, levar os alunos a conhecer a comunidade. Sair com os alunos de dentro da sala de aula, visitar

as famílias. E eu também levei os meus alunos para conhecer as famílias da região. Então, como que era dividido? Tinha a família pobre, a família classe média baixa, classe média alta e uma provável família mais rica, vamos dizer assim. (...) Colhendo esse material todo levamos para dentro da sala de aula. Eu dividi os alunos em vários grupos e cada grupo estudou uma família (...). A gente conseguiu traduzir com essa técnica do teatro o que era a família de São Caetano do Sul (...) foi uma experiência muito interessante.” (Antônio Aracilio Petrin, professor de Teatro)

“Então, os grupos de trabalho tinham sempre um coordenador, um redator e um relator. Se o grupo era de cinco, os outros dois (sem cargos específicos) não deixavam de ter compromissos. (...) O coordenador recolhia todas as informações dos trabalhos individuais (dos componentes do grupo) e organizava todas essas informações. O redator escrevia a conclusão do grupo (...) e o relator explicava (*para a classe*) o que o grupo tinha feito (...). A professora colocava na lousa, a classe discutia o que cada grupo tinha feito e, depois da discussão, chegava-se a uma conclusão de classe. (...) Depois era realizada uma assembleia com todas as salas para uma conclusão geral (...). E isso era surpreendente porque se discutia. (...) Então essa valorização (...) nós como alunos éramos participantes desse trabalho.” (Ana Maria Benucci da Silva Paes, turma de 1969)

A fala da ex-aluna resume o desenvolvimento da unidade pedagógica, ela não se recorda da nomenclatura de cada fase, mas sua vivência enriquece este estudo. Nem mesmo descrições de estudiosos traduziram com tanta precisão o que era uma unidade pedagógica.

A pesquisa de campo também está presente nas memórias dos ex-alunos:

“A metodologia de ensino nos ensinava a pensar. (...) Primeiro pensávamos na comunidade dentro da escola, depois na comunidade em torno da escola. Eu me recordo muito bem que na época eu peguei um

perímetro entre a Avenida Kennedy, próximo ao Vocacional e a Alameda São Caetano. Então íamos fazer entrevistas nas casas das pessoas para começar a abrir o nosso universo. Depois de pensar em nós, na escola, na comunidade, nós pensávamos na cidade. Ali começamos a ter noção de espaço.” (Cristina Sernagiotto Soares, turma de 1968)

Os temas a serem estudados estavam relacionados à realidade, ao contexto da comunidade na qual a escola estava inserida, os resultados de pesquisas sobre a comunidade precediam o planejamento curricular. No caso do Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria, as entrevistas do exame de admissão ofereceram material para a elaboração de um diagnóstico da população local, ponto de partida para o planejamento de cada disciplina. Dados que, posteriormente, foram enriquecidos por pesquisas de campo, conforme os relatos a seguir:

“Nós começamos a estudar a família (...). Íamos às casas fazer pesquisas, eu ia à casa da Vila São José, que foi a escolhida, para saber a renda per capita, quantas pessoas moravam, quais eram os costumes.” (Jane Ida Louzada Lamattina, turma de 1968)

“Nós tínhamos muito contato com a comunidade (...). Íamos para os bairros fazer entrevistas. Então, nós íamos para a rua bater nas portas e perguntar ‘quantas pessoas moravam na casa? Quem trabalhava? A renda familiar?’. Um minicenso, eu me lembro direito disso (...) acho que foram as primeiras vezes que saí na rua sozinha, porque ia para o Externato Santo Antonio (*onde cursou o primário*) de ônibus da própria escola e, de repente, estava nas ruas de São Caetano entrando nas casas das pessoas. Nunca tive nenhuma experiência negativa, era muito interessante, nós ficávamos muito entusiasmados porque a gente ficava sabendo como as pessoas viviam, às vezes contavam histórias e a gente ficava impactada com a história de vida da pessoa, isso marcou muito a minha vida no Vocacional. As visitas eram sempre em grupo, nós voltávamos para a escola e tinha um trabalho para fa-

zer em cima daqueles dados.” (Sandra Mara Cavasini, turma de 1968)

Estudar desde o cotidiano de uma família para, posteriormente, comparar com questões nacionais ou mundiais demonstra a ideia de movimento da organização curricular, em espiral.

“Coisa de menino” e “coisa de menina” - Na metodologia do ensino vocacional, criada em 1961, já havia a concepção de igualdade entre os sexos, ou seja, no que se refere ao aprendizado não havia uma atividade específica para menino e outra para menina, o ensino integrado também atuava nesse contexto.

“Na verdade, o Vocacional pretendia preparar a pessoa para a vida, para ser independente, para cuidar de si e cozinhar, lavar, pregar botão, isso faz parte, não importa se é homem ou mulher. Hoje o mundo mostra que é isso mesmo.” (Dirce Martins Morra, professora de Educação Doméstica)

“Como eu falei, não tinha essa coisa de menina e menino, então na Economia Doméstica (*aulas de Educação Doméstica*) íamos cozinhar, então duas pessoas lavavam a louça e duas picavam cebola. Era essa a definição, mas ninguém falava: ‘Menino lava a louça e menina não’, então... não tinha essa coisa.” (Hilda Heise, turma de 1969)

“Educação Doméstica tinha uma cozinha enorme, vários fogões, pias, a gente cozinhava também, eu não gostava muito, (...) aí fiz um pão de pimentão que achei uma delícia. Passei a comer pimentão depois desse dia, me lembro até hoje, foi interessante, foi bom.” (Conrado Meriqui, turma de 1968)

“Não havia diferença entre meninos e meninas porque nós éramos divididos assim, por exemplo: três grupos para Artes Plásticas e três grupos iam para a Educação Doméstica (...). Eu achava muito legal porque todo mundo fazia tudo, não tinha preconceito, não existia preconceito. Lá não tinha ‘você é menina você tem que fazer

isso' ou 'você é menino...?', nada disso, todo mundo fazia tudo." (Susete Castelhana, turma de 1970)

"A gente tinha aula até de culinária, tinha uma cozinha montada. Então eram meninos e meninas juntos. Não havia preconceito nenhum, eu não me lembro. Eu me recordo de que a gente tinha aula de costura. (...) Um menino fez uma barra em um pedacinho de pano que a gente tinha para treinar, ele fez a barra tão bem-feita que foi superelogiado e era um menino, então não tinha preconceito nenhum." (Lucia Ângela Orrico Schiavo, turma de 1969)

"Na aula de arte culinária (*Educação Doméstica*), os meninos aprendiam a fazer brigadeiro, arroz, feijão. Era essa dinâmica que fazia a diferença da escola." (Sueli Aparecida Nogueira Ferreira da Silva, turma de 1968)

"Educação Doméstica era a parte que tinha cozinha. Você aprendia a lavar louça, cozinhar, fazer bolo, torta. Nós fazíamos várias atividades lá dentro: pregar botão em camisa, fazer barra de calça, remendar um tecido, emendar, fazer um tapetinho. Todos (*meninos e meninas*) faziam tudo. Inclusive os grupos já em conjunto: quatro ou cinco alunos, masculino e feminino, e a gente desenvolvia uma receita (...) e planejava 'tal dia vamos fazer um bolo', então cada um levava um produto e a gente fazia o bolo e comia. Eu gostava

muito do rocambole de carne, que era recheado com ovo, muito gostoso! Sericaia era um doce que a gente fazia no liquidificador, eu fazia sempre na minha casa." (Ernesto do Carmo Zambotto, turma de 1969)

"A Dirce era minha professora de Educação Doméstica. Na minha casa, por ter sido filha única, eu não podia fazer nada porque a minha avó limpava a casa e a minha mãe fazia faxina uma vez por semana. Eu não sabia lavar, passar, cozinhar, não sabia fazer nada, porque elas não me permitiam, aí aprendi no Vocacional e os meninos também. (...) Eles faziam tudo, punham avental, às vezes riam, às vezes brincavam, mas levavam a sério aquilo, era muito gostoso a gente ter aquela união." (Norma Sueli Joaquim, turma de 1970)

"A gente tinha uma sala onde era montada uma casa (sala ambiente de Educação Doméstica), então a gente aprendia a lavar louça, arrumar uma cama, a cuidar de um bebê, dar banho, trocar fralda, fazer mamadeira, até depois a gente tomava as mamadeiras que eram muito boas. A gente não tinha essa distinção: 'menino não faz', 'menina faz'. Não! Tanto a gente fazia Artes Industriais: de pegar em martelo, serra, estas coisas, como eles faziam coisas de casa também." (Marilda Schnel, turma de 1969)

"Educação Doméstica também foram aulas muito legais, onde a

gente aprendia a cuidar da casa, limpeza, manutenção (...). A gente levava os apetrechos, por exemplo: vamos fazer arroz com bife, o grupo se reunia comprava o arroz, o feijão, o bife e levava para lá, para lá elaborar, o pastel, o macarrão e era muito bom fazer isso e depois deixar tudo limpo, era legal. Os meninos aceitavam tranquilamente, faziam as coisas sem reclamar, não tinha aquele preconceito, era algo muito bom." (Silas Otoniel Rodrigues, turma de 1968)

"Economia Doméstica era uma casa (a sala ambiente), tinha a cozinha com armários, fogão, geladeira bonitinha, uma mureta baixa, aí tinha o que poderia ser uma sala de jantar: quando se juntavam todas as mesas e, quando separadas, dava para reunir quatro grupos para estudo. E, separado por um painel (...) a sala de visitas. Então, quando eles recebiam para lanche, para almoço, primeiro eles recebiam o convidado na sala, batiam papo e depois levavam para o lanche." (Dirce Martins Morra, professora de Educação Doméstica)

"Eu tinha lá uma oficina montada de marcenaria completa, parte elétrica completa, com tudo, parte de cerâmica com forno. Foi uma experiência maravilhosa, os alunos gostavam muito da aula (...). Antes de fazer qualquer coisa, eles projetavam e só depois executavam o projeto. Foi muito interessante. Teve aluno que fez coisas para vender. Tem uma amiga mi-

nha que comprou coisas feitas por eles (...) era um estímulo para eles. Foi muito interessante.” (Maria Zair Aguiar Nunes, professora de Artes Industriais)

“As aulas de Artes Industriais eram maravilhosas. Nós aprendemos a mexer com madeira, com eletricidade, com couro. Lembro que fizemos um fichário de couro.” (Cristina Sernagiotto Soares, turma de 1968)

“Eu me lembro de que curti muito Artes Industriais. Fiz uma banqueta de madeira com corda trançada, que depois foi para exposição. Fiz um tamanco e também uma bolsa de couro.” (Lucia Ângela Orrico Schiavo, turma de 1969)

“Era uma escola arejada, aberta, onde você podia falar, onde você podia se expressar (...). A gente foi pegando gosto, então foi aí que eu comecei com Artes Industriais e tomei gosto por trabalhos manuais. Na minha casa hoje, só entra um técnico numa última circunstância, porque quem faz tudo sou eu, desde troca de lâmpada, instalação elétrica ou quando queima algum aparelho. Tudo isso nasceu no Vocacional porque era ali que a gente aprendia, eu me lembro do primeiro trabalho que fiz. Foi uma sacola de couro, depois foi uma espátula de madeira ipê, me lembro de que a mão da gente era pequenininha para lixar. Muitas saudades dessa época.” (Hermínio Ferrari Filho, turma de 1968)

“Em Artes Industriais, também não existia essa coisa de homem e mulher pode fazer isso ou pode fazer aquilo. Todos faziam a mesma coisa: uma menina também aprendia a pregar prego. Eu fiz bandeja de alumínio, aprendemos a fazer marchetaria com martelinho de bola, a serrar madeira (...). Fazíamos muitas atividades práticas, também trabalhamos com couro. (...) Essas atividades faziam com que a gente desenvolvesse a criatividade, a organização e responsabilidade.” (Laura David, turma de 1969)

Convém esclarecer que o diferencial do ensino vocacional não era a existência dessas disciplinas – Artes Industriais, Educação Doméstica, Práticas Comerciais, Artes Plásticas, Educação Musical – na grade curricular, mas o ensino integrado, transversal.

“Nas Artes Industriais, nós chegamos a fazer uma estante. Não existia essa definição de menino e menina, então era bem democrático, duas pessoas lixavam, duas cortavam e outras duas pregavam. Essa era a regra, não existia outra. (...) A Maria Zair era uma professora ímpar, a aula era bem dinâmica porque ela tinha que estar em cima dos alunos para não se machucarem, porque nunca ninguém tinha pegado num serrote ou martelo antes.” (Hilda Heise, turma de 1969)

“O importante de tudo isso é que o nosso estudo também era dife-

renciado, porque em uma turma de 30, 40 alunos, éramos divididos em duas turmas, então metade ia para a aula de Artes Industriais e a outra para Artes Plásticas, e depois trocávamos. Assim a aula ficava com um número reduzido de alunos para que a gente pudesse ter um aprendizado. Eu me lembro até hoje de que em Artes Industriais nós fizemos a planta de uma casa num Eucatex. Primeiro desenhamos o projeto, a arquitetura e depois fizemos esse Eucatex para fazer a instalação elétrica. Nós, literalmente, demos luz à casa. Isso era muito interessante!” (Jane Ida Louzada Lamattina, turma de 1968)

“Artes Industriais tinha uma oficina montada para a gente fazer os trabalhos. A gente fazia desde o desenho técnico até a execução toda do projeto. Destas aulas eu, até hoje, o que eu sei de desenho técnico foi o que eu aprendi lá. E hoje eu ainda uso, porque eu trabalho em uma empresa que faz algumas coisas com desenho, então eu consigo dar uma acompanhada. Não sou assim... *expert*, mas consigo ver e entender um desenho, graças às aulas de Artes Industriais.” (Marilda Schnel, turma de 1969)

“Quando eu fui para a indústria, eu vivi como mecânico, quase um engenheiro mecânico, eu participava de reuniões na Volkswagen e eles abriam os desenhos da Alemanha. Eu aprendi a olhar a escala, percebia os cortes, medidas... eu aprendi medidas no Vocacional, a trabalhar com aquela

régua triangular, que é uma régua de escala, trabalhar com régua T, planta, elevação e lateral (...). Então, essa parte eu aprendi no Vocacional.” (Roberto Lino de Oliveira, turma de 1969)

“Você não fazia nada sem planejar. Tudo tinha que ser planejado cuidadosamente, discutido, para depois você atuar. Isso é muito importante. Os alunos passavam por avaliação constantemente e eram olhados como gente. Não era mais um na escola. Eles tinham um nome, eles eram conhecidos, sabe? Era uma realidade muito diferente.” (Maria Zair Aguiar Nunes, professora de Artes Industriais)

Práticas Comerciais também foi uma disciplina marcante:

“Quem tomava conta da cantina éramos nós. Cada dia era um grupo de uma classe, formado por cinco ou seis alunos (...). O grupo que tomava conta em determinado dia tinha de fazer a venda dos quitutes, fazer o caixa, receber, cobrar (...) a gente aprendia (...). Terminava o recreio, fazíamos o caixa central e repassávamos esse dinheiro para a contabilidade da escola. Era muito legal e ali eu aprendi a manusear o dinheiro (...).” (Silas Otoniel Rodrigues, turma de 1968)

“Além das matérias curriculares normais, a gente tinha Práticas Comerciais, que eu adorava (...). Até hoje lembro de coisas, lembro e aproveito de coisas que eu aprendi. Porque a gente aprendia

toda a parte comercial, de livro-caixa, administração.” (Marilda Schnel, turma de 1969)

“Em Práticas Comerciais, o professor Milton Lopes ensinava a gente a preencher cheques, duplicatas, notas promissórias, fazíamos contratos, livro-caixa de entrada e saída. Inclusive nós tínhamos uma mercearia lá, um barzinho com a lanchonete (*cantina escolar*) onde fazíamos lanches e vendíamos para os alunos. (...) Tinha que fazer a lista, compras (...), fazer lanches, vender refrigerantes (...) e prestar contas para o professor.” (Ernesto do Carmo Zambotto, turma de 1969)

Artes Plásticas também foi uma disciplina importante na formação daqueles juvenzinhos:

“Para ensinar desenho artístico, o professor nos levou para o lado de fora. Sentamos na sarjeta da calçada do outro lado da rua para olhar os prédios, porque são dois blocos, então aprendemos a desenhar com perspectiva, ali ao vivo, com prancheta, folhinha de papel, e desenhando os prédios, ele foi dando as dicas para dar o efeito de perspectiva (...).” (Laura David, turma de 1969)

“Teve uma exposição de artes, da matéria de Artes Plásticas, com trabalhos individuais, cada um fazia o que queria, mas normalmente associado a um membro da família. Eu fui um dos poucos que fez a escultura da mãe. Foi um momento bastante legal eu

ter ido com a minha mãe nessa exposição, houve um reconhecimento, sei lá se houve prêmio, eu não lembro. Foi uma coisa muito marcante para mim, pela liberdade de escolher o que queria fazer.” (Álvaro Ricci, turma de 1969)

(...) Se eu estivesse numa coisa muito quadradinha, eu acho que eu não teria aberto minha cabeça para outras coisas (...) a voz daquela professora (*professora de Artes Plásticas*) me ecoa até hoje: ‘Você tem de ir para as artes’. (...) E eu fui, eu fui. Não sei se tinha que ter ido antes, depois, mas eu fui.” (Iverli de Lima, turma de 1968)

Havia a disciplina de Educação Musical, cujos objetivos¹⁷ eram: “proporcionar condições para o desenvolvimento de aptidões artísticas e conhecimento de suas capacidades e limitações”, como também o de “proporcionar condições para o reconhecimento da música como meio de expressão”, dentre outros.

“Tinha Educação Musical. Eu tive a minha flauta até há pouquíssimo tempo, quem estragou a minha flauta foi o meu netinho. (...) A gente tocava música, aprendia a tocar, era muito gostoso, tinha até coral de flautas.” (Ana Maria Copola, turma de 1969)

“A gente tinha aula de Educação Musical e nós mesmos construíamos os instrumentos, eu me lembro de que nós fizemos um ins-

Professores e alunos do Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria em foto tirada na entrada do Teatro Municipal Paulo Machado de Carvalho no final da década de 1960. Foram identificados Milton Lopes Santa Bárbara, professor de Práticas Comerciais (na primeira fila, à esquerda), Maria Aparecida Contin, professora de Educação Doméstica (de blusa verde, na segunda fileira, à esquerda) e Maria Zair Aguiar Nunes, professora de Artes Industriais (atrás da aluna de blusa vermelha). No canto direito, também de verde, está Florence Maria White de Vera, professora de História

Acervo/Memórias do ABC (Uscs)



trumento com coco, na sala de Artes , e a gente ficava lixando o coco. Tinha também as flautas que nós tocávamos com partitura no conjunto de flautas.” (Sandra Mara Cavasini, turma de 1968)

“Até hoje conheço nota musical, quando vejo uma partitura, eu sei quais são as notas musicais, (...) sei o que é sustentado (...). De música eu entendo um pouco, sei ler uma partitura não muito complexa, mas eu sei.” (Roberto Lino de Oliveira, turma de 1969)

“Nós tínhamos as aulas de Educação Musical e aprendemos flauta desde o solfejo, notas dó-ré-mi na escrita, até tocar. E era muito gostoso! Até hoje tem colegas que ainda têm as flautas. Tivemos também um coral e foi feita a seleção de quem tinha qualificação para aquele grupo. Eu não tinha (risos). Eu não consegui passar.” (Jane Ida Louzada Lamattina, turma de 1968)

O Vocacional de Vila Santa Maria era referência em diversas modalidades esportivas no município e na região do Grande ABC.

“Lá era muito diferente das outras escolas, eles incentivavam muito o esporte, a gente ficava o dia todo praticamente na escola (...). Eu comecei estudando à tarde, mas eu lembro que eu vinha na parte da manhã porque tinha atividades (...). Educação Física tinha várias atividades fora do horário (...). Era uma escola com muita gente e com muitas atividades e muitas responsabilidades.” (Ana Maria Copola, turma de 1969)

“Eu jogava basquete e handebol. Participava dos torneios da cidade, da região e do Estado. Chegamos a fazer parte de um campeonato paulista, representando São Caetano do Sul. O basquete foi muito bom. O Vocacional tinha torcida, era bem organizado. Os pro-

fessores de Educação Física lá eram bem dinâmicos.” (Gilberto da Silva, turma de 1968)

“A Educação Física era uma referência muito forte dentro do Vocacional para nós, em termos de formação. Eu não era atleta, mas sempre foi muito forte o esporte na minha vida, tanto é que eu fui fazer Psicologia Esportiva quando saí da faculdade, uma coisa que nem tinha no Brasil. A professora Mitsuko era fantástica, uma grande professora, educadora (...). O professor Laércio foi uma referência muito importante, também porque ele levou a capoeira para o Vocacional. Foi um escândalo, imagina ter capoeira na aula de Educação Física... ele tinha um grupo de handebol também muito forte”. (Sandra Mara Cavasini, turma de 1968)

“Eu nunca fui bom em esportes, mas gostava de vôlei e fazia parte do time da minha classe (...). Era muito bom, muito gostoso.” (Carlos Alberto Godoy Gimenez, turma de 1970)

“Tinha bons times de basquete e de handebol (...). O incentivo era muito grande para os esportes. Era uma escola bem localizada, bem situada nos esportes. (...) As quadras eram todas descobertas e de cimento. Eu me lembro de que teve uma época em que meus pais falaram: ‘Não, você não vai de calça nova’. Era normal a gente andar de calça remendada porque a gente ia jogar bola e um tombo naquela quadra era um furo novo na calça.” (Hermínio Ferrari Filho, turma de 1968)

“Eu jogava pela escola handebol e basquete. Representei também a escola em salto em altura e salto em extensão (...). A gente tinha também interclasses e os jogos da Primavera, contra outras escolas. Uma das nossas concorrentes era o Comercial, da Vila Gerty, mas dificilmente alguém ganhava do Vocacional no basquete e, principalmente, no handebol (...).” (Vera Lucia Garcia Licht, turma de 1968)

“Eu nunca fui muito de esportes (...) foi muito incentivado o handebol, tanto é que hoje a parte do vôlei eu

nem gosto tanto (...) o nosso parâmetro primeiro foi o handebol (...) a seleção de São Caetano teve como base a seleção do Vocacional e depois nós fomos para o basquete. (...) tinha Olimpíadas interclasses, os alunos foram direcionados para um esporte. Por exemplo, a Madalena Lacerda já foi para a parte de corrida porque ela corria bastante, então ela já foi direcionada para o atletismo. Então já foi feito campeonato, aí o campeonato interescolas, foi daí que o pessoal começou a se juntar mais ainda, porque não tinha aquele problema: você é do 1º ano ou você é do 2º ano.” (Hilda Heise, turma de 1969)

“Eu participava das equipes de esportes, jogava handebol e basquete. (...) A gente treinava muito, jogava sempre, a gente era pau pra toda obra. (...) Mas para poder jogar tinha que ter equipe de atletismo, então a gente foi fazer o atletismo (...) me lembro de que fiz corrida de obstáculos. Derrubava todos os obstáculos e as canelas ficavam todas raladas e fazia muito frio. Eu me lembro de que, depois que terminou tudo, ela veio com barrinha de chocolate para a gente restabelecer a energia.” (Marilda Schnel, turma de 1969)

“Então eu lembro que, eu lembro muito da Mitsuko (*professora de Educação Física*) porque eu joguei handebol pelo Vocacional, pelo Barcelona, por São Bernardo (...). Fiz uma carreira até 30 anos jogando handebol, e eu me lembro bem da Mitsuko, ela era excelente professora (...) a torcida era muito forte, todo mundo ia nas olimpíadas da cidade, a gente tinha olimpíadas interclasses, depois interescolas, então era muito gostoso.” (Ana Maria Copola, turma de 1969)

Os alunos que não jogavam nos times do Vocacional participavam da torcida:

“Sou extremamente míope e nunca tive uma performance boa para jogos, eu tinha para corrida. Em Andradina, eu tinha sido campeã de corrida do meu colégio, coisa que aqui eu nem procurei fazer porque tinha tanta gente boa naquele Vocacional. A minha turma e

a do meu irmão tinham tão bons atletas que o colégio era uma referência nos jogos municipais e estaduais. Eu me lembro de que delirava, porque era assim, eu não jogava bem, mas eu torcia bem. E eu torcia muito. E estava sempre muito envolvida. Tanto é que reencontrar as meninas que jogavam foi muito interessante porque eu me lembro dos nomes das equipes, dos grupos de treinamento dos jogos.” (Vanessa Meriqui, turma de 1970)

“Tinha a torcida organizada. Eu não conseguia jogar, mas participava dela. (...) Quando só as meninas tinham Educação Física, os meninos ficavam lá para torcer, participar com a gente, depois aquele grupinho se desfazia e eles levavam a gente para casa para depois irem embora. Então, era uma convivência muito sadia.” (Maria do Carmo Antunes, turma de 1969)

“Eu nunca fui de jogar nada porque sempre fui mais gordinha, então eu era plateia das meninas que jogavam basquete, eu estava na turma do ‘gargarejo’ da torcida. Então eu estava sempre torcendo, onde as meninas iam jogar, eu estava lá.” (Norma Sueli Joaquim, turma de 1970)

Nos torneios interclasses, havia disputas em várias modalidades esportivas, não apenas jogos coletivos, o que possibilitava a descoberta de talentos, a integração dos alunos entre si e a criação de vínculos com a escola.

“Eu joguei handebol durante meus quatro anos de Ginásio Vocacional, fiz parte da seleção de São Caetano do Sul, que tinha como base a seleção do Ginásio Vocacional. Além dos benefícios intelectuais, emocionais e psicológicos, isso foi um presente (...). Eu representava minha escola, minha cidade (...) nós fomos campeãs no torneio cidade de São Paulo.” (Ana Maria Benucci da Silva Paes, turma de 1969)

“Tinha muito incentivo aos esportes. Na época, havia as olimpíadas interescolares, eu não jogava, mas a equipe do Vocacional era muito boa (...) o pessoal

falava que nós éramos ‘frescos’ porque estudávamos numa escola diferente. Nos jogos, todo mundo torcia contra nós, porque ninguém queria que o Vocacional ganhasse e a escola ganhava bastante. (...) A Hortência (*ex-jogadora de basquete*) foi aluna do Vocacional”. (Jacira Marçola, turma de 1970)

“Eu jogava handebol e um pouquinho de basquete, mas o handebol era (*a modalidade*) que eu mais gostava (...). Eu cheguei a jogar com a Hortência (*pelo Vocacional*) em uma quadra ali perto da Petroquímica (*na cidade vizinha, Santo André*). Na quadra, não tinha proteção e nós começamos a fazer pontos. O pessoal invadiu e começou a chutar a gente, nós subimos correndo para o vestiário, saímos de lá com cordão de isolamento e fomos levados até o ponto de ônibus para ir embora.” (Vilma Mantovani Massa, turma de 1970)

Em entrevista ao *Jornal do Professor de 1º Grau do Ministério da Educação/INEP*¹⁸, Hortência de Fátima Marcari, apresentada pelo jornal como “a mais importante jogadora brasileira de basquete em todos os tempos”, respondeu à pergunta: “Esporte se aprende na escola?”

“É claro, a Mitsuko Ikeda, professora do Ginásio Vocacional de São Caetano do Sul, em São Paulo, foi a primeira pessoa a me dar uma bola de basquete (...) Ela me viu jogando na aula de Educação Física e me chamou para jogar no time da escola. O Vocacional dava muita importância ao ensino de Esportes. Realmente, apesar de ser uma escola pública, era diferente das demais em termos de recursos para o esporte. Tínhamos quatro quadras, material suficiente e um alto nível.¹⁹ O professor que desse aula ali era um privilegiado.” (p. 2)

Hortência destaca também outras características da escola:

“Além disso, no Ginásio Vocacional, não eram apenas a Educação Física e o esporte que eram importantes. Também outras disciplinas como Artes, por exemplo, eram muito bem dadas. Tínhamos até mesmo um tea-

tro na escola. Tive muita sorte de encontrar uma escola pública com esta qualidade, com um nível tão elevado.” (p. 2)

Alguns estudantes já trabalhavam, o que limitava a participação nos esportes:

“Eu gostava só de handebol (...) mesmo assim eu não participava muito, mas quando era aula de handebol eu ia. (...). Trabalhava. Mas era assim, a regra era trabalhar, não tinha muita conversa não. Nós fomos puxados nas rédeas desde pequenos.” (Ernesto do Carmo Zambotto, turma de 1969)

Trabalho em Grupo

“Então, hoje quando nós falamos em trabalho em grupo, o conceito que se tem é uma coisa meio desgastada já. Dá a impressão daquela história de um só que faz e todo mudo assina. No Vocacional, não era assim, tudo era muito sério, muito pensado.” (Dirce Martins Morra, professora de Educação Doméstica)

“Tudo era debate, porque a gente fazia aula, praticamente tudo em grupo, aí debatia um grupo com o outro, (...) a gente tinha muito disso, de debater as coisas, de discutir, de ver a opinião de um, a opinião do outro, para chegar a um consenso. (...) Trabalhar em equipe é uma coisa que a gente aprendeu lá, porque tudo era em equipe.” (Marilda Schnel, turma de 1969)

“Faziam dar opinião daqui, de lá, e a gente ia formando as ideias, discutindo (...). Muitos tinham opiniões diferentes da gente, um do outro, então ficávamos lá discutindo e chegávamos a um consenso.” (Ernesto do Carmo Zambotto, turma de 1969)

“Os trabalhos do Vocacional eram sempre em grupos e cada pessoa tinha um papel dentro do grupo: o redator, o relator e o coordenador.” (Sandra Mara Cavasini, turma de 1968)

“A maioria das atividades era feita em grupo (...). Era outra coisa também inovadora, porque nas outras escolas normalmente era você e o professor (...). Realmente desenvolver esse contato com outras pessoas, saber ouvir, saber se colocar dentro de um grupo, dar opiniões. Tudo isso me ajudou a saber respeitar o próximo, a opinião do próximo e saber ouvir o companheiro.” (Laura David, turma de 1969)

“Era assim: ‘Trabalho em grupo agora, gente’. Aí a gente se juntava, virava as cadeiras, ficava aquele quadrado e eles escolhiam o líder, que normalmente era eu.” (Vilma Mantovani Massa, turma de 1970)

“Eu sempre fui muito tímido (...) aí vem o Vocacional, com os trabalhos em grupo, que eram sempre muito bons. Eu conversava com todo mundo, mas se fosse algum trabalho para falar

em público: ‘Deixa de lado, eu quero ser o redator (...)’ (Álvaro Ricci, turma de 1969)

No Vocacional, havia cuidados com o bem comum.

“Cada aluno tinha sua carteira nas salas de aula, então tinha uma relação entre os alunos que se sentavam próximos. Ao chegar, você tinha que observar a sua carteira e ver se estava riscada, arranhada ou quebrada e avisar a professora (...). Você tinha responsabilidade sobre aquilo que você usava porque aquilo era uma propriedade de todos (...). Foi muito legal aprender a respeitar aquilo que não é só seu, que é de todo mundo.” (Roberto Lino de Oliveira, turma de 1969)

“No final do ano, nós pegávamos as carteiras que precisavam de manutenção porque eram todas de madeira, que precisava lixar, pintar, a gente fazia isso e fazia limpeza da escola também. Eu me lembro de uma vez que a gente lavou a escola com a mangueira do hidrante. A gente fazia esse tipo de manutenção da escola, era gostoso, porque ajuntava todo mundo (...) era muito divertido.” (Marilda Schnel, turma de 1969)

Participação dos pais - No Ensino Vocacional, os pais integravam a comunidade acadêmica e participavam ativamente do cuidado e das atividades da escola.

“Eu me lembro da minha mãe participando, fazendo comida. Para que era essa comida, eu não me lembro, mas sei que a participação dela era muito forte.” (Iverli de Lima, turma de 1968)

“Eram pessoas muito simples, trabalhadoras (*sobre as famílias dos alunos*). Eram pessoas fortes porque sabiam o valor do estudo, valorizavam muito a questão de os filhos estudarem naquela escola. (...) Era grande o envolvimento da comunidade. Por exemplo: a gente não chamava os pais só quando o aluno aprontava alguma coisa na escola, não, a gente chamava os pais para participar de atividades. (...) No teatro, quando havia plataforma das sextas séries ou de algum Estudo do Meio que eles haviam feito, as mães podiam ir lá assistir. Era sempre aberto à comunidade.” (Kátia Bastos Machado, professora de Português)

“Minha casa era muito próxima do colégio, então era um ponto de referência, e minha mãe, muito participativa (*na vida da escola*), também ajudava a fazer a comida, dava o apoio, e então todas as coisas eram muito definidas, decididas em grupo, sempre coletivamente.” (Sandra Mara Cavasini, turma de 1968)

“Meus pais e as outras famílias iam lá lavar os banheiros com a gente. Fazíamos festa junina, quermesse, (...) muitas festas para arrecadar dinheiro para reformar a escola.” (Sueli Aparecida Nogueira Ferreira da Silva, turma de 1968)



Em julho de 2022, foi comemorado o Jubileu de Ouro da formatura da primeira e da segunda turma do Ginásio Vocacional. Além dos alunos dessas duas turmas, o evento contou com a presença de três antigas professoras da escola



Outro registro da comemoração do Jubileu de Ouro das duas primeiras turmas da escola. A partir da esquerda, Ivy, Idenilde, Maria Zair Aguiar Nunes (professora de Artes Industriais), Christiana Monteiro de Siqueira Pontes (professora de Francês), Elvira e Florence Maria White de Vera (professora de História)

A vocação - Ao discutir a *utopia da vocação*, Chiozzini (2010, p. 54) explica que essa noção estava justamente no nome – Ensino Vocacional – porque a intencionalidade do projeto pedagógico era o amplo desenvolvimento das aptidões dos estudantes, a partir do conteúdo curricular tradicional, definido como “teórico”, que, associado ao conteúdo das “disciplinas práticas”, oferecia condições propícias para desenvolver as potencialidades.

Dos depoimentos coletados destaca-se a experiência de Cristina Sernagiotto Soares (turma de 1968), com a narração de sua diversificada trajetória acadêmica e profissional: “(...) Ainda deu tempo de o Vocacional me aplicar um teste (...) e neste teste vocacional o resultado foi Letras e Cerâmica”.

Pela relevância de São Caetano do Sul no segmento de fabricação de cerâmica, a unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) do município oferecia o curso Técnico em Cerâmica, no qual a entrevistada ingressou:

“Entre no Senai e estudei lá por três anos. No terceiro ano, iniciei um estágio, no meio do ano, na antiga Cerâmica Matarazzo. Quando eu me formei, no final do ano, era preciso fazer mais nove meses de estágio, foi quando fui para a Cerâmica São Caetano. Foi muito interessante porque a empresa era fechada para estágio *(a entrevistada e a amiga Elisabeth, após muita insistência, foram contratadas, como estagiárias, na referida empresa).*”

Cristina Sernagiotto Soares foi contratada após o período de estágio e trabalhou por dez anos na Cerâmica São Caetano, atuando principalmente no controle de qualidade, chegando a exercer a supervisão do setor de massas refratárias.

“Eu me considero pioneira. Em 1975, a mulher ainda era vista como aquela pessoa que ia ser secretária, ou trabalhar em banco ou seria empregada doméstica. Na Cerâmica São Caetano, geralmente trabalhavam na ‘escolha’ *(setor da Cerâmica São Caetano predominantemente de mão de obra feminina, onde eram sepa-*

rados os materiais em condições de comercialização). No setor de refratário, havia mulher e homem, porque tinham peças refratárias muito pesadas, então tinha que ter o homem. Fui muito discriminada (...) como eu era do controle de qualidade, eram brigas domésticas. Só não chegavam a falar: ‘Você é mulher, cala a boca!’... Mas de resto.”

A entrevistada graduou-se em Química e trabalhou, de 1985 a 1989, na empresa química Nalco, no desenvolvimento de tintas para as áreas de siderurgia e metalurgia. No ano de 1989, ingressou no Senai, no início para fazer ensaios físicos. Depois (em 1990), quando a unidade de Cerâmica mudou para São Bernardo do Campo, em um conglomerado que abrigava as áreas de cerâmica, plásticos e química, passou a atuar como docente. Lá trabalhou até 1992.

“Em 1993, eu saí *(do Senai)* para abrir um salão de beleza. Como a gente sempre fala, nossa turma do Vocacional é eclética. Ela vai para um lado, vai para o outro... ela se vira. (...) quando eu saí do Senai eu abri esse salão de beleza, que, infelizmente, não durou muito, só nove meses.”

Após o fechamento do salão de beleza, a entrevistada foi convidada a ingressar no recém-formado Centro Cerâmico do Brasil (entidade criada em 1993 que reúne empresas associadas do setor cerâmico brasileiro, localizada em Santa Gertrudes, interior de São Paulo), pois na região de Rio Claro, Limeira, Santa Gertrudes, havia muitas cerâmicas que, na época, eram olarias e estavam passando a fazer o chamado ‘piso via seca’. Elas estavam tirando mercado das grandes indústrias cerâmicas como Porto Belo, Eliane e a própria Cerâmica São Caetano, que ainda estava no mercado com a marca Gyotoku, em Suzano (SP). Os custos de produção dos pisos de ‘via seca’ do interior eram pequenos diante dos pisos de ‘via úmida’ das grandes marcas.

“Entreí no Centro Cerâmico do Brasil para certificar as empresas de revestimento cerâmico ‘via úmida’ (...). Eles queriam um algo a mais, um certificado. (...) Pegamos o ISO, traduzimos para a NBR 13818 (...) para que todo mundo cumprisse a norma. Só que, o que aconteceu? As empresas de via seca também cumpriam a norma dentro da categoria delas. Conclusão, teve que certificar pelo Inmetro (*Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia*). (...) Então, (...) fui “mãe” do Centro Cerâmico do Brasil, porque eu consegui que a entidade fosse credenciada pelo Instituto.”

Em 1989, concluiu sua carreira no Centro Cerâmico do Brasil para abrir a empresa Revesquale, para a prestação de serviços de assistência técnica às empresas de revestimento cerâmico, ministrando palestras em vários locais do Brasil.

“Em 2005, encerrei as atividades e me aposentei. Como não sei ficar parada, fomos morar na praia, onde permanecemos por 11 anos. Durante este período fiz curso de corretagem. Trabalhei durante cinco anos como corretora, na Praia Grande. Em 2016, minha filha engravidou e retornei para São Caetano do Sul, porque tinha que curtir a filha e a neta que estava vindo. Em agosto de 2016, a Júlia nasceu, em 2017, cuidei dela. Em 2018, comecei a fazer cursos como Inglês, Libras.”

Ensino Integrado - Essa inovação educacional tinha como base o ensino integrado.

“Tínhamos o professor Petrin, ele que iniciou a gente no teatro, então, nas nossas primeiras aulas, tinha mímica, tínhamos que trabalhar e mostrar, eu era muito tímida na época, não conseguia falar, não conseguia quase me expressar, mas fui me desenvolvendo na área. Desde a mímica até montar uma pecinha de teatro nós fizemos. E era integrado (o ensino no Vocacional era integrado), o texto era organizado pela professora de Português, ela que auxiliava a gente a fazer o texto. Aí tinha Educação Física, que também auxiliava a gente em algumas matérias. As matérias eram interligadas. (...) Tivemos uma atividade onde tínhamos que cozinhar, fazer uma refeição completa e convidar alguns professores. Fizemos o almoço e chamamos o professor Stamatto, de Educação Física, que recebeu a nossa refeição. Lembro até hoje, pena que não lembro a receita da torta de maçã que fizemos. Eu adorava aquela massa! Muito fácil de trabalhar, com muita elasticidade. Isso veio me trazer, hoje na minha vida, essa multifunção.” (Jane Ida Louzada Lamattina, turma de 1968)

“O Petrin (*professor*) foi uma pessoa que me marcou muito, porque na época também foi inaugurada a Fundação das Artes, e ele levou a nossa classe para assistir a uma

peça de teatro, foi uma peça das primeiras turmas da Fundação das Artes (...) na peça, eles falaram: ‘cataclismo’ – gente, o que é esta palavra? Para mim esta palavra era novidade. Cheguei em casa e fui olhar no dicionário (...). Isto o Vocacional dava para nós, essa curiosidade, essa iniciativa de aprender (...) não esperar o professor ensinar, você ia correr atrás da coisa. Isso o Vocacional nos deu muito.” (Cristina Sernagiotto Soares, turma de 1968)

Cabe uma explicação sobre a disciplina Teatro:

“Eu quero esclarecer que dar aula de teatro para aquela garotada não era para que eles se transformassem em atores. O objetivo da área de teatro não tinha nada a ver com formação de ator, absolutamente. Mas, utilizar das técnicas de teatro para você auxiliar, ter mais uma ferramenta para que os alunos pudessem aprender todas as outras áreas, Português, Geografia, História, enfim, tudo, através do teatro. Então era esse o objetivo da área de teatro. E foi muito interessante porque esse aprendizado era uma nova descoberta.” (Antônio Aracilio Petrin, professor de Teatro)

As salas ambientes apresentavam-se como outro recurso da proposta da escola:

“A gente tinha salas de Artes Industriais, de Artes Plásticas, de

Ciências, de Educação Doméstica. Para mim foi tudo muito inovador, foi uma coisa diferente, porque a gente nunca tinha visto uma escola desse tipo (...). Era uma vontade enorme de todo mundo entrar no Vocacional, eu gostava muito porque era tudo muito organizado, muito limpa a escola (...). Em tudo existia uma integração, a gente era muito acolhido, então foi uma escola que não dá pra esquecer, a gente nunca vai esquecer.” (Laura David, turma de 1969).

O final - O Ensino Vocacional foi extinto pelo decreto estadual nº 52.460, de 5 de junho de 1970. Todavia, a percepção dos alunos não ocorreu de imediato porque algumas atividades continuaram sendo desenvolvidas pelos professores remanescentes.

“Sentimos por essas aulas extras que a gente tinha, mas aí isso no 3º ano (em 1971). No 4º, eu já fui estudar à noite, eu trabalhava de dia. Minha vida mudou totalmente. Não sei se sentíamos falta dessas aulas, mas a maturidade me fez pensar que eu já estava em outro processo, então teria que trabalhar de dia e estudar à noite, não teria mais tempo.” (Hilda Heise, turma de 1969)

“Quando o Vocacional se tornou uma escola comum, a mudança foi lenta. Terceira e 4ª série já não teria sido mais (...) na verdade eu não senti muito isso. E da parte dos professores nunca houve, em

momento algum, falta de estímulo, e empenho deles.” (Álvaro Ricci, turma de 1969)

“Eu descobri que estava muito diferente, as matérias continuaram as mesmas no segundo ano (1970), nada foi retirado, com exceção que não tinha mais dois professores em cada sala (*em Estudos Sociais*), mas continuaram as mesmas matérias. (...) Eu percebi, a minha ficha caiu, quando os professores Mitsuko e Marciano (*ambos de Educação Física*) entregaram um texto pra gente levar pra casa (...) tinha que estudar o texto e aí disseram que iria ter uma avaliação (...). No dia da prova, ela deu um papel em que a gente tinha que responder as perguntas que estavam ali prefixadas (...) eu fui muito mal, porque eu não tinha palavras para escrever, eu não tinha vocabulário para responder... E aí a ficha começou a cair, mudamos, não é mais igual, já é estadual.” (Ana Maria Benucci da Silva Paes, turma de 1969)

O Ensino Vocacional tinha seu próprio sistema de avaliação, que compreendia o estudante na sua individualidade e sua atuação nas atividades em grupo. Tal avaliação ocorria em diversas situações, inclusive com autoavaliação. Daí a perplexidade da menina Ana Maria Benucci da Silva Paes diante de um questionário tradicional de perguntas e respostas, com apenas uma possibilidade de solução.

“É que na idade em que estávamos, 12, 13, nós, eu pelo menos não tinha muita noção do que estava acontecendo. Para mim acabou o ensino. Passou a ser um colégio normal. Toda aquela coisa boa de convívio com os professores acabou... Não tinha mais aquilo... Voltou a ser uma coisa normal. Eu senti falta dessa proximidade, da autoavaliação... No tempo do Vocacional, nós nos avaliávamos, nos dávamos os conceitos de A, B, C, não tinha nota, era completamente diferente (...). Na época, eu senti que os professores deixaram de ser próximos, eles deixaram de ser os nossos ‘pais’, essa que é a verdade. Eles passaram a dar aula, apenas e tão somente. Isso é uma coisa que me marcou muito.” (Cristina Sernagiotto Soares, turma de 1968)

“A gente notava uma preocupação muito grande dos professores, acho que pela boa vontade deles (...). Acho que houve um acerto entre eles ‘olha embora daqui para frente não é mais uma escola vocacional, esse pessoal com que a gente começou a gente vai terminar, olha a gente não vai deixar essa molecada na mão’. E deu andamento do jeito que deu (*para justificar sua opinião, o aluno contou que em 1971, na quarta série ginásial, os professores organizaram uma visita deles à Universidade de São Paulo, atividade que nenhuma escola da cidade fez*).” (Hermínio Ferrari Filho, turma de 1968)

“Quando a escola se transformou em estadual, aí mudou tudo, você já não tinha mais acesso a nada, os professores eram aquilo: entravam na sala, saíam da sala (...) uma coisa muito impessoal (...). Eu não estava acostumada com aquilo, eu não sei se só eu senti isso, não sei, porque cada um sente as coisas de uma maneira, para mim aquilo foi assim um desastre (...) cadê aquele aconchego que a gente sentia? Cadê aquele carinho?”

Houve também o aumento do número de alunos por classe e, principalmente a insegurança gerada pela conjuntura política em plena vigência do AI-5. Foi um momento traumático para ambas as partes.

“A extinção do Vocacional foi assim, como se jogassem uma bomba em cima da sua casa e acabasse tudo, foi uma decepção tremenda, uma decepção

násio comum, mas não aguentei muito tempo, eu faltava muito. Eu era uma pessoa completamente diferente.” (Christiana Monteiro de Siqueira Pontes, professora de Francês)

A professora Christiana Monteiro de Siqueira Pontes toca num ponto nevrálgico: o golpe psicológico de presenciar o desmonte do Vocacional, de perceber novas ou



Outra vista panorâmica do Centro Educacional São Caetano Di Thiene, no final da década de 1960

(...) Isso acabou, se tornou um negócio frio, o professor entrava, dava aula e saía, com exceção de alguns que permaneceram ... imagine, eu tinha encontrado o meu lugar, só que tiraram o meu lugar.” (Jacira Marçola, turma de 1970)

Há ressentimentos nas falas dos estudantes, muitos se sentiram abandonados, porém há de se ponderar sobre a situação dos docentes: perda das condições especiais de trabalho, da jornada de 40 horas semanais.

tão grande que não conseguia esconder a minha insatisfação. Eu ia para as aulas assim meio que amarrada porque entraram na escola pessoas diferentes, que não tinham nada a ver com o Vocacional e as exigências eram outras, ou não era nenhuma. Então era assim, quase um descaso, o professor podia fazer alguma coisa se tivesse boa intenção de trabalhar sobre aquela realidade, mas para mim foi um sufoco, eu perdi meu entusiasmo e dei mais um tempo de aula lá, sendo gi-

nenhuma exigência do sistema de ensino comum.

“Eu tive a oportunidade de ver a transformação porque, naquele clima de respeito mútuo entre professores e alunos, a escola caminhava bem. Tanto que não tinha funcionários para fazer limpeza, tinha a organização dos alunos que limpavam as classes. Aí mudou e mudou para uma situação em que o diretor fazia muita questão do uniforme dos alunos, ficava vendo se tinha posto a meia,

se a meia era comprida (...) Aí começou a revolta dos alunos, coisa que nunca tinha acontecido. Eles começaram a pôr fogo em lixo. Então, mudaram da água para o vinho, mesmo porque nunca tinha acontecido esse tipo de coisa. Não que não houvesse problemas, mas esse tipo de coisa, muito agressiva, de botar fogo (*não existia*).” (Maria Helena Antunes de Oliveira e Souza, professora de Ciências)

Na entrevista com Carlos Alberto Godoy Gimenez, foi possível perceber a quebra do ensino integrado. Por exemplo, a produção de Artes Industriais já estava desconectada do conjunto e não precedia a etapa de planejamento, da utilização de Desenho Técnico. A disciplina Práticas Comerciais também havia perdido o controle e a administração da cantina.

“Quando eu entrei, em 1971, o Sistema de Ensino Vocacional já estava no ocaso, já estava sendo arquivado, vamos dizer assim, mas em São Caetano ainda persistiam umas matérias da grade curricular vocacional. Por exemplo, eu tive aula de Artes Industriais, Práticas Comerciais e Economia Doméstica, muito embora já era uma coisa bem mais relegada para segundo plano, já não davam tanta ênfase. Eu fiquei sabendo que teve uma casa montada no Vocacional, mas eu não peguei essa parte, quando eu cheguei, a casa já tinha sido desmontada. O pessoal já ti-

nha sido despejado, já não tinha mais a casa para aulas de Economia Doméstica.” (Carlos Alberto Godoy Gimenez, turma de 1970²⁰)

Após concluir o curso ginásial, o entrevistado ingressou numa escola militar em Minas Gerais para cursar o ensino médio, mas não concluiu em razão de alguns percalços. Voltou ao então Colégio Eda Mantoanelli (ex-Vocacional) para cursar o último ano:

“Em 1977, já tinha acabado todo resquício de Vocacional. (...) A sala de Artes Industriais tinha virado um depósito de tranqueira, estava tudo fechado, tinha móveis velhos, ferramentas velhas, tudo largado lá dentro, amontoado, (...) era simplesmente um colégio estadual, como outro qualquer.” (Carlos Alberto Godoy Gimenez, turma de 1970)

O legado - Os testemunhos de ex-professores e ex-alunos revelam o legado do Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria:

“Nossa, o legado foi muito grande, porque a minha vida modificou. Realmente mudou a minha vida, minha forma de pensar, de tudo, foi outra realidade. Se eu não tivesse ido para o Vocacional, teria continuado naquela mesmice. Ele me abriu horizontes, abriu a cabeça (...), me empurrou para frente. Aprendi a pensar, a me posicionar... me deu garra.” (Maria Zair Aguiar Nunes, professora de Artes Industriais)

“São Caetano do Sul e o Vila Santa Maria me deram as diretrizes do que eu seria como professora futuramente, estava ali, eu aprendi ali. Ali foi a minha escola de dar aula. Em relação à avaliação, em relação a montar estratégias, em relação a montar aulas, tudo isso eu aprendi lá. Aprendi com os meus colegas, com os mestres que foram os meus colegas lá, porque eu era muito jovem nessa época.” (Kátia Bastos Machado, professora de Português)

“Fez toda a diferença. Eu acho que eu terminei a minha formação profissional no Vocacional. Aprendi realmente a trabalhar no Vocacional.” (Dirce Martins Morra, professora de Educação Doméstica)

“Foi um período muito bom da minha vida o período em que eu trabalhei no Vocacional. Foi o lugar onde eu aprendi a trabalhar em termos de responsabilidade, de compromisso, de honestidade (...), de seriedade com o trabalho, em termos de respeito ao próximo, da opinião do outro. Tudo isso era muito levado a sério, não era o outro o meu colega de trabalho, era o outro a criança que estava expondo a ideia dela. (...) Claro que fui educada dentro desses parâmetros, mas a aplicação de tudo foi no Vocacional, isso era levado muito a sério, muito desenvolvido (...) eu aprendi a trabalhar lá.” (Florence Maria White de Vera, professora de História)

“(…) A questão de ter sentido mais a eficiência do processo de educação, não que eu não tenha sentido em outros lugares, mas foi lá (*no Vocacional*) onde eu tive mais percepção. Aprender a trabalhar no coletivo, a integrar áreas... (…) A vivência de trabalhar com as plataformas, as experiências que a gente teve com estratégias pedagógicas diferentes influenciaram bastante. Tanto que foi um tal de ser coordenadora disso, coordenadora daqui. Acabei sendo pró-reitora de graduação (*na UFSCar*).” (Maria Helena Antunes de Oliveira e Souza, professora de Ciências)

“O Vocacional coincidiu com uma época feliz da minha vida, porque eu tinha acabado de me casar. Eu tinha uma gana muito grande de trabalhar, de fazer família, então o entusiasmo que eu joguei na minha vida devo muito ao que encontrei no Vocacional, porque eu tinha como colegas pessoas maravilhosas com quem a gente tinha uma comunhão de objetivos: as professoras Florence (*História*) e Magda, que trabalhava comigo em Francês, o Gil que dava aula de Português, e o Pereira (*Práticas Comerciais*) O ator que dava aula de Teatro (*Antônio Petrin*) e a Mitsuko, professora de Educação Física, era uma pessoa meiga, encantadora. Nós achamos um ambiente muito propício para realizarmos todos os nossos sonhos, no tocante ao ensino. (...) Acho que eu fui cair no lugar certo, era aquilo que eu queria mesmo.” (Christiana

Monteiro de Siqueira Pontes, professora de Francês)

Os relatos das professoras são unânimes no que se refere ao aprendizado adquirido no exercício da docência no Vocacional. Corroboram a afirmação deste estudo no que concerne ao trabalho docente: só foi possível a existência do Ensino Vocacional como inovação educacional com a valorização do trabalho docente (salários adequados, jornada de trabalho com espaço para pesquisa e capacitação, coeso trabalho de equipe, suporte audiovisual, as orientadoras educacional e pedagógica integrando a equipe, além da supervisão do Serviço de Ensino Vocacional, por áreas).

Os ex-alunos assim responderam sobre o legado do Vocacional:

“Foi essa amplitude de visão do mundo, de não ficar restrito a achar que se você tem aptidão para engenharia, ficar só na engenharia. (...) A formação vocacional eu não diria que o Vocacional me deu, mas a amplitude de coisas que eu poderia seguir, os caminhos que eu poderia seguir, essa maturidade precoce.” (Álvaro Ricci, turma de 1969)

“A liberdade de chegar no professor e falar: ‘Eu não gostei do que você fez, ou do que você falou’. E o professor te respeitava porque você falava com respeito com ele.” (Ana Maria Benucci da Silva Paes, turma de 1969)

“Foi o aprendizado, de você pensar e agir dentro de uma sociedade, que utilizando o seu pensamento pode chegar a qualquer lugar. Outra coisa foi trabalhar em equipe. (...) As escolas dão notas individuais e depois, ao chegar nas empresas, você tem que trabalhar em equipe, e como não fez isso, nem sabe o que é. Como vai trabalhar em equipe?” (Ana Maria Copola, turma de 1969)

“O legado do Vocacional em termos de aprendizado foi a formação de um homem, de um adolescente para um adulto consciente e responsável (...), que descobriu habilidades manuais graças ao Vocacional e levou isso para a vida. Eu acho que, se eu fosse viver de artesanato, de artes manuais, me daria bem porque descobri esse gosto no Vocacional.” (Carlos Alberto Godoy Gimenez, turma de 1970)

“Ter noção de coisas que não teria em outra escola: o relacionamento humano. Uma coisa bem marcante foi o fato de a gente poder conversar abertamente com os professores, os professores conversavam também como se fôssemos amigos.” (Conrado Meriqui, turma de 1968)

“Ele me fez ser uma pessoa crítica, com autocrítica (...), me fez uma pessoa com iniciativa. (...) O Vocacional me ensinou a ter iniciativa, a ser polivalente, ou seja, eclética. A gente sempre tem uma visão de que vai ter uma oportunidade de trabalhar, de produzir, de ser uma

pessoa boa. Eles trabalharam muito este nosso lado humano.” (Cristina Sernagiotto Soares, turma de 1968)

“Devo tudo o que eu tenho, o que aprendi, o que faço, eu venho sempre puxando do Vocacional. (...) tantas matérias práticas, que é o que me direciona hoje nos prédios (*é graduado em Química, mas atualmente é administrador de condomínios*), na firma que eu fiz, que eu montei, (...) devo tudo à escola. Tanto no comércio, na indústria (*foi empresário em diferentes ramos*), nas empresas, acho que tudo foi fruto da escola vocacional.” (Ernesto do Carmo Zambotto, turma de 1969)

“De nunca ter me envolvido com nada (*ilícito*). É um legado do Vocacional ser uma pessoa digna e honrosa, olhar para trás e não me arrepende de nada.” (Gilberto da Silva, turma de 1968)

“Este foi o legado do Vocacional, com certeza: responsabilidade. Os professores do Vocacional conversavam, eu não sei de nenhum caso de aluno que tenha sido expulso ou que tenha (*recebido*) alguma advertência, porque as coisas eram resolvidas (*conversadas*).” (Hermínio Ferrari Filho, turma de 1968)

“Ah, é o que sou hoje. Eu tenho certeza disso. Porque, se eu estivesse numa coisa muito quadradinha, eu não teria aberto minha cabeça para outras coisas (...) a voz daquela professora (*de Artes Plásticas*) me ecoa até hoje: ‘Você tem que ir para as Artes’. (...) E eu fui, eu fui (*criou a Companhia Alcina da Palavra, que trabalha com poesia, contação de histórias, mediação de leitura, artes cênicas*).” (Iverli de Lima, turma de 1968)

“Aprendi, em primeiro lugar, a pensar e a raciocinar sobre a vida, sobre as coisas, sobretudo, e não apenas aceitar alguma coisa só porque alguém disse que é isso ou aquilo (...). Aprender a conviver em comunidade, em grupo, havia um entrosamento muito legal, você aprendia como é que se respeita todo mundo (...) a partir dali, eu ampliei esse horizonte e levei isso pela vida afora.” (Jacira Marçola, turma de 1970)

“Viva, experimente, desfrute, vá em frente, nunca pare ou desista! (...) Normalmente você estuda contabilidade e vai ser contadora a vida inteira (...), mas, nas diversidades da vida, a gente tem que buscar alguns recursos e o Vocacional me deu essa iniciação. Se eu não estou nas Artes, estou no intelectual ou na didática. Se não estou na didática, estou na cozinha (...). Sou psicóloga, mas de vez em quando – nas épocas de necessidade – faço biscoitos natalinos (*para vender*), (*também*) faço algumas coisas de E.V.A. (*artesanato*) (...) Então, se eu ficasse só engessadinha (...), se eu não tivesse tido o Vocacional, não teria estas habilidades (*no início de novembro de 2019, a entrevistada concluiu um curso de Locução*).” (Jane Ida Louzada Lamattina, turma de 1968)

“A organização, o respeito ao ser humano, ao próximo, independente da classe social, cor, raça. (...) Lá não existia essa diferenciação: menino ou menina, alto, baixo, magro, gordo, aprendemos a trabalhar em grupo, a respeitar o companheiro, o amigo, sempre olhando pra ele como um ser humano igual a você: falho, com dificuldades, como você. (...) Os meus pais também me ensinaram a ser uma pessoa honesta e íntegra, mas o Vocacional solidificou. (...) Foram apenas dois anos, mas o aprendizado foi de grande valia (...). Aprendemos convivendo com as pessoas (...), aprendemos a ser organizados. Os professores nos esperavam numa sala de aula organizada, limpa e bonita e, ao final, era assim que a gente deveria deixá-la. (...) São valores para toda a vida.” (Laura David, turma de 1969)

“O comprometimento que os alunos e os professores tinham com a Escola.” (Lucia Ângela Orrico Schiavo, turma de 1969)

“O respeito pelos professores, o respeito entre os alunos. (...) essa convivência, essa amizade, esse gostar (...). Gostar de estudar, gostar desse convívio com as pessoas. (...) O que a gente passou dentro do Vocacional foi um complemento de vida.” (Maria do Carmo Antunes, turma de 1969)

“Uma das coisas principais do Vocacional é que eles ensinaram a gente vencer desafios: vai, enfrenta, tenta, se não der certo, começa de novo. (...). E trabalhar em equipe é uma coisa que a gente aprendeu lá, porque lá tudo era em equipe.” (Marilda Schnel, turma de 1969)

“Postura, respeito, obediência.” (Norma Sueli Joaquim, turma de 1970)

“No Vocacional, foi fundamental o respeito: respeito ao aluno, respeito aos professores, respeito ao cidadão e respeito ao ser humano.” (Roberto Lino de Oliveira, turma de 1969)

“Eu sempre fui muito engajada em questões sociais, esse é um legado que eu trouxe do Vocacional, essa capacidade de pensar, pensar o outro, pensar em grupo e pensar no social, na justiça.” (Sandra Mara Cavasini, turma de 1968)

“Foi lá que eu aprendi a ser atencioso com as pessoas (...) outra coisa: tudo que você começa a fazer procure terminar, nada pelo meio. (...) Se eu dei minha palavra para você que eu vou estar aqui, estarei aqui naquele horário. (...) Eu falo para você que eu vou fazer, eu faço (...) isso tudo eu trouxe do Ginásio Vocacional.” (Silas Ottoniel Rodrigues, turma de 1968)

“Tive no Vocacional uma base muito forte: aprendi a ser positiva, a não ter medo de nada.” (Sueli Aparecida Nogueira Ferreira da Silva, turma de 1968)

“(…) O meu tudo, o meu modo de pensar, porque os professores pediam muito: ‘Vamos pensar’. Então tudo que a gente fazia tinha que pensar muito e isso foi muito importante para a vida, porque a gente não pode fazer nada de estalo. (...) Eu aprendi respeito, dignidade, integridade, eu aprendi lá.” (Susete Castelhana, turma de 1970)

“É seu direito de escolher e aí você erra, não erra, aprende, não aprende (...) o conjunto, ele é necessário ... aqui eu vejo a escola.” (Tânia Ferreira do Nascimento, turma de 1970)

“A semente plantada, irrigada, cresce e dá uma boa árvore, dá bons frutos. É o Vocacional na minha vida.” (Vanessa Meriqui, turma de 1969)

“O coleguismo e a cooperação (*fóram*) uma experiência muito boa que eu tive no Vocacional, principalmente o primeiro ano.” (Vera Lucia Garcia Licht, turma de 1968)

“Foi ser honesta, nunca passar por cima de ninguém, respeitar as pessoas, respeitar a opinião das pessoas, mesmo que a minha seja diferente.” (Vilma Mantovani Massa, turma de 1970)

Pelos limites deste estudo, muitos temas deixaram de ser explorados, porém esta não é uma linha de chegada, é ponto de partida para novas pesquisas. Assim, cumpre-se o objetivo maior de deixar um registro das memórias do Ginásio

Estadual Vocacional de Vila Santa Maria, que permanece vivo na memória dos que por lá passaram, ex-alunos e ex-docentes.

Com a extinção do Ginásio Vocacional, a escola passou a ser denominada Ginásio Estadual de Vila Santa Maria, integrando a rede comum de estabelecimentos de ensino oficial. Em 1979, recebeu a denominação de Escola Estadual de 1º e 2º Graus Professora Eda Mantoanelli, pela lei nº 2.220. Em 1998, a escola passou a denominar-se Escola Estadual Professora Eda Mantoanelli e, em 2009, após sua municipalização, passou a se chamar Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Eda Mantoanelli.

Em 2022, depois de uma significativa reforma, o local passou a abrigar o Complexo Educacional, Esportivo e Cultural do Bairro Santa Maria, onde estão instaladas a Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) Rosana Aparecida Munhos e a Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) Maria Terezinha Dario Fiorotti. ■

Notas

¹ O Núcleo Memórias do ABC, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs) existe desde 2003. Em 2011, passou a fazer parte do Laboratório Hipermídias do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da referida instituição. Pode ser visitado pelo link: <http://memoriasdoabc.uscs.edu.br>.

² O Memórias do ABC, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Priscila Ferreira Perazzo, foi um importante parceiro desta pesquisa, oferecendo estudos, equipamentos e mão de obra de estagiários do curso Rádio e TV.

³ Experiência educadora que em passado recente havia participado das Classes Experimentais de Socorro.

⁴ A Região do Grande ABC localiza-se na porção sudoeste da Região Metropolitana de São Paulo e é formada pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

⁵ A partir de 1912, São Caetano do Sul abrigou diversas fábricas do grupo Matarazzo: louças, azulejos, indústrias químicas. Vale destacar que, neste período, o grupo detinha um exército de cerca de 30 mil operários, sendo cerca de dez mil trabalhadores nas fábricas da cidade: CALÍCIO, Everton. 100 anos de Matarazzo em São Caetano do Sul. Uma cronologia fabril. Raízes, São Caetano do Sul, n. 46, p. 41-46, dez. 2012, p. 43.

⁶ Sucessora da antiga Cerâmica Privilegiada (fundada em 1913), a Cerâmica São Caetano ficou famosa pela produção de ladrilhos, tijolos e telhas com reconhecido padrão de excelência. Disponível em: http://www.fpm.org.br/scs_

bairros.asp?historia=True&id_b=4. Acesso em: 7 fev. 2017.
7 Instalada em 1959, em São Caetano do Sul, foi a primeira unidade da ZF fora da Alemanha. Essa importante fábrica de autopeças funcionou até 1997, quando foi transferida para o interior paulista. Disponível em: https://www.zf.com/southamerica/pt_br/corporate/company_corporate/zf_in_country_corporate/zf_in_country.html Acesso em: 7 fev. 2017.

8 A fábrica da General Motors de São Caetano do Sul foi inaugurada em 1930. Trata-se da mais antiga indústria de produção de veículos ainda em atividade no Brasil. Disponível em: (<http://www.automotivebusiness.com.br/noticia/22495/gm-completa-85-anos-em-sao-caetano>) Acesso em: 8 fev. 2017.

9 Avô, em italiano. As famílias de imigrantes italianos conservavam o hábito de chamar os avós no seu idioma.

10 Fim do turno integral, maior número de alunos por classe, criação de turmas em horário noturno e implantação do colegial (ensino médio).

11 O Brasil foi regido por uma ditadura civil-militar entre 1964 e 1985, sendo os Anos de Chumbo o período da mais dura repressão do regime, que alguns identificam com o governo do general Médici.

12 Consulta ao projeto em 23/09/2015 na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

13 Salmourão é um pequeno município do interior, da região de Presidente Prudente. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/salmourao/panorama> Acesso em: 28 mai. 2019.

14 Cargo equivalente ao de Secretário Municipal.

15 Entrevista concedida ao núcleo Memórias do ABC, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, em 09/09/2017.

16 No Brasil as classes secundárias experimentais tiveram início em 1959, em 25 estabelecimentos distribuídos em seis unidades da federação.

17 Fonte: Documento n. 19-A Planejamentos anuais das 1ªs séries – 1969.

18 Ano IV, n. 13, março de 1989.

19 Destaque nosso.

20 Carlos Alberto Godoy Gimenez ingressou na 2ª série em 1971, tendo cursado a 1ª série em outro estabelecimento.

Maria Aparecida de Carvalho é graduada em Ciências Sociais pela Fundação Santo André, mestre em Administração pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul, e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É servidora do Instituto Federal de São Paulo desde 2008.

Foto/PMSCS



Novos Tempos

O Complexo Educacional, Esportivo e Cultural do Bairro Santa Maria

INAUGURADO NO DIA 31 DE JULHO DE 2022, como parte do programa Avança São Caetano, o Complexo Educacional, Esportivo e Cultural do Bairro Santa Maria compreende duas escolas – a Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) Rosana Aparecida Munhos e a Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) Maria Terezinha Dario Fiorotti –, um ginásio poliesportivo coberto, duas quadras descobertas e um playground. Possui capacidade para atender cerca de mil alunos.

O complexo foi construído no local onde antes existia a Emef Eda Mantoanelli, cujas origens históricas remontam ao antigo Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria, que tivera uma existência de apenas dois anos (1968-1970). Por ter movimentado grande volume de construção (correspondente a um espaço edificado de cerca de dez mil m²) e uma soma vultosa de recursos investidos, esse equipamento já se tornou um marco dentro das realizações da municipalidade, credenciando-se como a maior obra realizada pela prefeitura no segmento educacional.

Medidas de sustentabilidade urbana foram os outros diferenciais do empreendimento, atendendo aos requisitos do programa *Município VerdeAzul*, iniciativa de gestão ambiental do governo do Estado de São Paulo que, desde 2007, incentiva a adoção de práticas e instalações sustentáveis pelos municípios.

Foto/PMSCS



Foto/PMSCS



Uma das fachadas do Complexo Educacional, Esportivo e Cultural do Bairro Santa Maria, antigo Ginásio Vocacional. Foto de 2022

Inauguração do Complexo Educacional, Esportivo e Cultural do Bairro Santa Maria, no dia 31 de julho de 2022. Nas fotos, vemos o prefeito municipal José Auricchio Júnior (à direita) e a primeira-dama Denise Auricchio (à esquerda) entre familiares das homenageadas Rosana Aparecida Munhos (que dá nome à Escola Municipal de Educação Infantil) e Maria Terezinha Dario Fiorotti (patrona da Escola Municipal de Ensino Fundamental)

O capital industrial metropolitano surge do espaço beneditino

Enrique G. Staschower

EM 21 DE SETEMBRO DE 2022, no Teatro Santos Dumont, em São Caetano do Sul, durante o evento de lançamento da revista *Raízes* nº 65, o sociólogo José de Souza Martins proferiu uma brilhante palestra sobre o protagonismo do antigo Bairro de São Caetano, na tarde de 7 de setembro de 1822, quando o príncipe regente Dom Pedro I, às margens do atual Córrego dos Meninos, celebrou o primeiro ato de Independência da corte portuguesa, atravessando os caminhos que o cruzavam. Denota-se, das pesquisas que fundamentaram a palestra, que o antigo bairro de Tijuçu era servido de uma significativa quantidade de fluxos, de pessoas e mercadorias entre o litoral e o interior. Seguramente, a contemporânea cidade de São Caetano do Sul é herdeira deste duplo patrimônio: protagonista da Independência e detentora de uma rede de comunicações.

Os fluxos de comunicação atualmente presentes em São Caetano do Sul mostram-se capazes de gerar prosperidade, mesmo quando, hoje, assistimos a uma realidade econômica em transformação. Os fluxos atuais evocam sua herança colonial, presentes ainda no seu primeiro registro oficial, há mais de 430 anos, segundo as atas da Câmara de São Paulo, registradas em 7 de dezembro de 1589,

quando convocam-se os moradores do bairro de Tijuçu a manter aberto o caminho (ao litoral) e construir a assim denominada “Ponte Grande”, sobre o Rio Tamandateí, de forma a manter aberto o eixo de comunicação entre o mar e o interior paulista. (MARTINS, 1991)

A transferência, em 1560, das insígnias oficiais da Vila de Santo André da Borda do Campo para transformar, oficialmente, o povoado do Colégio de São Paulo em vila relegou, assim, ao abandono e ao desaparecimento aquela que fora a primeira povoação europeia no planalto, estrategicamente localizada, após vencer a íngreme e penosa Serra do Mar, na divisa entre a vegetação densa da serra e a rala vegetação da campina (daí decorre seu nome de “borda do campo”). Esta mudança traria aos moradores do bairro de Tijuçu a confiabilidade guardiã para a preservação deste caminho - a ligação do porto ao continente adentro.

Neste bairro se abrigava uma população com uma agricultura de sobrevivência, talvez alguns tropeiros com seus muares e carros de bois, utilizados no transporte terrestre, pelo Caminho da Borda do Campo, Oratório, Caminho Novo e Velho do Mar; talvez

outros se ocupassem do transporte fluvial, utilizando os rios Tamanduateí, dos Meninos, dos Couros, do Moinho ou Ressaca e do Moinho Velho, usando canoas entalhadas em troncos, frutos da herança indígena.

Estes moradores, mesmo distantes do colégio jesuítico, se comunicariam entre si, tal como os moradores ao redor do colégio inaciano, por meio da “língua geral” ou *nheengatu* (“língua boa” em tupi), hibridismo linguístico entre português e tupi-guarani, surgido graças à miscigenação étnica. Já que poucas mulheres portuguesas atravessaram o Atlântico nos alvares da colonização, constituíram-se famílias nas quais a mãe indígena acalentaria o bebê na sua língua mãe, enquanto o pai lhe transmitiria, em português, ordens e obediências ao domínio colonial.

O *nheengatu*, apesar de ter seu uso proibido em meados do século 18, ainda sobrevive no nosso dia a dia, por exemplo, nas identificações de bairros, como Mooca, Butantã, Itaquera, e mesmo no Tijuçu e nas suas diversas grafias, como Tijucusú, Tigucusú, Tigusú, Tojucusú ou Tijucussu. Todas estas versões remetiam ao mesmo significado de origem tupi: lamaçal, barreiro ou charco, devido ao atoleiro das várzeas barrentas e alagadiças nos vales dos atuais rios Tamanduateí e Meninos – algo que atualmente sucede nos vales e épocas de chuva, quando

esses rios transbordam, deixando marcas barrentas e alagadas nas ruas próximas.

No entanto, outra ponte linguística, unindo diferentes culturas, surgiria muitos anos depois, com a chegada de italianos – apresentando outros hibridismos linguísticos, como estes, presentes na literatura de Juó Bananère¹:

Migna terra tê parmeras,
Che ganta inzima o sabiá.
As aves che stó aqui,
Tambê tuttos sabi gorgeá.

A abobora celestia tambê,
Che tê lá na mia terra,
Tê moltos milliód di strella
Che non tê na Ingraterra.

Os rios lá sô mais grandi
Dus rios di tuttas naçó;
I os matto si perde di vista,
Nu meio da imensidó.

Na migna terra tê parmeras
Dove ganta a galigna dangola;
Na migna terra tê o Vap'relli,
Chi só anda dí gartolla.
(BANANÈRE, 1924, p. 8)

Estes “italianismos” caracterizariam a transformação da área beneditina, quando o trabalho escravo e de indígenas administrados nos fornos cerâmicos se transformaria em mão de obra agrícola de imigrantes italianos em um Núcleo Colonial, que, rapidamente, se sucederia

em trabalho operário, graças ao insucesso nas plantações. Do *nheengatu* abandonado, e posteriormente esquecido, restaria somente o nome Tijuçu, que, mesmo descolado da sua origem tupi-guarani, estaria presente nas marcas barrentas e alagadas durante as chuvas de verão.

Este território Tijuçu, graças à sua topografia, abrigava suaves colinas, com lentos rios serpenteando preguiçosamente entre os vales, onde pontes conectavam caminhos que unificavam o território (a tal ponto que parte do Bairro de São Caetano chegou a ser denominado Bairro da Ponte). Contribuíam, assim, para criar fluxos de comunicação e gerar trânsito de riquezas. Hoje, estes rios, retificados, com suas encostas adensadas e amplamente edificadas, transbordam e nos envergonham, porém, nas suas laterais impermeabilizadas, ainda correm avenidas, mantendo o fluxo de riquezas, entre os desequilíbrios, que caracterizam a conformação da região metropolitana.

Atualmente há uma exigência de fluidez, que independe da rede física de caminhos e cursos d'água, substituída pelas redes de dados. A nossa sociedade estrutura-se em circuitos capazes de permitir a rápida circulação de ideias, mensagens, produtos ou dinheiro, baseada nas redes tecnológicas, dando suporte à competitividade – não somente entre continentes ou países, mas também entre cidades, também

sequiosas de capitais e investimentos. Essa fluidez, baseada na tecnologia, é, ao mesmo tempo, uma causa, uma condição e um resultado para a contemporaneidade, das reestruturações produtivas, que transformam nossas cidades. Retiram-se as indústrias e deixam áreas vazias de empregos e tributos, mormente contaminadas ou entregues a atividades escusas. (SANTOS, 2014)

Como parte destas transformações produtivas, nas quais algumas cidades oferecem riquezas e empregos, e outras, trabalhadores e residências-dormitório, podemos compreender as relações de subordinação entre as urbes, através do intenso fluxo de pessoas, veículos, informações e capital. Elas estabelecem relações de dominação e subserviência, graças às especializações econômico-produtivas, capazes de hierarquizá-las, e estas, por meio das suas redes de estruturação e de fluxos, culminam por conformar as metrópoles.

Para entender a vocação de São Caetano do Sul para a geração de fluxos de riqueza, tomamos a liberdade de, novamente, voltar à brilhante palestra de Martins, que destacou o orgulho que esta cidade deveria sentir por ter sediado, por mais de 240 anos (1631 a 1877), a próspera indústria beneditina – se pensarmos na atual competitividade metropolitana, quantos municípios poderiam ostentar este recorde de permanência industrial?

Destaque-se a importância deste empreendimento dos monges beneditinos, já que entre os séculos 17 e 19 operaram uma indústria de cerâmicas de sucesso, mesmo em um período no qual o Pacto Colonial impedia a instalação de indústrias. Ainda mais que esta contava com toda uma estrutura de produção, gestão, manutenção e distribuição, capaz de suprir o maior empreendedor imobiliário, construtor e locador paulistano: a própria Ordem Beneditina, sediada em São Paulo, que no início do século 19 detinha e locava duas vezes mais imóveis que a soma dos três proprietários de imóveis e locadores que a seguiam. (BUENO, 2018)

Devemos recordar que a Ordem Beneditina chegara às terras de Piratininga no final do século 16, instalando-se nos altos da colina em 1598, conformando o vértice norte do Triângulo Histórico, no ponto mais nobre da colina jesuítica: no Inhapuambuçu, sobre as ruínas da taba do cacique Tibiriçá, o líder dos guaianás, que conduzira a defesa do colégio jesuítico da ameaça de invasão dos tamoyos, oito anos após a instalação do Colégio de São Paulo.

Porém, esta ordem religiosa, cujo dístico ostentava orgulhosamente *Ora et Labora* (reze e trabalhe), não apresentava sinais de riqueza em meados do século seguinte, quando a Câmara Municipal alertara da sua situação

de penúria, por meio da carta do abade João da Victória, em 21 de abril de 1646. (TAUNAY, 1927). Esta situação se reverteria no século 17, com doações para a construção e manutenção de uma nova igreja, de terras para produção – capacitando-a a gerar sustento e renda.

Ao contrário dos jesuítas, os beneditinos mantinham boas relações com os bandeirantes, distanciando-se das polêmicas ao enfrentamento do escravismo indígena, dedicando-se ao trabalho e à oração. Talvez, esta postura, de evitar conflitos, estimulasse doações, ao invés dos rancores aos inacianos, que no século seguinte culminariam com a expulsão dos jesuítas. Desta forma, as atitudes beneditinas refletiriam os ordenamentos régios de ordem colonial, que garantiam riquezas à metrópole. Assim, paulistanos, bandeirantes e apesadores de indígenas doavam terras e financiavam templos beneditinos, aplacando culpas enquanto garantiriam seu sepultamento, em local privilegiado, dentro da nave da igreja. (BIANCHI, STASCHOWER, 2021)

Entretanto, os ricos mosteiros beneditinos voltados à produção agroaçucareira, sediados em Salvador, Olinda e Rio de Janeiro, em nada se assemelhavam às fazendas em terras paulistas – já que estes se destinavam a outro modelo de produção industrial. As fazendas paulistas guardavam algumas semelhanças com



Foto/PMSCS

São Caetano do Sul: protagonista na formação da Região Metropolitana de São Paulo (na foto, vista aérea da cidade em 2021, com destaque para a Avenida Goiás)

outros modelos de fazendas produtivas, como a fazenda beneditina de São Bento do Jaguaribe, no norte de Pernambuco, que, mesmo dedicando-se à produção de açúcar, assemelhava-se na sua organização espacial e nas edificações. Tanto as fazendas de açúcar quanto a de cerâmica se conformavam a partir de quatro eixos estruturantes: economia, política, raça e religião:

- onde as fábricas voltavam-se à geração econômica,
- a casa-grande conformava o campo de atuação política,
- suas senzalas delimitavam fronteiras étnicas e
- as capelas, a prática religiosa. (CARRÉRA e SURYA, 2008)

A ordem beneditina detinha três grandes fazendas na atual Região Metropolitana de São Paulo: São Caetano (com área aproximada de 12 km²), São Bernardo (com área aproximada de 33 km²) e Santo Amaro (Jurubatuba², com área aproximada de 68 km²).

A Fazenda Beneditina de São Caetano do Tijuçu instalara-se no século 18 junto à lateral direita do Caminho Velho do Mar, entre os córregos Tamanduateí e dos Meninos, junto ao bairro que lhe deu o nome. Nela trabalhavam, junto aos frades, escravos, índios administrados ou foreiros. Também havia a contribuição de pequenos sitiantes, junto a terras comunais (de domínio da Coroa, abertas ao uso público) entre o Córrego dos Meninos e o Ribeirão do Moinho Velho (atual Vila Carioca).

O eixo econômico estruturador da fazenda eram seus fornos de cerâmica, destinados à produção de lajotas, telhas e tijolos, que se sobrepunham às atividades agrícolas, com relevância suficiente para se tornar elemento essencial nas grandes construções:

...telhas, tijolos, lajotas, canaletas, que por mais de 130 anos, nos séculos XVIII e XIX, foram utilizados em construções na cidade de São Paulo e reforma de seus



Foto/Éric Romero (PMSCS)

“As lembranças beneditinas desconectam-se em definitivo do território Tijuçu, quando se negociaram os terrenos, através da capela, último resquício da continuidade beneditina da conexão territorial”. Na imagem de 2022, a Igreja São Caetano, construída sobre os alicerces da capela

edifícios, como o Palácio do Governo da Capitania, no Pátio do Colégio, o Convento de São Francisco, o Convento de Santa Tereza, o chafariz da Misericórdia, além do próprio Mosteiro de São Bento, sua igreja e suas casas de aluguel. (MARTINS, 1991, p. 5)

O transporte de todo este material, graças às suas características, deveria ser feito pelo Rio Tamanduateí:

Costumavam ser transportados pelo rio Tamanduateí mantimentos para serviço do mosteiro e dos moradores. Vinham em monóxilas, isto é, feitas de um tronco escavado, muito longas e estreitas, até um desembarcadouro que se chamou por muito tempo o Porto de São Bento ou Porto Geral de São Bento, de onde os produtos eram levados em ombros de índios ou negros por uma rampa muito íngreme que terminava no Largo do Rosário, hoje praça Antônio Prado. Parte dessa rampa, que vai ter à atual rua da Boa Vista, subsiste ainda com o nome de Ladeira do Porto Geral. (SOUZA, 2004, p. 60).

Soma-se à contribuição da Fazenda São Caetano do Tijuçu à cidade de São Paulo, que utilizou suas cerâmicas na produção das edificações urbanas mais relevantes, a criação de um significativo equipamento urbano: o Porto Geral, à margem esquerda do Rio Tamanduateí, que, somado à Ladeira do Porto Geral, conectava-o à lateral direita do Mosteiro.

Percebe-se que as produções beneditinas (não somente aquelas provenientes do Tijuçu) impactavam e definiam a criação do tecido urbano de São Paulo, como a necessidade de criar estruturas de apoio à logística de transporte de sua produção e o controle administrativo da sua recepção e distribuição. (MARTINS, 2010)

Assim, lançavam-se as bases daquilo que hoje reconhecemos enquanto Região Metropolitana de São Paulo, já que estas se formam a partir de redes que se articulam hierarquicamente, na qual uma centralidade detém um poder de atração em

uma escala de subordinação econômico-produtivo-social-cultural sobre as outras. Desta forma, o bairro de Tijuçu seria tributário de São Paulo, quando sua produção teria como destino somente a capital. Esta subordinação seria conceitualizada nas palavras de Milton Santos:

As metrópoles serão as cidades cujo grau de complexidade ou força das funções respectivas lhes assegure uma espécie de domínio apoiada numa ou noutra função no país. Este domínio faz com que todas as outras cidades dela dependam. (SANTOS, 2008, p. 87)

Este domínio se materializa através do consumo da produção de cerâmicas, na construção das edificações da cidade de São Paulo, servindo de instrumento produtivo e replicador da hegemonia. Enquanto à fazenda beneditina do Tijuçu caberia a subordinação metropolitana, na produção industrial, porém interligando-a por meio da rede de fluxos – por estradas e rios.

Há de se mencionar, não somente a estrutura industrial, mas a qualidade da argila, de cor cinzenta a negra, turfosa, característica das várzeas do Córrego dos Meninos. Estas características foram apontadas ainda no século 18: “Com efeito, o barro cinzento de São Caetano parece produzir a mais resistente cerâmica do Brasil”. (SILVA NIGRA apud SALA, 2014, p. 16). Portanto, o sucesso da indústria beneditina de cerâmicas em São Caetano não somente era fruto da estrutura produtivo-administrativa, como da correta interpretação das condicionantes físicas do território – que, no século 20, caracterizaria a produção da Cerâmica São Caetano, como padrão nacional de qualidade. (RIBEIRO, 2003)

Estas características da matéria-prima seriam apontadas em diversas fontes históricas e nos livros de tombo do Mosteiro de São Bento. Como destaca Dalton Sala, ao detalhar os relatórios, denominados *Estados*, enviados pelos diversos mosteiros à Ordem de São Bento, em Tibães (Portugal):

Esses relatórios tinham um caráter administrativo e contábil, configurando o andamento da vida dos mosteiros e o inventário de seus bens. Da leitura desses documentos é possível inferir circunstâncias e eventos da história de uma série extensa de comunidades beneditinas. Fica evidente, por exemplo, a importância que tinha para a sociedade colonial paulista a produção de telhas e tijolos saída dos fornos das fazendas beneditinas; essa produção era uma fonte de renda, em especial para a fazenda de São Caetano, em São Paulo.

(...)

Por exemplo: o abade frei Gaspar da Soledade Matos, nos Estados relativos à sua gestão entre 1772 e 1778, escreve que a olaria da Fazenda de São Caetano 'é a mais estimável pela qualidade dos seus barros'. Parece certo que, com o tempo, foi havendo certa especialização na produção, e fazendas como a de São Caetano, em São Paulo, destacaram-se por sua produção cerâmica. (SALA, 2014, p. 10)

A Fazenda de São Caetano do Tijucuçu regia seus tempos industriais pelo relógio de sol instalado no seu centro, compondo o conjunto da casa-grande, senzala, três fornos (dois para cerâmica e um para louça), refeitório e cozinha, jardim com fonte e espécies floríferas, cercados por um muro decorado.

Havia, também, um modelo de ocupação e organização do

espaço das fazendas beneditinas, uma vez que os registros históricos da Fazenda Jaguaribe, no Norte de Pernambuco, e do Tijucuçu apresentam a casa-grande como residência exclusiva para uso dos monges, elo mediador inserido entre a senzala e a capela – simbolicamente era a submissão à fé e ao poder. A olaria e os fornos estavam à frente da casa-grande, de modo a manter controle administrativo sobre a produção. (CARRÉRA e SURYA, 2008)

Este conjunto arquitetônico impressionava pelo requinte estético, já que os beneditinos revelavam apuro na escolha dos profissionais que o projetavam – tradição que trouxeram de Portugal. Tal como a construção da capela de São Caetano, entre 1769 e 1784, que contou com a contribuição do engenheiro militar José Custódio de Sá e Faria, reconhecido pelas suas soluções para a Igreja Matriz de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre e para o Forte São Caetano do Estreito, em Estreito (RS).

Esta capela apresentava-se como um refinado elemento barroco, erguido por um distinguido profissional, de renome. Portanto, deve ser tomado não somente como uma edificação interna da fazenda - contribuindo para a produção industrial -, mas também como um chamariz, um símbolo da relevância beneditina, capaz de ser agre-



José de Souza Martins durante palestra no lançamento da revista *Raízes* n° 65, em setembro de 2022

Foto: Antonio Reginaldo Canhenf (FAPS/CS)

gador do bairro, demarcando-se como uma referência geográfica dos arrabaldes, situando-se na lateral do Caminho Velho do Mar.

Há de se destacar a eficiência industrial da Ordem Beneditina, não somente em São Caetano do Tijucuçu, mas em todo o Brasil Colônia, já que as decisões técnicas nas experimentações de novos materiais e na utilização da mão de obra (foreiros, escravos e índios administrados) apresentaram-nos à luz da atualidade enquanto uma gestão progressista. Haja vista que o equipamento que ocupava a centralidade do conjunto de Tijucuçu era o relógio de sol, utilizado para de-

terminar o ciclo diário do trabalho fabril, não o longo ciclo agrícola subordinado às estações do ano nas roças.

Ainda dentro da gestão do trabalho, havia a preocupação com a continuidade produtiva e com a formação técnica do ofício, além do incentivo ao casamento precoce, que buscava, por meio da formação de unidades familiares, incentivar e reter os artífices.

A relevância econômica pode ser demonstrada pelas receitas relacionadas no diverso empresariamento do Mosteiro de São Bento, em meados do século 18, que vão desde juros, aluguéis, trabalhos religiosos, entre outros, abaixo apontados por Taunay (1927, p. 162):

Renda da Sachristia	266\$580
Aluguéis de casas	282\$500
Juros	810\$520
Renda da olaria de S. Caetano	805\$800
Renda da olaria de S. Bernardo	79\$040
Fóros	51\$955
Renda da oficina de ferreiro do mosteiro	173\$535
Legumes da fazenda de Paraty	3\$700
Couros e carne	4\$320

Como demonstrado pelo relatório acima, a rentabilidade da Fazenda de São Caetano do Tijucuçu, retratada neste documento, é dez vezes maior que a similar, sediada em São Bernardo, e quase quatro vezes maior que a renda dos aluguéis, perdendo somente para os juros.

Pode-se aquilatar a renda obtida com a produção, no caso, de mais de 134 milheiros de telhas, pelo registro no *Livro do Patrimônio da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco*, da cidade de São Paulo, no qual consta a compra de “7.400 telhas, o milheiro por 6\$400 (...) do grande fornecedor que era o Mosteiro de São Bento”. Este registro integra a coleção de códices do arquivo do Mosteiro de São Bento, da cidade de São Paulo, segundo a anotação do manuscrito original de 1776, de dom Martinho Johnson, O.S.B., na página 90. (ORTMAN apud SALA, 2014, p. 16)

A importância econômica, no século 17, também chamou a atenção do governador da Capitania de São Paulo, dom Luís Antônio de Souza, o Morgado de Mateus,

que, ao assumir o cargo em 1765, enviou amostras das olarias de São Caetano do Tijucuçu à metrópole, a fim de sensibilizar o rei e persuadi-lo a autorizar outras indústrias na região. Esta iniciativa do governador fazia parte de toda uma visão desenvolvimentista, durante sua gestão, para retirar a Capitania da estagnação econômica registrada no século 18. (SCHUNK, 2012)

Entretanto, a prosperidade beneditina entraria em declínio quando enfrentou sérios problemas no início do século 19, com a dupla pressão inglesa, uma advinda da instalação da ferrovia São Paulo Railway, trazendo materiais de construção, oriundos da Revolução Industrial europeia; outra pela abolição da escravidão. Somam-se as visões iluministas do Império, que retiravam apoio às ordens religiosas e que levariam à tributação de seus bens urbanos (casas, lojas e mosteiros, em 1859) e escravos (em 1862).

A proibição do tráfico de escravos, em 1850, levou a legislações graduais pela liberdade de recém-nascidos e sexagenários, restringindo as perspectivas de continuidade da produção de cerâmicas, baseada no trabalho escravo, acrescido à diminuição do número de monges nos mosteiros ou capacitando-os à administração. Assim, em setembro de 1871, libertam-se os escravos nas fazendas da Ordem de São Bento, à qual pertencia a Fazenda de São Caetano do Tijucuçu. Lenta e gradualmente as terras e a produção se degradavam.

As fazendas já sofriam com grilagens de terras, paradoxalmente promovidas pelo seu próprio sucesso, já que a especulação imobiliária trouxera interesses comerciais às suas divisas e às terras comunais – promovidas pela Lei de Terras

de 1850, que trouxe, como consequência imediata, o cercamento dos tropeiros ao seu uso, para pastagens.

Como vemos, a derrocada da Fazenda Beneditina de São Caetano do Tijucuçu se daria em três dos seus quatro eixos estruturantes: economia, política e raça, restando a religião:

- com a substituição de seus produtos por similares importados da Europa;
- na perda de influência, dentro da gestão imperial, levando à tributação de seus bens e rendimentos;
- libertação do seu componente principal da mão de obra produtiva;
- a capela barroca seria, por pouco tempo, centro das práticas religiosas dos moradores do bairro.

Inicia-se uma longa negociação entre a província e a Ordem Beneditina, que duraria de 1872 a 1877, quando suas propriedades (São Bernardo, São Caetano e Santo Amaro) - com suas matas, campos, rios e suas desgastadas construções - foram vendidas por 16 contos de réis à Fazenda Nacional, originando o cerne daquilo que se transformaria na região metropolitana.

Às vésperas da chegada da primeira leva de imigrantes italianos, a se instalar no Núcleo Colonial de São Caetano, em 1877, assinava-se a escritura de

Acervo/FPMSCS



Lajotas perfiladas remanescentes da antiga capela, no Bairro da Fundação

Fonte/ Google Earth, 2018



Vista aérea apresenta o cruzamento de diversos fluxos (rios, trens, ruas e avenidas), que evocam a herança colonial de São Caetano

venda, encerrando o período beneditino sob a promessa e esperança da substituição do trabalho escravo por um trabalho europeu, assalariado e independente.

Estas famílias de imigrantes, inicialmente, seriam instaladas na senzala beneditina e sofreriam negligências, abandonos e incompreensão, algo que as levaria à negação e ruptura com qualquer traço que recordasse a ocupação prévia daquele território, as práticas e as conquistas beneditinas – estes traços de sucesso não seriam reconhecidos, balizados ou recordados.

Em poucos anos, as evidências das edificações beneditinas seriam apagadas, culminando com a total supressão em 1900, com a demolição da capela beneditina original para a construção de uma nova igreja – sintomaticamente apoiando-se sobre seus alicerces.

Para esses imigrantes e seus descendentes não seria possível uma fusão com o sucesso do passado industrial, mas, sim, a sua ruptura e o seu apagamento, escrevendo sobre ele uma nova memória territorial, inicialmente de independência no trabalho agrícola, para depois se submeter ao ritmo industrial – agora como operários.

As lembranças beneditinas desconectam-se em definitivo do território Tijuçu, quando se negociaram os terrenos, atrás da capela, último resquício da con-

tinuidade beneditina da conexão territorial, que também englobava a Vila Carioca. Esta ruptura física levaria ao isolamento e encapsulamento, pelas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, da igreja assentada sobre os alicerces da capela de São Caetano do Tijuçu.

Devemos considerar que a metrópole é um aglomerado urbano, com um elevado desenvolvimento, organizado em torno de uma centralidade, responsável por estabelecer uma rede de fluxos de capital, pessoas, mercadorias, veículos e informações. Ela é conjugada por cidades dependentes, capaz de compor uma densa rede urbana, onde se concentram as principais atividades, empregos e capitais de uma região. Portanto, quando José de Souza Martins, em sua palestra, atribuiu protagonismo ao antigo Bairro de São Caetano, seja na formação de uma rede de comunicações, que deram cenário à Independência, seja como sede de uma duradoura indústria de cerâmica, estava apontando para o que seriam as bases da atuação metropolitana da futura cidade de São Caetano do Sul.

Nos rios retificados, assoreados e canalizados, nas pavimentadas avenidas e ruas, assentadas sobre os antigos caminhos coloniais, nos parques instalados sobre as ruínas da fazenda beneditina, ainda pulsam evidências de uma organizada e relevante ocupação industrial anterior. Estas

ocultadas evidências são as bases reais e tangíveis de um protagonismo regional. Os sucessos beneditinos são a base industrial dos ancestrais fluxos de riqueza e capital que surgiram no século 20, que permitiram a São Caetano do Sul contribuir como protagonista na formação da Região Metropolitana de São Paulo. ■

Notas

¹Juó Bananère é o pseudônimo do escritor, poeta e engenheiro brasileiro Alexandre Ribeiro Marcondes Machado. Nascido em Pindamonhangaba (SP) em 11 de abril de 1892. Faleceu em São Paulo, em 22 de agosto de 1933. Formado em Engenharia na Politécnica da Universidade de São Paulo, em 1917. Obteve sua fama ao trabalho como jornalista e poeta escrevendo para *O Estado de S. Paulo*, e adotando em 1911 o pseudônimo que o deixaria famoso, passando pela equipe do tabloide *O Pirralho*, dirigido por Oswald de Andrade.

²Jurubatuba, Geribatuba ou Jerubatiba é o nome do riacho que nasce nas proximidades da Serra, percorre Santo Amaro e deságua no Rio Pinheiros. É o mesmo rio que encontramos nos caminhos da Serra do Mar, entre São Paulo e Santos, chamado de Rio Grande, para distingui-lo do Rio Pequeno. A antiga taba do cacique Caiubi, irmão dos caciques Tibirica e Piqueirobi, conhecida como "Jeribatiba", se situava no atual Bairro de Santo Amaro.

Referências Bibliográficas

- BANANÈRE, Juó. *Lá Divina Increnca*. São Paulo: Irmãos Marrano Editores, 1924.
- BIANCHI, Silvia Soler; STASCHOWER, Enrique. Um lugar para os mortos: cemitérios na cidade de São Paulo, no século XIX. *Cadernos de Estudos Urbanos*, p. 131, 2021.
- BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira et al. Décimas urbanas e censos: a dimensão material e visual de vilas e cidades em fontes textuais. *URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade*, v. 10, n. 1, p. 4-53, 2018.
- CARRERA, Mércia; SURYA, Leandro. A organização espacial de uma fazenda colonial beneditina reflexo da estruturação social vigente. *Mneme-Revista de humanidades/UFRN. Anais II Encontro Internacional de História Colonial*, v. 9, n. 24, 2008.
- CARVALHO, Cristina Toledo de. A presença dos monges beneditinos na São Paulo colonial (1598-1792). *REVELETEO-Revista Eletrônica Espaço Teológico*, n. 2, 2007.
- MARTINS, José de Souza. A formação do espaço regional do Tijuçu e de São Caetano. *Raízes, São Caetano do Sul*, n. 5, p. 4-16, jul. 1991.
- _____. *O Porto Geral. Raízes, São Caetano do Sul*, n. 41, p.17-26, jul. 2010.
- RIBEIRO, Rui. O escritor Nicola Perrella entre as Torbas de São Caetano. *Raízes, São Caetano do Sul*, n. 28, p. 76-79, dez. 2003.
- SALLA, Dalton. *Barro paulista: a tradição bandeirante do imaginário em barro cozido*. São Paulo: Museu de Arte Sacra de São Paulo, 2014.
- SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2014.
- SCHUNK, Rafael. *Frei Agostinho de Jesus e as tradições da imaginária colonial brasileira – séculos XVI e XVII*. 2012. 398 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SOUZA, Ney de (org.). *Catalicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- TALUNAY, Affonso de E. *História Antiga da Abadia de São Paulo (1598-1772)*. São Paulo: Tipografia Ideal, 1927.

Enrique G. Staschower

é arquiteto graduado pela Universidade Braz Cubas, mestre em Culturas e Identidades Brasileiras, pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo e doutorando em Mudanças Sociais e Participação Política da Universidade de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa CAPES/Mackenzie Arquivo Memória e Cidade, pesquisador e docente no curso de Arquitetura e Urbanismo da Fundação Santo André. É autor dos livros *Arquitetura Brasileira - da Arquitetura Colonial às Divergências no Modernismo e Arquitetura e Urbanismo - Paisagismo de Jardins e Plantas Ornamentais*. É conselheiro do Conselho Municipal de Política Urbana de São Paulo (CMPU) e do Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Santo André (Comdephapaasa).

Autonomia política de São Caetano: imaginário e narrativas memorialísticas

 Cristina Toledo de Carvalho

A MEMÓRIA ATINENTE à autonomia política de São Caetano é repleta de referências de enaltecimento ao episódio e à figura de seus líderes. As narrativas veiculadas pelo *Jornal de São Caetano* na época do advento do movimento, em 1948, quando se observaram ações efetivas de mobilização de entidades locais e da sociedade como um todo, ajudaram a constituir parte de tais referências e a compor o leque de representações que alimentaram o imaginário social sedimentado ao redor da causa emancipacionista.

Estudá-la criou condição para que os seus enunciados memorialísticos fossem trazidos para o campo de discussão, permitindo reflexões acerca de referenciais mais amplos, que alicerçam a construção das próprias memó-

rias de São Caetano do Sul e da sua identidade. Essa orientação teórico-metodológica dialoga, por sua vez, com concepções que consideram o urbano, dentro do vasto horizonte conceitual apresentado pela história social das cidades, como um “lugar simbólico de memória”¹ ou ainda como “fontes de imaginários”.²

Tal abordagem implica tratar a cidade como um objeto dinâmico e privilegiado de análises, discussões e reflexões, e não como um mero recorte espacial estático de temas de pesquisa. Ou, conforme endossa Sandra Jatahy Pesavento, “pressupõe pensar para muito além do espaço, enveredando pelo caminho das representações simbólicas da urbe”.³

Em se tratando do movimento autonomista de São Caetano, o cabedal de represen-

tações constituído a partir das narrativas e imagens produzidas em torno dele atesta o quanto a dimensão simbólica faz-se presente na cidade, revelando a complexidade que a envolve e a particulariza, em uma emaranhada trama de percepções, disputas e interesses. Neste sentido, é bastante elucidativo o relato de Oscar Garbelotto no artigo que escrevera para a edição especial de *Raízes*, comemorativa do cinquentenário da autonomia, efeméride ocorrida em 1998. Na qualidade de filho de um dos líderes do movimento, Garbelotto desvela impressões que permitem a problematização do ideal emancipacionista em interlocução com questões que dizem respeito ao processo de construção do que se pode chamar de identidade sul-são-caetanense.

O *Jornal de São Caetano*, lançado em 28 de Julho de 1946, chegava em nossa casa, semanalmente, com notícias que motivaram o ego caetanense. Já em seu primeiro número, ilustrava a primeira página com a significativa foto da velha Matriz, mostrando a saída da procissão do padroeiro em 13 de junho de 1908. (...) Seus entusiasmados artigos sempre destacavam a riqueza da cidade e o descaso das autoridades de Santo André⁴.

A fala de Garbelotto corrobora a ideia de que o *Jornal de São Caetano* colocou-se, naquele momento, entre as forças cidadinas locais, desempenhando um papel hegemônico na produção identitária são-caetanense, em virtude do conjunto imagético que constituía e veiculara acerca da cidade. Ponto central de suas pautas, o então subdistrito de São Caetano ganhava relevo junto a suas editorias, colaboradores e seções. O periódico conseguia, dessa forma, manter vivo um sentimento de pertença e elevação em relação à cidade, que se via inserida em uma conjuntura desfavorável em razão de sua subjugação aos interesses de Santo André, município ao qual se encontrava politicamente atrelada desde 1º de janeiro de 1939. Para José de Souza Martins, o *Jornal de São Caetano* foi “o grande responsável pela construção e consolidação de uma consciência de localidade no povo desse município”⁵. Por meio de discursos de exaltação à pujança local, os quais eram habituais em suas páginas, o jornal municiaava o imaginário são-caetanense.

Oscar Garbelotto prossegue em sua rememoração, ressaltando o sentimento de pertencimento à cidade que nele fora despertado pela autonomia política de São Caetano:

Ao percorrermos o centro da cidade, particularmente a avenida Conde Francisco Matarazzo (...), sentimos a vitória do SIM bem mais de perto. Havia a certeza e alegria nos eleitores pró-autonomia. Era a própria manifestação de algo há muito esperado; a explosão de um ideal reprimido e repentinamente ao alcance das nossas mãos. E em nossos olhos e mentes juve-

nis brotou um sentimento de ingênua alegria e de um imenso orgulho de pertencer – com raízes profundas – à cidade⁶.

A sua constatação de que aprendera “a ser mais sancaetanense do que nunca”⁷ naquele 24 de outubro de 1948, dia da realização do plebiscito que concedera a emancipação político-administrativa à cidade, confirma a importância da data para o imaginário local, sendo equiparada por Garbelotto ao episódio da chegada dos primeiros imigrantes italianos ao então Núcleo Colonial de São Caetano.

A autonomia para nós já era um fato concreto. Foi gratificante presenciar aqueles homens, das velhas e tradicionais famílias locais, falarem dos fatos do dia. Para nós, os Garbelotto, os D’Agostini, os Botteon, os Fiorotti, os Martorelli, os Dal’Mas, os Braido, os Dalcin, os Moretti, os Thomé, os Di Nardi, os Bortoletto, os Lorenzini, os Cavassani, (...), parecia que São Caetano fora fundada pela segunda vez. (...)⁸

A associação entre os acontecimentos da autonomia e da “fundação” da cidade aparece em outras narrativas divulgadas pela edição especial de *Raízes*, comemorativa do Jubileu de Ouro da emancipação política de São Caetano. Luiz Rodrigues Neves, um dos fundadores do *Jornal de São Caetano* e líder autonomista, assim se manifestou:

São Caetano não vai ter a oportunidade de assistir de novo a um movimento cívico de tamanha envergadura, de tamanha empolgação, como foi o movimento autonomista (...) Foi uma das páginas mais brilhantes da história do Município, superada apenas pelo capítulo da fundação de São Caetano, que eu coloco em primeiro lugar (...) Todos esses fatos foram importantes para que ela se tornasse a cidade que é hoje, uma cidade praticamente sem problemas⁹.

Para Glenir Santarnecchi, “a garra e a determinação dos Líderes Autonomistas, herdadas dos

Panfleto distribuído na época da campanha autonomista, tendo em vista o plebiscito de 24 de outubro de 1948. A imagem nele impressa simboliza a situação de subjugação de São Caetano a Santo André, equiparada a uma realidade de escravidão



seus antepassados, imigrantes italianos que fundaram a cidade em 28 de julho de 1877, culminaram com o vitorioso plebiscito de 24 de outubro de 1948¹⁰. A força simbólica atribuída pelos enunciados memorialísticos ao episódio da chegada de tais imigrantes era tamanha que, mesmo em face das memórias concernentes à campanha autonomista, que põem em tela um fato sem o qual não existiria o município de São Caetano do Sul, aquele episódio continuava a ocupar grande espaço no imaginário local, nele indicando a presença hegemônica de uma memória triunfalista italiana.

Cumprido, porém, registrar que alguns periódicos da imprensa sul-são-caetanense chegaram, nos anos 2000, a manifestar-se a respeito do 24 de outubro enquanto data magna de São Caetano do Sul. A discussão que lançaram na ocasião fomentou uma disputa com o 28 de julho, data alusiva à chegada do primeiro grupo de imigrantes italianos ao então Núcleo Colonial de São Caetano.

Em sua edição de 22 de outubro de 2004, o semanário *São Caetano Agora* escreveu:

Há 56 anos, um grupo de moradores da cidade conseguiu com muita luta fazer com que São Caetano, que era subdistrito, se separasse de Santo André. O golpe final se deu por meio de um plebiscito, quando a população democraticamente escolheu a autonomia. O 24 de Outubro sequer é considerado feriado municipal.

Em homenagem a este dia histórico, o São Caetano Agora passa a levantar a bandeira de que se realize outro plebiscito, nos mesmos moldes do feito há 56 anos, para decidir qual das duas importantes datas deve ser a do aniversário¹¹.

A *Tribuna do ABCD* foi o outro periódico da imprensa de São Caetano do Sul que se posicionou a respeito, chegando, aliás, a propor, em sua edição de 23 de outubro de 2004, que se instituisse “o Dia da Autonomia de São Caetano do Sul, em caráter oficial, com feriado

municipal, missa, cultos de ação de graças e outras manifestações culturais (...), como é feito com o dia 28 de Julho, aniversário de fundação¹².

Para além das discussões acerca de qual, entre as duas referências, viria a ser a data histórica mais importante de São Caetano, a disputa travada entre ambas pela hegemonia no campo da memória sul-são-caetanense deve, prioritariamente, suscitar reflexões que possibilitem a produção de uma historiografia séria e embasada sobre a cidade, refinada por postulados epistêmicos e não pelos ditames passionais das concepções triunfalistas, distantes de serem preceitos norteadores de um conhecimento essencialmente científico. ■

Notas

¹ LOFEGO, Sílvio Luiz. *IV Centenário da Cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 22.

² *Ibidem*, p. 22.

³ PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 279-290, 1995, p. 282.

⁴ GARBELOTTI, Oscar. História vivida há meio século sob a visão juvenil de um sancaetanense. *Raízes*, São Caetano do Sul, Edição Especial, p. 91-96, out. 1998, p. 93.

⁵ MARTINS, José de Souza. Prefácio. In: RODRIGUES, Mário Porfírio. *Um jornal, uma vida: a saga do Jornal de São Caetano e outras mais*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2005, p. 11.

⁶ GARBELOTTI, Oscar, art. cit., p. 95.

⁷ *Ibidem*, p. 96.

⁸ *Ibidem*, p. 96.

⁹ FUNDADOR do *Jornal de São Caetano* foi destaque no movimento emancipacionista. *Raízes*, São Caetano do Sul, Edição Especial, p. 67-70, out. 1998, p. 70.

¹⁰ SÁNTARNECCHI, Domingos Glenir. Eventos pós-autonomia reúnem acontecimentos que devem ser relembrados. *Raízes*, São Caetano do Sul, Edição Especial, p. 97-98, out. 1998, p. 97.

¹¹ *Apud* RODRIGUES, Mário Porfírio, op. cit., p. 171.

¹² *Ibidem*, p. 170-171.

Cristina Toledo de Carvalho é historiadora, mestre e doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). É autora do livro *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*, lançado pela Fundação Pró-Memória em 2015, e de mais de 60 artigos publicados na revista *Raízes*. É também integrante da Comissão Editorial da instituição.

Acervo Família Dall'Anese



Integrantes da família Dall'Anese em registro fotográfico de meados da década de 1940. Em pé, da esquerda para a direita, vemos: Angela, Arthur, Augusta, Mario e Ada Dall'Anese (filhos nascidos na Itália). Sentados, entre o casal Caterina Michelin Dall'Anese e Giovanni Angelo Dall'Anese, vemos os filhos Anna Maria e Antônio José

Museu Sagrada Família

Catequese e Arte Um itinerário de beleza e fé

▣ Padre Jordélio Siles Ledo e João Tarcísio Mariani

POUCA GENTE SABE que em São Caetano do Sul existe um museu que tem corpo e alma, e tem dois braços. É um dos únicos no mundo dedicado ao tema que lhe é objeto e, por último, pode ser considerado absolutamente alinhado com o conceito da Iniciação à Vida Cristã, proposto pela atual visão da educação da fé por meio de uma preparação permanente.

Corpo e alma e dois braços simbolizados por meio de Catequese e Arte que permeiam todos os espaços do Museu Sagrada Família, localizado no coração da cidade, na Praça Cardeal Arcoverde, s/nº.

Falar do Museu que abraça, literalmente, a Matriz é falar da história e fazer memória da presença da congregação estigmatina em São Caetano do Sul, desde dezembro de 1923, ou seja, é também preparar homenagem ao primeiro centenário dos estigmatinos entre nós, no ano de 2023.

Quando discorremos sobre a Igreja Matriz Sagrada Família, o centro das atenções recai sobre o padre Alexandre Grigolli. Já ao abordarmos o Museu, o ponto focal se dirige ao padre Jordélio Siles Ledo. Ambos os sacerdotes estigmatinos sonharam, conceberam, planejaram, erigiram e inau-

guraram seus respectivos projetos, com o mesmo propósito: arte catequética ou catequese artística.

A Matriz Sagrada Família já mereceu da revista *Raízes* várias matérias, e o padre Alexandre Grigolli, em particular, foi alvo de um artigo traçando a sua biografia na edição de número 59 desta publicação, de julho de 2019, intitulado *Sete Oferecimentos... Sete Instrumentos... Sete Sacramentos*.

Por isso mesmo, hoje, aqui e agora, queremos abrir espaço e focar nosso olhar, em especial, ao museu e ao seu idealizador, padre Jordélio Siles Ledo. Não apenas pelo mérito da obra, mas também pelo legado cultural e de educação da fé com que o padre Jordélio contemplou São Caetano do Sul. Ele congregou todos os aspectos que envolvem Matriz e Museu: concepção, simbologia, espaços, arte, liturgia, psicopedagogia catequética, enfim, tudo isso foi alinhavado em sua brilhante tese de doutorado, que neste artigo é sintetizada.

A curadoria do Museu - A curadoria do Museu Sagrada Família - Catequese e Arte tem seus fundamentos e inspiração no itinerário de formação humano-cristã com catequista e no resgate da arte nos processos de evangelização. Uma estrutura de

pensamento que se faz em três níveis: a pessoa, o espaço e a via da beleza. Tratando-se de um projeto de formação permanente e aberto a exposições temporárias, celebrações e cursos, o espaço assume a característica de um museu temático, catequético.

O Museu foi concebido com uma igreja ao centro, integrando toda a sua estrutura arquitetônica, onde a vida litúrgica da comunidade paroquial acontece normalmente. A curadoria encontrou, aqui, um desafio muito peculiar para o Museu; de fato, mesmo no processo de construção, ele nunca deixou de receber pessoas e manter viva uma tradição católica muito peculiar na Matriz Sagrada Família. Talvez, uma pergunta que se possa fazer é: como transformar um espaço vivo, orante e celebrativo em museu? Aí, radica o maior desafio desse projeto, que foi, aos poucos, concretizando-se, sem interromper a vida eclesial que já existia; mas, ao contrário, acolhendo-a para dentro do próprio Museu, como um verdadeiro tesouro a ser preservado, um bem imaterial: a fé e as devoções de um povo.

No processo de curadoria, o Museu passou por várias fases, mudando paredes ou abrindo uma nova porta. E a preocupação não foi somente com exposição, mas com a materialização de uma tese: transformar uma prática catequética em espaço museológico. Idealizar e organizar um roteiro, tão valioso, que tem sua inspiração na catequese dos primeiros séculos do cristianismo e procura se atualizar, para responder aos anseios do homem de hoje. É um desafio que envolve a vida de um curador ou fundador do museu, principalmente quando se propõe integrar catequese, arte e liturgia, rompendo barreiras e preconceitos; uma experiência que exige do curador uma profunda abertura para a criatividade.

O Museu Sagrada Família - Catequese e Arte, na essência de sua curadoria, entende que a fé precisa ser educada em todas as fases da vida. Como espaço e projeto de formação com catequista, a instituição sempre esteve atenta e aberta ao diálogo com pessoas em todas as idades.

No dia 1º de setembro de 2019, o Museu Sagrada Família recebeu a visita dos catequistas e do pároco, padre Wesley Araújo, da Paróquia Nossa Senhora Aparecida de Sumaré



Portanto, será conveniente oferecer caminhos de catequese que se diversifiquem de acordo com as diferentes exigências, idades dos sujeitos e estados de vida. Portanto, é indispensável respeitar os dados antropológico-evolutivos e teológico-pastorais, levando em consideração as ciências da educação. Por isso, é pedagogicamente importante, no processo da catequese, atribuir a cada etapa a sua devida importância e especificidade.¹

O diálogo entre educação da fé e arte se faz necessário; esse é um outro ponto essencial na curadoria do Museu. Atenta ao distanciamento da arte no universo catequético, principalmente entre os catequistas, a curadoria acentuou, sempre, esse olhar da amizade entre arte e catequese no universo formativo e eclesial. Vive-se em um mundo que se distancia cada vez mais da beleza, da arte. A arte nos humaniza, gera a paz, desperta para a criação, faz da pessoa humana cocriadora, artista, protagonista da história. Muitas vezes, a obra de arte é manifestação da fé de uma pessoa, de um grupo, de um povo, de uma religião e, por isso, precisa participar ativamente dos processos de educação da fé.

A linguagem da fé e da arte é universal. Ao cristão de hoje cabe a missão de utilizar essa linguagem para anunciar a *Boa Nova do Evangelho*. O anúncio do Evangelho pede, em época

de mudança, criatividade, audácia e coragem. O Museu, sem a pretensão de esgotar um assunto tão amplo, propôs-se retomar o diálogo com a arte e beleza, recordando que, desde o seu início, a Igreja sempre se apoiou nas artes para iniciar e educar a fé.

Dessa forma, tendo como principal interlocutor o catequista, pensou-se a curadoria propondo um itinerário a ser percorrido a partir dos quatro tempos da Iniciação à Vida Cristã: querigma, catecumenato, purificação - iluminação e mistagogia. Ao percorrer os espaços do Museu Sagrada Família - Catequese e Arte, a intenção é que a pessoa retome os temas da fé, revisitando sua vida e percorrendo um itinerário que se dá ao redor da igreja. Esse modo de realizar a curadoria pretende dar passagem a um novo paradigma na formação com catequista, focando o olhar para o espaço litúrgico-catequético, que é o coração do Museu.

A Matriz Sagrada Família: fonte de arte e catequese

Compreendida como o coração do Museu, a igreja foi a grande inspiradora desse projeto; um cenário ideal para a construção de um espaço de formação, que envolve liturgia, arte e catequese; com torres altas, paredes robustas, feitas de tijolos de barro, arcos e capitéis, um forro de madeira, artisticamente talhado, assumindo um estilo românico ba-

silical, cópia dos séculos 4 e 5. O templo guarda, em sua história e arquitetura, tesouros valiosos para a formação humano-cristã com catequista e de toda pessoa que o visita.

Idealizada a partir de 1930, a Matriz foi construída pelos missionários estigmatinos², vindos da Itália. Entre eles, o padre Alexandre Grigolli, músico, poeta, pintor e arquiteto idealizador e responsável pela construção. Foi inspirada na Igreja Santa Cruz de Milão, possuidora de bela arquitetura, que se torna um espaço sagrado, além de sofrer algumas alterações, com o passar do tempo, principalmente após o Concílio Vaticano II, porém, preserva sua essência litúrgica e catequética, sendo um ambiente ideal para o encontro com Cristo. Sua arquitetura é expressão de um olhar objetivo para os conteúdos da fé.

Situada no centro da cidade de São Caetano do Sul, a Igreja Matriz Sagrada Família é o marco de um período do desenvolvimento urbano, que ainda era delineado por influência da cultura cristã católica. Segundo registros de Grigolli, primeiro pároco, a igreja deveria ser um marco do progresso da cidade. A pequena Igreja São Caetano, no Bairro da Fundação, passou a se chamar Matriz Velha, e a Igreja Sagrada Família, Matriz Nova, tornando-se o centro da vida da cidade, lugar de casamentos e grandes celebrações. Até mesmo



Em destaque, à direita, quadro iconográfico da Sagrada Família pintado pelo artista sacro chileno contemporâneo Gerardo Zenteno



Crucifixo esculpido e pintado em madeira pelo padre Alexandre Grigolli. Foi o primeiro utilizado no altar-mor do templo e hoje está em exibição no Museu

Dessa forma, tendo como principal interlocutor o catequista, pensou-se a curadoria propondo um itinerário a ser percorrido a partir dos quatro tempos da Iniciação à Vida Cristã: querigma, catecumenato, purificação - iluminação e mistagogia.

o sino da torre foi instalado com a intenção de conduzir a vida e a fé da pequena cidade que estava em desenvolvimento.³

Tudo começou a se desenvolver ao redor da nova igreja. Ao se ouvir as histórias da Matriz, compreende-se o quanto foi importante para o desenvolvimento urbano da cidade. Sinal de uma época, em que as cidades se desenvolviam regidas por uma cultura cristã católica. Sob esse aspecto, é interessante observar o quanto essa igreja foi, ao longo de décadas, um referencial catequético, que passava pela dimensão afetiva de gerações, que se casaram, batizaram e celebraram seus mortos, registrando, em suas paredes, nomes de famílias que contribuíram para a construção do templo. Com o passar do tempo, essa igreja recebeu o reconhecimento da comunidade, com um novo título que lhe foi oferecido em 2002: “A Fundação Pró-Memória, após uma missa em honra de São Caetano, declarou que a Matriz Nova passaria a ser reco-

nhecida como Monumento Histórico de São Caetano ou Matriz Sagrada Família – bem cultural de interesse histórico”.⁴

Essa igreja é um edifício que não mudou, mas acompanhou, como testemunha monumental, as transformações da cidade, que se desenvolveu ao seu redor. Registrou em sua memória ciclos importantes, como o desenvolvimento das olarias, indústrias e comércio, chegando, aos dias de hoje, em uma concepção urbana reconfigurada pelo crescente número de prédios residenciais e comerciais.

A igreja, no contexto atual, principalmente nas grandes cidades, não representa mais o centro da vida da maioria dos homens e mulheres. Não são mais torres das igrejas que marcam o centro das cidades, mas a dos bancos e das redes de televisão. Não é mais o sino do campanário que orienta o tempo dos cidadãos de hoje, mas o horário das novelas e do comércio. Até mesmo nas áreas rurais,



Galeria dedicada às exposições temporárias do Museu Sagrada Família

por influência dos meios de comunicação, a assimilação da cultura urbana é cada vez maior.⁵

Desde a fachada até o seu interior, a Igreja Matriz Sagrada Família é carregada de símbolos que favorecem a catequese por meio da arte. Dentro dela é possível fazer uma experiência mediante o silêncio, que conduz a outro contexto, fora do barulho do centro comercial. Além disso, por suas janelas, que ficam no alto, entra uma luz tênue e orante, que, a qualquer momento do dia, é capaz de se inserir no mistério. Com um olhar panorâmico, pode-se contemplar painéis que se espalham, de modo ordenado, por todas as partes da igreja: são obras dos irmãos Pietro e Ulderico Gentili. Tudo o que se pode observar na arquitetura e nos painéis remete a Cristo, como centro e fonte inspiradora de todo o processo de construção.

Além desses aspectos, convém lembrar que, nos últimos anos, a Matriz Sagrada Família exerceu uma valiosa contribuição para a animação bíblico-catequética em âmbito paroquial, diocesano, nacional e internacional, sediando eventos como: Semanas Catequéticas; Seminário Nacional de Iniciação à Vida Cristã, promovido pela Comissão



Área do Museu onde está instalada a Biblioteca São Gaspar Bertoni

de Animação Bíblico-Catequética da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); Encontro Internacional da Juventude Estigmatina; e o mais recente Sínodo Diocesano, da Diocese de Santo André. Todas essas atividades contribuíram para a assimilação da Matriz como um espaço propício

para a ação evangelizadora da Igreja na cultura contemporânea.

Sobre o Seminário Nacional de Iniciação à Vida Cristã, destaca-se um breve relato do padre Luís Alves de Lima, um grande catequeta do Brasil:

Realizado em São Caetano do Sul (SP), nas dependências da Paróquia Sagrada Família, dos padres estigmatinos, de 6 a 9 de novembro de 2014, com o tema “Quanto a nós, não podemos deixar de falar sobre o que vimos e ouvimos” (At 4,20). Foi organizado pela Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-catequética da CNBB e a participação dos 18 regionais de todo o Brasil. Teve como objetivo partilhar experiências concretas de Iniciação à Vida Cristã. Ao invés de palestras, foram apresentadas três experiências diversificadas sobre iniciação e depois dinâmicas de reflexão e conclusões sobre ela. O Pe. Jordélio Siles Ledo, pároco, esteve à frente de um batalhão de fiéis da Paróquia Sagrada Família que prestou serviços de infraestrutura durante todo o Seminário.⁶

Como um espaço de muitas possibilidades formativas, a Matriz Sagrada Família precisa ser preservada, tamanha sua importância artística e histórica. Apesar de interferências sofridas ao longo do tempo e de alguns excessos na entronização de imagens e adereços, a arte exerce uma força tal que conduz o olhar

para o altar, para o centro de tudo. No local, a arte revela sua valiosa função na tradição cristã, está a serviço da liturgia e é continuidade do Mistério Pascal, celebrado pelo Senhor no meio da comunidade: uma arte e beleza que unem catequese e liturgia; um espaço ideal para um itinerário de formação com catequistas.

Os espaços do museu: um itinerário de Iniciação à Vida Cristã - O Museu Sagrada Família - Catequese e Arte é um instrumento pastoral, que procura resgatar e preservar o modo da utilização da arte e beleza na catequese. Como já vimos, desde o seu início, a igreja caminhou com a arte. Assim, também o Museu nasceu, tendo como fundamento todas as etapas do itinerário catequético. Oferecer espaços que possam

sintetizar cada momento do itinerário com a intenção de criar um projeto visual e experiencial, capaz de inserir os catequistas e visitantes dentro de cada Tempo do Itinerário, é a genuína vocação do Museu. Como um espaço de educação da fé, o Museu, em suas estruturas, está a serviço da Iniciação à Vida Cristã, com enfoque na formação com catequista, assumindo, assim, uma identidade pastoral.

Tempo do Querigma: Capela dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo - A Capela dos Sagrados Estigmas é o primeiro espaço do Museu, lugar onde tudo se inicia. Ao passar por uma grande porta na entrada, feita de aço patinável⁷, em estilo rústico, pode-se adentrar a capela. É o lugar que introduz o catequista no Tempo do Querigma.



Agência Museu Sagrada Família - Catequese e Arte

Visita do grupo de catequistas e catequizandos da Paróquia São Caetano, realizada no dia 9 de novembro de 2019

Nessa capela, feita de concreto em formas de madeira ripada, tendo nas paredes a ideia de pequenas ripas justapostas, dando um sentido de unidade, que passa pela experiência da vida, paixão, morte, ressurreição e presença do Senhor, o catequista é sensibilizado a fazer a experiência do primeiro anúncio.

A estrutura da capela é composta de quatro partes ou abas. Foi criada com ferros que brotam do chão e passam pelas paredes, gerando uma estrutura que apoia quatro dimensões que compõem o teto, formando uma cruz vazada, por onde entra a luz do Sol. Remetendo ao cosmo, é uma unidade que procura atualizar a totalidade de Cristo no espaço. A luz do Sol, dependendo da estação do ano, traça o sinal da cruz sobre uma pedra, que se encontra no centro da capela. Quem consegue entrar e testemunhar essa ação da luz, faz uma experiência de profunda contemplação. A pedra, que está no centro, tem sua inspiração no sepulcro vazio. Ao mesmo tempo, serve para sentar-se, descansar, permanecer no interior da capela, do túmulo vazio e, de algum modo, fazer a experiência espiritual de um grande anúncio: “Por que procurais entre os mortos Aquele que vive? Ele não está aqui; ressuscitou” (Lc 24,5).

A partir dessa pedra, é possível observar, na parede da capela, os estigmas, sinais do ressuscitado. “Disse depois a Tomé: põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!” (Jo 20, 27). A arte, na parede ao fundo da capela, é feita de aço, obra do artista sacro Lúcio Américo. Com a estrutura da capela concretizada, e aproveitando os elementos simbólicos do espaço, o artista confeccionou cinco peças que compõem o painel dos Sagrados Estigmas, feitos em recorte no aço corten.

A Capela dos Sagrados Estigmas, além de ser uma estrutura que marca o período de construção do Museu, com linhas retas e características próprias da arte e arquitetura contemporâneas, é o início do itinerário de formação dentro do Museu, que procura favorecer uma experiência com símbolos e conteúdos, que compõem o Tempo do Querigma.

O querigma é a proclamação de um evento histórico-salvífico e, ao mesmo tempo, um anúncio de vida. Enquanto proclamação de um evento histórico, o querigma é o anúncio de que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus que se fez homem, morreu e ressuscitou para a salvação de todos. Enquanto anúncio de vida, o querigma ultrapassa os limites de tempo e de espaço, abraça toda a história e oferece aos homens uma esperança viva de salvação. Cristo está vivo e comunica a sua vida realizando as promesssas feitas por Deus Pai aos seu povo, por meio dos profetas, no Antigo Testamento.⁸

Nesse espaço, o catequista e outros visitantes se encontram com o tema da morte e da ressurreição, eixos centrais para a compreensão da fé cristã e formação humana. Começar o itinerário formativo, a partir de um espaço praticamente vazio, é provocar uma atitude de abertura ou repulsa. Naquele lugar, os educadores da fé, que conduzem as atividades do Museu, fazem o primeiro anúncio, desejosos de que a pessoa se abra para continuar o caminho no interior do Museu. “O que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos” (1Jo 1,3).

Começar o itinerário no Museu, a partir da Capela dos Sagrados Estigmas, é um modo de educar para a centralidade do processo formativo com catequista. A capela é, portanto, um ambiente de exposição, que procura inserir o catequista no sentido profundo de cada símbolo; é uma porta de entrada, uma ferramenta que proporciona a imersão no primeiro anúncio da fé cristã. Trata-se de um espaço que potencializa, sensibiliza, ajuda a retirar os calçados dos pés, para pisar no chão sagrado da vida cristã, colocar-se na presença do Senhor (cf. Ex 3,5). É o lugar do descanso, da respiração, de quem sai das agitações do centro urbano e adentra num oásis. Lugar da recepção, da acolhida, para o itinerário de formação humano-cristã, que conduz ao discipulado, apontando o início de um caminho, em que cada elemento é importante, não apenas a obra de arte, o espaço, mas, acima de tudo, a pessoa humana.

Ao sair desse ambiente, entra-se no espaço da acolhida, da recepção. Aí, é preciso falar o nome e assinar no livro de registros do Museu. Ser acolhido pelo nome é muito importante para iniciar o processo formativo. Nesse espaço, encontra-se um grande crucifixo de madeira pendurado numa parede de tijolos de barro, obra pintada pelo padre Alexandre Grigolli. Foi usada, por muitos anos, no altar-mor, inclusive, foi diante dela que se celebrou a primeira missa no interior da igreja. Assim, após a experiência como primeiro anúncio e ouvindo a partilha de cada pessoa, é que se faz o convite para a celebração de acolhida e continuação do caminho nas galerias, que compõem o Tempo do Catecumenato ou Aprofundamento.

Tempo do Catecumenato: os espaços de exposição de arte e beleza - Cada espaço que compõe a estrutura interna do Museu Sagrada Família foi pensado a partir de uma composição arquitetônica, que readequou salas e corredores, buscando uma integração entre construção nova e áreas antigas, com vistas a inserir o catequista no Tempo do Catecumenato. Nesse roteiro, alguns ambientes possuem exposições permanentes, e outros foram feitos para exposições temporárias, dando ao Museu a possibilidade de realizar exposições que dialoguem com temas diversificados, propondo, assim, uma atualização temática, um diálogo permanente com a comunidade e, principalmente, com os catequistas, que passam pela experiência formativa. Nesses espaços, o Museu corrobora a ideia de que a formação deve ser contínua, permanente.

Nesse contexto da formação com inspiração catecumenal, o Museu, por meio dos espaços de exposição, insere o catequista e/ou o catequizando no segundo Tempo do Itinerário Catequético. É o Tempo do Catecumenato ou Aprofundamento, o mais longo no processo de Iniciação à Vida Cristã. Dedicado a aprofundar os temas do querigma, é o tempo do ensino e reflexão dos conteúdos da fé cristã, que o Museu se propõe a realizar a partir de várias expressões artísticas. Esse tempo está estruturado em fases, celebrações

e eixos temáticos. Nele, o catequista e o visitante são convidados a conhecer e experimentar os principais aspectos da fé cristã por meio de exposições temporárias que abordem algum tema específico, ou a partir de exposições fixas, que compõem uma mensagem permanente no interior do Museu. Cada objeto e lugar compõem uma catequese.

Com esse tempo, o Museu adentra em vários temas, lembrando que ele contorna a Matriz, ou seja, tem uma vida litúrgico-catequética no centro. Todo o roteiro de catequese, presente nos espaços do Museu, é envolvido por ritos e celebrações, vivenciados diariamente pela comunidade no espaço da igreja. Nesse percurso, o que sobressai é a catequese em forma de arte e beleza.

A catequese é um espaço de tempo em que a pessoa recebe formação, aprofunda os conteúdos da fé e vivencia a vida cristã. No centro da catequese encontramos essencialmente uma Pessoa: a Pessoa de Jesus de Nazaré, “Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade.” (Jo 1,14), que sofreu e morreu por nós, e que agora, ressuscitado, vive conosco para sempre. Este mesmo Jesus que é “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). A vida cristã consiste em seguir a Cristo.⁹

Na curadoria do Museu, existe um desafio a respeito da contínua construção de um texto formativo, que se dá a partir das exposições. O caminho da catequese, que se revela nos espaços do Museu, concretiza-se em espaços temáticos. É um caminho a percorrer, no qual cada exposição traz, em si, uma mensagem a ser interpretada pela experiência.

Tempo da Purificação e Iluminação - Alguns espaços compõem essa etapa do itinerário no Museu após o Tempo da Catequese; é preciso adentrar no Tempo da Purificação e Iluminação. Um tempo proposto para preparar, profundamente, a mente e o coração, e celebrar os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã. Esse exercício espiritual acontece no Tempo da Quaresma: é uma ocasião

em que toda a comunidade procura se renovar, fazer síntese e acompanhar os catecúmenos para a celebração do Mistério Pascal.

Neste tempo, a intensa preparação espiritual, mais relacionada à vida interior que à catequese, procura purificar os corações e espíritos pelo exame de consciência e pela penitência, e iluminá-los por um conhecimento mais profundo de Cristo, nosso Salvador: Serve-se para isso de vários ritos, sobretudo dos escrutínios e das entregas.¹⁰

Um tempo de profunda beleza, em que se busca viver a purificação e iluminar a vida com a Palavra de Deus. A partir desse breve conceito, pode-se seguir com o itinerário do Museu.

Tempo da Mistagogia - O Tempo da Mistagogia no espaço do Museu se propõe a inserir o catequista no interior da Igreja, na vida litúrgica de uma comunidade, que vive e celebra sua fé diariamente. É um tempo profundamente espiritual, que se revela como uma dimensão importante no itinerário de educação da fé; que conduz ao discipulado e missão; pode-se dizer que todo o espaço do Museu é mistagógico, assim como todo o Itinerário de Iniciação à Vida Cristã. A partir dessa inspiração, constrói-se, por meio do itinerário de formação no espaço do Museu, uma identidade Pascal, pois Jesus Cristo ocupa o centro vital da mensagem e do itinerário catequético. A vida cristã é assim assinalada pelo já e pelo ainda não, que caracterizam o evento da salvação pascal e a sua celebração na liturgia.

Esse é, portanto, o quarto tempo do itinerário. É o tempo litúrgico por excelência. Recomenda-se que seja vivenciado ao longo do Tempo Pascal. Iluminado pelo sacramento recebido, o iniciado (neófito) é chamado a vivenciar a salvação oferecida por Deus na liturgia comunitária, fonte de espiritualidade e comunhão na vida e missão da Igreja. Assim, o catequista ou o visitante do Museu, após percorrerem o itinerário, são con-



Registro da visita de grupo da Paróquia São José Operário, de Santo André, em 2019

vidados a passar pela porta da fé e adentrar no espaço da mistagogia, igreja, sendo, de algum modo, inseridos no mistério.

A porta da fé leva o visitante à conclusão do itinerário, e nós gostaríamos que este artigo fosse porta de abertura para as homenagens que os sacerdotes estigmatinos deverão receber ao celebrarem, no ano de 2023, o primeiro centenário da sua presença ininterrupta em São Caetano do Sul, como dedicados educadores da fé, desde 23 de dezembro de 1923.

A todos os estigmatinos que ajudaram a escrever a história de fé e vida de nossa cidade ficam registrados aqui o preito de gratidão que merecem e o desejo de que a Matriz e o Museu Sagrada Família sempre preservem dignamente a memória de todos eles. ■

Referências bibliográficas

- CNBB. *Anúncio querigmático e evangelização fundamental*. Brasília: Ed. CNBB, 2009.
¹ *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Documentos da CNBB 107. Brasília: Edições CNBB, 2017.
² *Ritual de iniciação cristã de adultos*. São Paulo: Paulus, 2011.
JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae*. Petrópolis: Vozes, 1980.
LEDO, J. S. *Museu Sagrada Família – Catequese e Arte*. Goiânia: Scala, 2016.
LIMA, Luís Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: o caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*. São Paulo: Paulus, 2016.
MACHADO, R. C. de A. *O local de celebração: arquitetura e liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2001.
MARIANI, Alberto Francisco. Estigmatinos: 80 anos na cidade. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 30, p. 45-55, dez. 2004.
PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a catequese*. São Paulo: Paulus, 2020.

Notas

- ¹ DC 225.
² Foram três, os primeiros missionários estigmatinos que chegaram ao Brasil: Pe. Alexandre Grigolli, Pe. Henrique Adami e o Irmão Domingos Valzacchi.
³ O sino, dedicado à Sagrada Família, foi doação da família Baraldi.
⁴ MARIANI, Alberto Francisco. Estigmatinos: 80 anos na cidade. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 30, p. 45-55, dez. 2004, p. 54.
⁵ MACHADO, R. C. de A. *O local de celebração: arquitetura e liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 13.
⁶ LIMA, Luís Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: o caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 257.
⁷ Essa porta foi feita pelo artesão e serralheiro Dirceu Lopes da Sila. Possui designs modernos, seguindo o mesmo conceito presente nas paredes da capela. Em sua produção, foi utilizado aço patinável, um tipo de aço cuja composição apresenta elementos que potencializam as propriedades anticorrosivas do material. O artesão Dirceu Lopes deixou-se tocar pela experiência que vivenciara no Museu, tornando-se um frequentador assíduo desse espaço.
⁸ CNBB. *Anúncio querigmático e evangelização fundamental*, n. 17.
⁹ Cf. CT 05.
¹⁰ RICA 25.

Jordélio Siles Ledo

é doutor em Teologia, escritor, fundador do Museu Sagrada Família. Atualmente é provincial dos estigmatinos.

João Tarcísio Mariani

é membro da diretoria do Museu e do grupo de Educadores da Fé (monitores do Museu). É também membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Sobre reconhecimento, memória e luta da comunidade negra em São Caetano do Sul

Antes de iniciar a leitura deste texto, gostaria que você, caro leitor ou leitora, participasse de uma experiência sinestésica: coloque para tocar em um player de música de sua preferência a canção *How Can You Mend a Broken Heart*, do cantor Al Green. Feche os olhos e escute essa música por alguns minutos. Imagine que essa é a canção que encerrava as noites de um dos mais tradicionais bailes da comunidade negra que existiram na cidade de São Caetano do Sul. E espere a música terminar para continuar a ler esse texto. Até já!

 Rondinely Silva Lima

A **MÚSICA QUE ACABAMOS** de ouvir arrebatou o coração de vários casais apaixonados no tradicional baile da Associação Cultural, Recreativa e Esportiva (Acre) Luiz Gama, em São Caetano do Sul. Esse clube, que nos dias atuais reside na forma de um time de futebol amador, completou 60 anos de fundação no ano pandêmico de 2021. Mas antes do formato exclusivamente futebolístico, a Acre Luiz Gama se consolidou como um clube social dedicado à comunidade negra de São Caetano do Sul e região. E entre suas atividades estavam os tradicionais bailes *black* que agitavam a noite da cidade, principalmente entre os jovens negros. Em uma sociedade racista, como a brasileira, e, mais especificamente, em uma cidade conhecida pela forte presença da imigração italiana, um clube social dedicado à comunidade negra foi o bálsamo de diversos jovens pretos que tinham ali um refúgio das opressões do dia a dia.

Descobri essas e outras histórias a partir de uma pesquisa de Iniciação Científica que iniciei no Departamento de Artes do Instituto de Artes da Unesp - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Orientado pela professora doutora Marianna Francisca Martins Monteiro, busquei me utilizar do método da História Oral para entrevistar diversas pessoas que vivenciaram esses momentos na cidade.



Grupo musical durante apresentação na Associação Cultural, Recreativa e Esportiva Luiz Gama. Foto da década de 1970

Minha curiosidade pela Acre Luiz Gama surgiu a partir do contato com o livreto *A Escravidão em São Caetano (1598-1871)*, de autoria do sociólogo José de Souza Martins, publicado, em 1988, pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, com o apoio da Acre Luiz Gama. Inclusive, encontrei um exemplar raro dessa edição na Livraria Malungo, no município de São Paulo, lugar este de propriedade de um dos maiores escritores brasileiros: o poeta Oswald de Camargo.

Na publicação sobre a escravidão na antiga Fazenda de São Caetano, consta o endereço da Acre Luiz Gama na época: Rua Rio Grande do Sul, nº 124, onde hoje está instalado o equipamento público Casa do Artesão. Esse apagamento da memória negra do local me fez refletir sobre outra questão que a cidade de São

Caetano do Sul deixou de lado ao se contar a sua história hegemônica: o antigo cemitério de escravizados pretos e indígenas que se encontra no solo dos arredores da Igreja São Caetano, no Bairro da Fundação. A localização desse cemitério é demonstrada na obra de Martins.

Assim como no local da antiga Associação Luiz Gama não há sinalização sobre essa rica história negra que ali aconteceu, no território do templo católico também não há sinalização alguma sobre quem está enterrado debaixo daquele solo. Neste mesmo local, inclusive, acontece a tradicional Festa Italiana de São Caetano do Sul.

Ao continuar minhas pesquisas, descobri que a Associação Luiz Gama, na transição das suas atividades sociais em direção ao futebol amador,

contou, em algum momento de sua trajetória, com uma sede em um campo de futebol de várzea. Com a ajuda de amigos, descobri que a localização desse campo se deu ali no cruzamento das avenidas Conselheiro Antonio Prado e Guido Aliberti, divisa de São Caetano do Sul com o município de São Paulo. Por diversos motivos, esse campo não pertence mais à entidade, e, ao passar em frente ao local, constatei que também não há nenhuma sinalização da história desse time de futebol de várzea formado, histórica e majoritariamente, por jogadores negros.

Essa inquietação por esses diversos apagamentos e esquecimentos das histórias e memórias da comunidade negra de São Caetano do Sul me levou a começar essa pesquisa junto à Unesp. Durante esse período

Essa inquietação por esses diversos apagamentos e esquecimentos das histórias e memórias da comunidade negra de São Caetano do Sul me levou a começar essa pesquisa (...)

de pesquisa, iniciou-se também essa pandemia, que interferiu nos planos e projetos de todos os habitantes deste planeta e comigo não foi diferente. Após uma longa pausa, retomei as pesquisas em formato diferente do inicialmente planejado. Passei a iniciar uma série de entrevistas em formato remoto. Entrevistei inicialmente duas mulheres ligadas ao Conselho Municipal da Comunidade Negra de São Caetano do Sul (Conescs): Andreia Miguel Pinto e Tânia Ferreira do Nascimento, ex-presidentes.

Andreia me fez aprender sobre a força das relações institucionais do Conescs com outros órgãos da cidade de São Caetano do Sul, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB),

Serviço Social do Comércio (Sesc) e a Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs), entre outros, com o objetivo do fortalecimento das políticas públicas da comunidade negra na cidade. Já Tânia me contou sobre a luta dos negros e negras de São Caetano na movimentação política pela fundação de seu próprio conselho municipal. Percebi então que o Conescs é fruto de muita luta e talvez seja hoje o principal instrumento da luta racial em termos institucionais em São Caetano do Sul.

Por indicação de Andreia e Tânia, entrevistei também Paulo Tadeu Vitorio, o Paulão, como gosta de ser chamado. Ele que me contou sobre uma tal “música arrebatadora” do Al Green que mexia com o coração dos casais nos bailes *black* na Associação Luiz Gama, nos anos 1970, ao final das noites de domingo. Contou também sobre as amizades (de algumas pessoas que inclusive nem estão mais entre nós) e memórias que vivenciou na sede social desse clube, intercalando lembranças dos bailes (ao som de James Brown, Jorge Ben Jor, Tim Maia e Marvin Gaye), jogos de futebol e movimentação política sobre questões raciais de interesse da comunidade negra local.

Paulão me relatou também sobre outro clube social negro em São Caetano do Sul: a Associação Beneficente Cultural e Esportiva Cruz e Souza, enti-

dade fundada, no ano 2000, por Eliel Rodrigues, com o viés de luta pela igualdade racial em todos os seus aspectos. Entre suas diversas atividades, a parceria com o Frei David, da Educafro, por meio da qual um cursinho popular foi organizado na Rua Sílvia, com o objetivo de facilitar o acesso de negros e negras à universidade. Inclusive, conforme relato oral, a primeira aula deste cursinho foi ministrada pelo antigo prefeito Luiz Olinto Tortorello.

Entrevistei também Carlos Alberto Araújo, o Carlinhos, filho de Alberto do Carmo Araújo (conhecido como Giba), um dos ex-presidentes da Associação Luiz Gama. Carlinhos me contou que a antiga sede da Associação Luiz Gama, na Rua Rio Grande do Sul, foi fruto de um comodato com a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, que, infelizmente, não foi renovado. Comentou ainda sobre os sambas de Martinho da Vila e as famosas “músicas lentas” de Al Green que eram tocadas nos bailes de domingo na Associação Luiz Gama. Carlinhos lembrou também dos cursos de datilografia que ocorriam na sede social do clube e das aulas de capoeira, com o famoso mestre Besouro, que ali aconteciam.

Por fim, entrevistei Renato Ihu, o Renatinho, pesquisador de culturas tradicionais e professor convidado da Unesp, que ministra aulas com a professora Ma-

rianna Monteiro, minha orientadora. A coincidência aqui é que Marianna e eu descobrimos, por acaso, que Renatinho já havia morado em São Caetano do Sul e que, pasmem, havia frequentado os bailes da Associação Luiz Gama em sua juventude.

Na entrevista, Renatinho me falou sobre a adolescência humilde que viveu na cidade, sendo morador de um dos cortiços de São Caetano do Sul, na Rua Lourdes, no Bairro Nova Gerty (a curiosidade aqui é que o autor deste texto também já morou em cortiços na mesma rua). Renatinho, em seu relato, contou sobre a criminalidade na região onde morava e como as idas à Acre Luiz Gama eram um bálsamo de tranquilidade em meio a uma cidade branca e hostil aos negros nos anos 1970 e 1980. De forma emocionante, ele agradece a este local por tê-lo mantido vivo e com esperança, e concorda que tais experiências no passado foram fundamentais para ele ser quem ele é hoje, mesmo tendo se mudado de São Caetano do Sul há muitos anos.

De todo modo, essas entrevistas me fizeram refletir sobre a força da história e a potência da luta da comunidade negra em São Caetano do Sul. Mesmo sendo minoria na cidade (por volta de 12% da população, segundo o último censo do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -, realizado em 2010), a po-



Jogadores de futebol da Acre Luiz Gama em foto da década de 1980

pulação preta sempre se mobilizou e se organizou, seja em forma de clubes sociais negros, como a Acre Luiz Gama ou a Associação Cruz e Souza, seja em formato de conselhos municipais, como é o caso das iniciativas em busca da fundação do Conescs.

Também é verdade que a cidade peca muito no reconhecimento das memórias e homenagens ao povo preto que já habitava o território da cidade junto aos indígenas, na antiga Fazenda de São Caetano, antes mesmo da chegada dos imigrantes italianos. Se há a falta do reconhecimento dos antigos escravizados enterrados no Bairro da Fundação, também falta reconhecimento ao antigo clube social Acre Luiz Gama, que tanto mobilizou memórias e afetos da população negra desta cidade e que hoje persiste apenas nos relatos de seus antigos frequentadores e em suas reverberações a partir de seu time de futebol amador atual. Sabemos que São Caetano do Sul pode mui-

to mais nesse aspecto e é por isso que iniciei essa pesquisa e é também por isso que escrevo esse texto: uma tentativa mínima de deixar que essa história de luta e afeto perpetue por muitos anos mais. Assim como a longa canção de Al Green, há uma extensa trajetória de reconhecimento desta luta a ser percorrida. Enquanto isso, fecharemos os olhos e sonharemos. Em busca de um dia em que abriremos os olhos e tudo será diferente: igualdade, enfim. ■

Rondinely Silva Lima
é ator e professor. Formado pelo curso técnico em Teatro da Fundação das Artes de São Caetano do Sul e com licenciatura em Arte - Teatro pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Atualmente é conselheiro municipal de Cultura em São Caetano do Sul.

Um teatro em três tempos

PALCO DE IMPORTANTES eventos culturais e de memoráveis encenações que marcaram o desenvolvimento da arte dramática em São Caetano do Sul, o Teatro Municipal Santos Dumont sofreu, ao longo de seus mais de 60 anos de existência, diversas transformações físicas e estruturais.

O seu edifício foi projetado para integrar o complexo do então Ginásio do Estado Cel. Bonifácio de Carvalho, cujas obras de construção iniciaram-se na segunda metade da década de 1950. A sua denominação original (Auditório Municipal Santos Dumont) foi instituída pelo decreto municipal nº 241, de 15 de outubro de 1956. Além da Biblioteca Municipal, o prédio no qual se encontra instalado abrigou muitas outras entidades de relevo da cidade, entre elas o Grêmio Estudantil 28 de Julho (pertencente àquela escola), o Clube de Xadrez e a Academia de Letras da Grande São Paulo.

Um edifício que compõe a paisagem urbana da região da Avenida Goiás e é referência em um das principais vias da cidade. Ele sobrevive à passagem do tempo, mas vem sendo modernizado nas últimas décadas. No ano 2000 veio a primeira significativa mudança. Sua fachada foi transformada, recebendo cores mais vivas e arcos de tijolos. Sua capacidade aumentou de 290 para 410 lugares. O palco foi ampliado e pisos e cadeiras trocados, além de outras alterações.

Outra reforma aconteceu em 2009, e, além de diversas melhorias internas, como a substituição de todas as poltronas, troca dos sistemas elétrico e de iluminação, o teatro mudou sua fisionomia completamente. No exterior, o prédio sofreu alterações na fachada, que passou a ter uma parede de vidro espelhado, paisagismo e, na nova entrada, que passou a ser lateral, uma cobertura em estrutura de ferro com design bem arrojado. ■



Aspecto do complexo onde se encontra o edifício do Teatro Santos Dumont. Foto da década de 1960



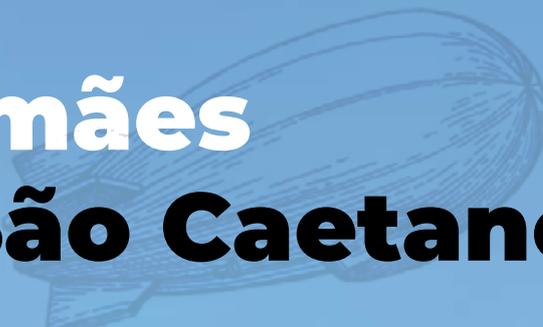
O seu prédio com uma outra configuração no início dos anos 2000



A arrojada nova e atual fachada do Teatro Santos Dumont. Foto de 2011



Dirigíveis alemães nos céus de São Caetano



NO DIA 11 DE MAIO DE 1933, o dirigível Graf Zeppelin, procedente da Alemanha com destino ao Rio de Janeiro, não pôde realizar sua descida na então capital federal no horário programado, em razão da forte cerração que invadira o Campo dos Afonsos, local destinado ao pouso daquele tipo de aeronave na época. O imprevisto meteorológico fez com que o “navio voador” desviasse de sua rota original, dirigindo-se a Santos e, depois, a São Paulo, a fim de aguardar a melhora das condições atmosféricas da antiga capital do Brasil.

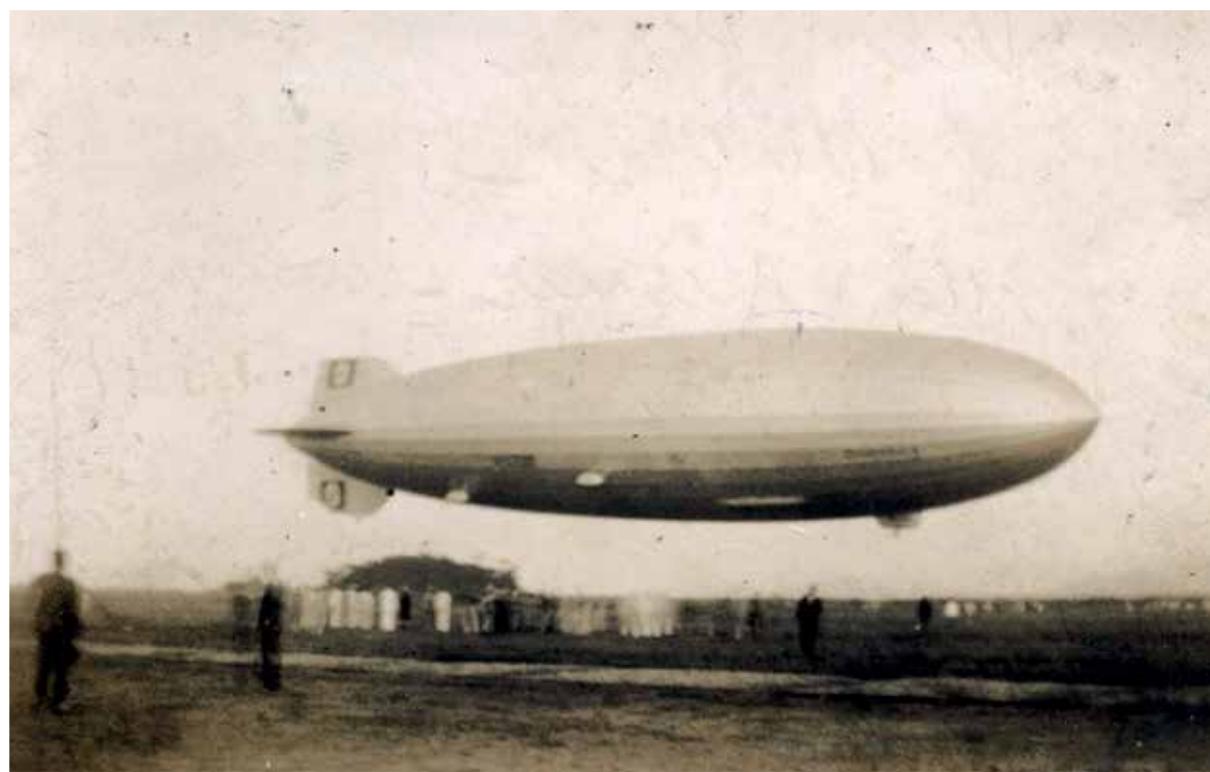
Segundo Manoel Cláudio Novaes, na crônica intitulada *O Zeppelin visto da Feira Livre*, que integra a coletânea *Nostalgia* (1991), naquele longínquo dia, os frequentadores da feira que acontecia às quintas no cruzamento da Avenida Conde Francisco Matarazzo com a Rua He-loísa Pamplona, no atual Bairro da Fundação, puderam testemunhar o sobrevoo da aeronave alemã nas imediações das vilas Bela e Alpina, quando passava “silenciosa, serena, majestosa em

direção à capital paulista”. Boquiabertos, “todos permaneceram imóveis e calados, enquanto o Zeppelin passava”. Aproximadamente uma hora depois, o dirigível sobrevoou a feira livre, provocando reação de euforia entre os seus transeuntes, que acenavam e agitavam lenços “na esperança de serem vistos e correspondidos lá da ‘barquinha’”.

No dia 30 de novembro de 1936, outro dirigível alemão foi visto no céu de Santos e de São Paulo. Tratava-se do Hindenburg, cujas dimensões eram superiores às do Graf Zeppelin. Ao contrário deste, trazia em seu leme a representação da suástica, símbolo que, àquela altura, já havia sido apropriado sombriamente pela ideologia nazista, em célere ascensão na Alemanha de Hitler. O mundo se encontrava a pouco menos de três anos do início da Segunda Grande Guerra (1939-1945), e os alemães não perdiam a oportunidade de propagandear o seu poderio, principalmente por meio de produções de sua promissora indústria, da qual os dirigíveis eram referências fundamentais.

Se, por um lado, a configuração de um conflito de extensões avassaladoras ganhava contornos cada vez mais nítidos na Europa, por outro, o clima era de deslumbramento na capital paulista e na urbe santista pela breve passagem do imponente dirigível Hindenburg, que, alguns meses depois, mais precisamente no dia 6 de maio de 1937, teve sua história sepultada por uma terrível explosão ocorrida em Nova Jersey, nos Estados Unidos. A razão do acidente que o envolvera foi esclarecida somente muitos anos depois, colocando fim nas variadas especulações que ganharam força na época do ocorrido, como a que o atribuía a uma manobra terrorista de sabotagem.

Com o encerramento da era dos dirigíveis na aviação comercial de passageiros entre a Europa e as Américas do Norte e do Sul após o fim trágico do Hindenburg, as memórias daquele dia 30 de novembro de 1936 adquiriram um significado bastante especial. A imprensa não poupou esforços para bem documentar a sua passagem pe-



los céus paulistano e santista. O roteiro seguido em São Paulo foi semelhante ao adotado pelo Graf Zeppelin em 1933, quando este sobrevoara pontos icônicos da região central, como o Edifício Martinelli.

Nas palavras do *Correio Paulistano* (edição de 1º de dezembro de 1936), a passagem do Hindenburg por São Paulo “constituiu um espetáculo indescritível”, com o povo a apreciar “as manobras do moderno transatlântico aéreo”. De fato, o frisson provocado no público foi imenso, que pôde acompanhar as evoluções do dirigível sobre o Vale do Anhangabaú e arredores.

Em virtude de sua localização, São Caetano tornou-se rota do Hindenburg naquele dia 30

de novembro. O seu sobrevoo foi curiosamente fotografado por José Nisner, um morador da antiga Vila Paula (hoje, Bairro Santa Paula). Graças à astúcia de tal morador, a fotografia em questão, tirada do terreno de sua casa, tornou-se o único registro da passagem do dirigível pelo céu da cidade. A proximidade com que a lente de Nisner conseguira flagrar a aeronave, no exato momento em que ela passava a uma distância bem pequena do solo, impressiona.

Por ter captado de forma tão peculiar o fato, a inusitada (e por que não dizer histórica?) fotografia de José Nisner não podia permanecer no silêncio de memórias ocultadas pelo ritmo inexorável do tempo. ■

A imagem impressionante do dirigível Hindenburg em São Caetano, registrada por José Nisner, morador da antiga Vila Paula. Constitui o único registro da passagem dessa aeronave pela cidade, no contexto de sua excursão por outras localidades brasileiras, como São Paulo, Santos e entre outras

Acervo Família Ferrer



Registro do casamento de Gianice Oberling Ferrer e Francisco Ferrer, realizado no dia 30 de janeiro de 1965, na Igreja Matriz Sagrada Família. Gianice nasceu em São Caetano, no dia 31 de março de 1944, e o sul-são-caetanense Francisco é nascido no dia 29 de julho de 1940. Tiveram os filhos Giane Oberling Ferrer e Eduardo Oberling Ferrer, e são avós de Thiago Ferrer Montenegro Rodrigues



Retrato da bela noiva
Gianice Oberling
Ferrer

Mezzo italiano, mezzo brasileiro:

a história de Francesco Capozzolo, um centenário cidadão sul-são-caetanense

 Rodrigo Marzano Munari

UM SÉCULO DE VIDA. Menos de 30 anos vividos na Itália e mais de 70 no Brasil, a maior parte dos quais em São Caetano do Sul. Como tantos outros que para cá vieram de terras longínquas, sua vida ficou dividida entre dois mundos: o mundo que deixou para trás, mas que nunca o abandonaria; e o mundo que adotou como sua nova pátria, sem jamais substituir a antiga. Em suas lembranças mais recônditas, ele ainda habita ambos os mundos, que muitas vezes se confundem ou se harmonizam nos caminhos tortuosos da memória. É a trajetória de um cidadão *mezzo italiano, mezzo brasileiro*, cuja história de vida, sem ser extraordinária, encanta e comove pelo quanto ela nos comunica de nosso povo e de nossa ancestralidade. Seu no-

me é Francesco Capozzolo, seu Francisco, ou seu Chico, ou ainda seu Chico do bar, como é até hoje conhecido em São Caetano.

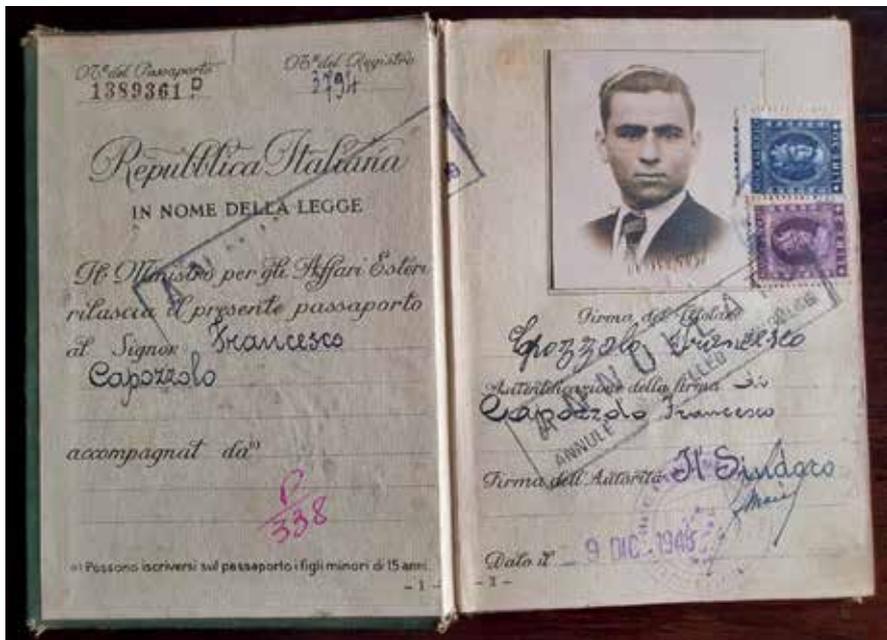
Um centenário sobrevivente da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o próprio Francesco Capozzolo é quem nos conduzirá por esse percurso através de sua memória, ainda prodigiosa em resgatar pormenores de experiências passadas, a despeito da idade avançada. Para a elaboração desta matéria, a entrevista concedida por ele e sua esposa, Giuseppina Peduto Capozzolo, na manhã de 16 de agosto de 2022, foi complementada por um valioso relato escrito pela filha única do casal, Angela Aparecida, que deixou registradas algumas das várias histórias contadas por seu pai. Afinal, como todo bom “contador de his-



Francesco Capozzolo em uniforme militar, em foto do início da década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial

tórias”, ele a fazia “ver/imaginar” as cenas e os personagens que descrevia em seus detalhados relatos sobre a vida do seu tempo.

Capozzolo nasceu em Castel San Lorenzo (província de Salerno, região da Campânia, na Itália), em 10 de maio de 1922. Filho de Angela Sabetta e Luigi Capozzolo, ele tinha um irmão mais velho e uma irmã mais nova. Grande parte de suas recordações da infância e da juventude tem no centro a figura de seu pai, um homem justo e sábio, que, entre 1915 e 1917, viveu em Nova Iorque, onde trabalhou na construção de estradas e ferrovias,



Passaporte de Francesco Capozzolo, que aportou no Brasil em 29 de março de 1949

até que juntou dinheiro suficiente para comprar terras na região em torno de Castel San Lorenzo, onde se casou e criou sua família.

Em sua terra natal, a vida do jovem Francesco Capozzolo foi marcada pelo trabalho na lavoura. Os meses do ano eram determinados pelo calendário agrícola, pelas fases e afazeres do cultivo da terra; tarefas só periodicamente interrompidas pelas festividades religiosas, como a festa de São Cosme e São Damião (27 de setembro), a mais importante e concorrida da cidade, acompanhada de solene procissão. A família dedicava-se à pequena criação de animais, à agricultura de subsistência e, principalmente, ao cultivo da uva e à produção de vinho para comercialização. Pais, tios, primos, todos participavam das lides agrícolas em pequenas porções de terra, auxiliando-se mutuamente. Não se pagava gente para trabalhar nessas atividades,

pois a própria família cuidava de tudo, um ajudando o outro no que fosse necessário. Havia muito trabalho, mas também havia muita festa e conagração familiar no cotidiano da vida rural. Quantas histórias foram contadas desses verdes anos, por vezes áduos, mas amiúde revestidos, pela memória de quem os traz à tona, com os traços edulcorados da nostalgia e do saudosismo!

Capozzolo estudou apenas até o terceiro ano do ensino fundamental, pois a vida começou a mudar quando seu pai adoeceu. Ele teve que assumir muitas tarefas no sítio e em casa, não conseguindo mais frequentar a escola. Iniciava-se a partir daí um período de dificuldades, no qual o luto familiar em breve se associaria à tragédia humana causada pelo início da guerra. Seu pai faleceu em 1938, não muito tempo antes de seu irmão mais velho, Vincenzo, partir para os campos de batalha. Trata-se da Segunda Guerra

Mundial, que teve início em 1º de setembro de 1939 após a invasão da Polônia pela Alemanha nazista. A Itália, aliada da Alemanha sob a direção do líder fascista Benito Mussolini, entraria efetivamente no conflito em junho de 1940, declarando guerra à França e à Grã-Bretanha.

Nosso personagem foi convocado logo depois de completar 18 anos. Ele conta como foi triste receber a carta de convocação para a guerra. Ainda tentou escapar do conflito por meio de uma lei existente na época, pela qual se a família tivesse um filho na guerra e não houvesse mais nenhum homem na casa, o outro filho poderia obter dispensa da convocação. Conseguiu adiar a sua ida por nove meses, mas afinal teve que seguir para o fatídico palco da guerra. Ele partiu em setembro de 1941, deixando em casa, aos prantos, a mãe e a irmã. A experiência, como não poderia deixar de ser, legou marcas e feridas (inclusive físicas) indelévels, que seu Chico, hoje centenário, ainda rememora com emoção e angústia.

Quando perguntado sobre os fatos ou lembranças mais marcantes de sua época de infância e juventude, ele logo responde: “Guerra, guerra!”. Durante algum tempo - por volta de quatro ou cinco meses - aquele jovem soldado ficou na linha de frente dos combates, na região do Norte da África. Numa dessas batalhas acabou o combustível do caminhão em que estava, o

que o obrigou a descer, ficando à mercê dos disparos dos soldados inimigos. Em seguida ele foi atingido, nas duas pernas, por estilhaços de uma granada. Prestou-lhe socorro uma pessoa que o levou para ser atendido no hospital de campanha dos ingleses. Lembra-se de como ficou assustado com essa pessoa, que acreditava ser um inimigo que iria matá-lo; ao invés disso, foi este adversário de guerra quem o ajudou. É como sempre costuma dizer: “Eu tive muita sorte nessa minha vida, só encontrei gente boa pela frente que me ajudou. Tive muita sorte e muita proteção da Nossa Senhora Aparecida”, de quem é fervoroso devoto.

Depois que se recuperou dos ferimentos, foi transferido para um alojamento no campo de concentração inglês, na mesma porção setentrional da África. Ali, para sua surpresa, encontrou seu irmão, e eles ficaram presos no mesmo campo até o final da guerra! Foi uma sorte! É claro que não há como ser prisioneiro de guerra e desfrutar de uma situação confortável. “Lá se comia pouco, mas também se fazia pouco”, afirma Capozzolo. Feito prisioneiro dos ingleses, ali ficou por cerca de quatro anos. Mas não ficou todo esse tempo desocupado. Recebeu uma proposta para trabalhar na cozinha do campo, ajudando a cortar cebolas, a preparar refeições e a lavar panelas. Lá conseguiu comer um pouco melhor e, além

disso, contribuiu para o melhoramento dos alimentos servidos aos prisioneiros. Ele conta que os ingleses serviam uma ervilha muito dura, quase impossível de se comer. Então lhe ocorreu a ideia de fazer, com a ajuda dos colegas da cozinha, uma farinha triturando as ervilhas duras, que misturavam com um pouco de farinha de trigo e depois amassavam para fazer macarrão talharim, cortado em tiras. Essas e outras invenções culinárias fizeram sucesso entre os presos!

A notícia mais esperada por todos era a do término da guerra. Quando ela finalmente veio, houve muita comemoração e bebedeira no alojamento em que estavam. Depois de libertados, os dois irmãos Capozzolo puderam voltar para casa, em uma longa e cansativa viagem. Quando desembarcaram em Nápoles, não havia ninguém para recebê-los. “Nós não vimos humanidade nenhuma”, conta o entrevistado. Quando enfim chegaram a Castel San Lorenzo, após outro extenuante trajeto, parte do qual executado a pé, uma cena marcante selou o reencontro com a figura materna. A porta da casa fora aberta pouco antes deles chegarem. Segundo relato de sua filha Angela, “ele (Francesco), assim que viu a mãe, a abraçou e começou a chorar muito. Ficou chorando por um bom tempo, não conseguia parar... A mãe perguntava por que estava chorando tanto, se quando havia ido



Arquivo/Família de Francesco Capozzolo

Foto do casamento de Giuseppina e Capozzolo, realizado em 21 de maio de 1955



Arquivo/Família de Francesco Capozzolo

Francesco e Giuseppina (seu Chico e dona Zefa) no bar e mercearia que possuíam na Rua Castro Alves, em São Caetano do Sul. Foto do final da década de 1970



Arquivo/Família de Francesco Capozzolo

Família reunida em 2017. Da esquerda para a direita, vemos: Rubens Bias Pinto (neto), Francesco Capozzolo, Angela Aparecida Capozzolo (filha), Giuseppina Peduto Capozzolo, Milton Nunes Campos (esposo de Angela) e Maira da Silva Pinto (neta)

Seu Chico e dona Zefa em foto de maio de 2016



Arquivo/Família de Francesco Capozzolo

para a guerra o pai já havia morrido e eles voltaram bem, inteiros. Ele não sabia responder. Só chorava, chorava...”. “*L'amore di mamma* é muito grande!”, ele completou durante a entrevista.

A alegria de estar de volta era imensa, mas a situação geral da família não era das melhores. Os resultados da devastação e da recessão econômica do pós-guerra alcançaram aquela pequena localidade montanhosa da Itália. Continuavam plantando e produzindo vinho, mas não havia quem comprasse. O que conseguiam vender não era suficiente para sustentar os três irmãos e suas famílias. Foi quando a ideia de deixar sua terra natal para “tentar a sorte” no Brasil tornou-se uma possibilidade concreta para aquele jovem que regressara da guerra. Seu tio Donato vivia em São Caetano do Sul e trabalhava nas Indústrias Ma-

tarazzo, como responsável pelo setor de segurança. Sua expectativa inicial era juntar algum dinheiro e depois voltar para a Itália. Assim, em 3 de março de 1949, partiu do porto de Nápoles, chegando ao Brasil no dia 29 do mesmo mês.

Francesco Capozzolo, já então Francisco e em breve Chico, já que, em terras brasileiras, veio encontrar uma São Caetano que iniciava sua vida municipal, após a conquista da autonomia político-administrativa, em 24 de outubro de 1948. Naquele mesmo mês de março (1949), o primeiro prefeito e os primeiros vereadores da cidade foram eleitos. Havia tudo por fazer. Ruas de terra, esgoto correndo a céu aberto, serviços básicos insuficientes para atender às demandas dos munícipes... Esses eram alguns traços do município que acolheu aquele recém-chegado estrangeiro.

Seu primeiro endereço foi na Rua Aquidaban, no Bairro da Fundação. Depois de um mês conseguiu emprego nas Indústrias Matarazzo, no setor de estamparia, e após três semanas foi transferido para o setor de louças para cuidar dos fornos, e logo foi promovido para contramestre deste setor. O trabalho exigia-lhe muita atenção, sobretudo quanto à temperatura dos fornos, ao tempo que as peças de louça ficavam ali expostas, à qualidade da queima... Sabia manejar bem os fornos e, com o decorrer do tempo, até os engenheiros passaram a lhe pedir ajuda quando ocorria algum problema.

Mas se a ideia inicial era guardar algum dinheiro e retornar para Castel San Lorenzo, por que ele decidiu ficar no Brasil? O amor é a resposta. Um amor que atravessou o Atlântico e aportou em solo brasileiro.

Capozzolo conhecia Giuseppina e sua família da Itália. Curiosamente, quando ele era um garotinho de oito anos e Giuseppina nem era nascida, chegou a ir com seu pai ao casamento de Filomena, a mãe dela. As famílias viviam muito próximas, na mesma cidade. Ali, onde ambos haviam nascido e se criado, Capozzolo conheceu aquela que muitos anos depois se tornará sua esposa. E por Giuseppina, ainda uma menina, começou a nutrir um sentimento especial, mantido em segredo, que ela nem supunha existir... Mas as vicissitudes da vida os conduziram a caminhos muito diferentes. Ele foi para a guerra e, poucos anos após o final desta, veio para o Brasil em busca de uma melhor condição de vida. Ela, também no pós-guerra, migrou com sua família que projetava ir para o Chile, mas acabou por se estabelecer na Argentina (onde seu pai faleceu) e, finalmente, no Brasil, em 1954. Ele se estabeleceu em São Caetano do Sul. Ela, no bairro da Mooca, em São Paulo.

Quando soube, por meio de uma prima, que Giuseppina tinha vindo para o Brasil, logo tratou de encontrá-la. Ficou sabendo que morava na Mooca e que ela e suas irmãs estavam trabalhando numa fábrica de tecidos. Foi até a fábrica e procurou segui-las a fim de descobrir onde moravam. Quando descobriu, fez uma visita e foi

logo pedindo permissão à mãe de Giuseppina para que pudesse namorá-la. “Antigamente, quando se queria namorar uma moça, tinha que falar primeiro com a mãe. Ele não sabia nem se eu gostava dele”, afirma dona Zefa, como é conhecida a esposa de seu Chico. O fato é que por ele o namoro não duraria mais do que dois meses, pois tinha pressa em desposar seu antigo e secreto amor. Mas o casamento aconteceu seis meses após o início do namoro, em 21 de maio de 1955, ele com 33 e ela com 23 anos de idade. Inicialmente foram morar na casa da família dela, na Mooca, até que reuniram condições para mudar de residência.

A filha única do casal, Angela Aparecida, nasceu em 17 de fevereiro de 1958. Seu segundo nome é fruto de uma promessa feita a Nossa Senhora Aparecida para que ela nascesse com saúde, e assim se fez. Um momento difícil sobreveio no ano seguinte, quando seu Chico foi despedido da Matarazzo, estando prestes a completar dez anos na empresa. Depois de certo tempo e algum dinheiro guardado, ele resolveu investir em um bar e mercearia na Rua Madre de Deus, na Mooca, próximo a um cinema que ali havia. Ficaram pouco tempo com esse negócio. O lugar era muito movimentado e o trabalho incessante estava, literalmente, tirando o sono do casal. Foi quando resolveram vir para São Caetano do Sul, em 1961, e se dedicaram a estabelecer um bar e mercearia na Rua Castro Alves (Bairro Oswaldo Cruz), onde moram desde então.

Foi um tempo de muita luta para reformar o bar, formar freguesia,

Quando soube, por meio de uma prima, que Giuseppina tinha vindo para o Brasil, logo tratou de encontrá-la. Ficou sabendo que morava na Mooca e que ela e suas irmãs estavam trabalhando numa fábrica de tecidos. Foi até a fábrica e procurou segui-las a fim de descobrir onde moravam. Quando descobriu, fez uma visita e foi logo pedindo permissão à mãe de Giuseppina para que pudesse namorá-la.



Em maio de 2022, realizou-se a festa do aniversário de 100 anos de Francesco Capozzolo, sentado (na foto) ao lado de sua esposa, Giuseppina. Em pé, estão seus netos, Rubens e Maíra, e sua filha, Angela Aparecida

construir o sobrado... Mas foi também um tempo de alegrias e realizações, hoje lembradas saudosamente. Naquela época ainda não havia muitos supermercados. Muitas pessoas das redondezas compravam na “calderneta” e pagavam no final do mês. No bar havia uma televisão e um telefone, aparelhos que nem todos tinham em casa, e por isso muita gente vinha apenas para assistir ao jornal ou a uma novela, para receber ou dar algum telefonema. As quintas-feiras eram os dias mais movimentados, devido à feira livre que até hoje existe na Rua Castro Alves, mas que antigamente era maior; nesses dias, dona Zefa preparava e vendia seus pastéis, salgados e sanduíches que chegaram a ganhar fama e atrair pessoas que vinham de longe só para saboreá-los.

O bar foi se tornando ponto de encontro. Lá os vizinhos e amigos combinavam as festas de rua, como as festas juninas, celebradas ao redor das fogueiras, com fogos de artifício e muita comida típica. Também organizavam romarias anuais para a cidade de Aparecida, as quais, em geral, congregavam bastante gente: em um desses anos, chegaram a alugar sete ônibus para conduzir os devotos ao Santuário Nacional da Padroeira do Brasil!

Seu Chico, o Chico do bar, o Chico barrigudo, como era chamado pelas crianças que toda tarde iam em bandos provocá-lo

na sua cadeira, em frente ao bar, tornou-se pessoa querida e respeitada no bairro onde criou raízes. Trabalhou com sua esposa no bar até 1989, quando se aposentou. “Eu tive muita sorte na vida”, ele costuma dizer. E relata que, no fim das contas, apenas dois clientes estrangeiros ficaram lhe devendo alguma quantia: um italiano e um português, que ficaram devendo 10 cruzeiros cada um! Foi o único calote de que se recorda e que, como se orgulha em dizer, não foi praticado por um brasileiro.

Aposentado, seu Chico manteve-se em atividade e pôde dedicar-se às coisas que mais lhe agradavam: cuidar dos netos, viajar, plantar na horta, fazer pequenos consertos, praticar exercícios e musculação no Sesc São Caetano... Durante muitos anos, dedicou-se também a fazer vinho em sua própria casa! Sim, um delicioso vinho, cujo fabrico remetia à sua antiga tradição familiar e à sua pátria, sendo especialmente servido à família e aos amigos próximos. Começou a reclamar um pouco da velhice depois dos 98 anos, quando ao peso da idade veio somar-se a pandemia de Covid-19, um inimigo invisível que lhe ceifou a autonomia para sair de casa e fazer certas atividades cotidianas. Hoje, com 100 anos de idade, ainda conserva a jovialidade dos tempos idos e uma memória capaz de resgatar certas minúcias de um passado dis-

tante, mas para sempre vivo em sua alma *mezzo italiana, mezzo brasileira* e, em definitivo e por completo, sul-são-caetanense, já que sua trajetória de vida acompanha a do próprio município desde que este passou a existir como tal (1949).

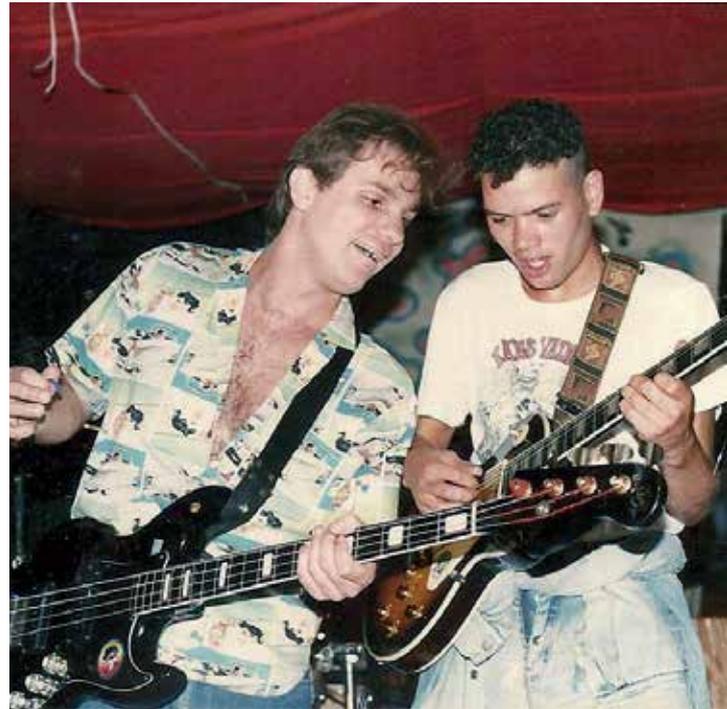
De seu legado, em termos de ensinamentos e testemunho de vida, é eloquente o depoimento de sua filha, Angela Aparecida, que sintetiza: “Seu Chico, que passou por muitas coisas difíceis e pela guerra, tem muito gosto pela vida. Ele nos ensinou a relativizar os problemas, quando não implicam doenças graves ou mortes, para os quais não há nada a ser feito. Também nos ensinou a ter seriedade e compromisso com o trabalho, garra na vida e, principalmente, a olhar sempre para os lados, para aqueles que estão passando por dificuldades e ser solidários. Sempre comenta que não entende como num país tão rico tem tanta gente passando fome!”. ■

No dia 22 de abril de 2023, Francesco Capozzolo faleceu, em consequência de uma queda. Mesmo assim, optamos em manter o texto original, produzido em 2022, logo após entrevista realizada com ele, no mês de agosto.

Rodrigo Marzano Munari é historiador. Bacharel, licenciado e mestre em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), onde é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social. É autor do livro *Deputados e delegados do poder monárquico* (Intermeios, 2019) e coautor do livro *70 Anos de História da Educação em São Caetano do Sul - 1949-2019* (Fundação Pró-Memória, 2021), tendo diversos artigos publicados na revista *Raízes*.

Betinho Moraes

Um guitarrista com a “corda toda”



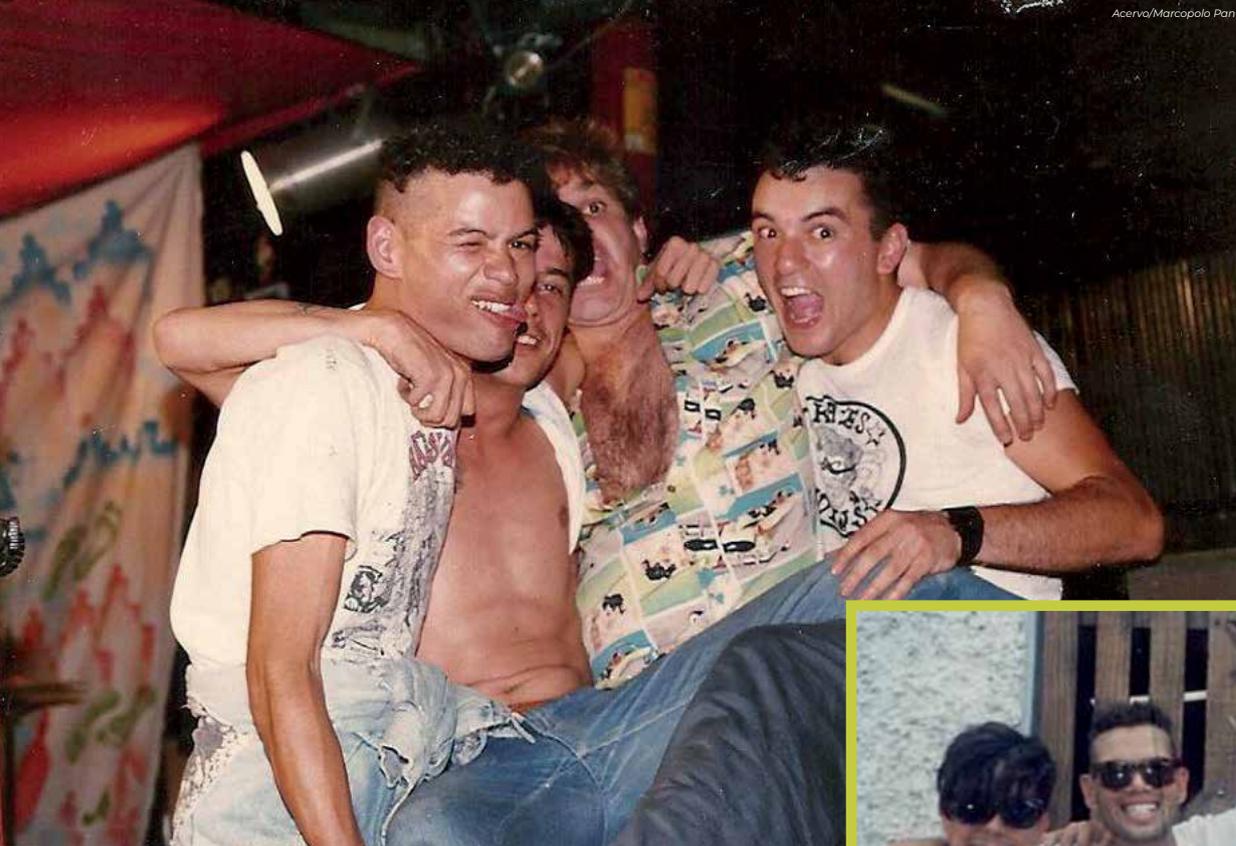
☰ Marcos Eduardo Massolini

Betinho Moraes (à direita), ao lado de Paulo Bide Pow, em show do Kães Vadius, em 1991

BETINHO MORAES foi um herói da guitarra. “Herói” no sentido mais profano do termo: quando toda a desigualdade e injustiça da humanidade pareciam lhe cair sobre os ombros como uma avalanche, fazia-se a luz – ou melhor – fazia-se o som! E que som! Uma pena que, salvo algumas dezenas de roqueiros e boêmios do ABC e arredores que conviveram mais de perto com ele e outros tantos felizardos que o viram no palco em shows, muitos não puderam presenciar ao vivo sua guitarra nervosa, seu violão abusado e sua errática/libertária forma de viver.

Surreal, atípico, autêntico, à flor da pele - um verdadeiro personagem de quadrinhos -, Betinho surgiu do nada no final dos anos 1980 em São Caetano do Sul, primeiramente no Baldão (antológico bar *underground* no centro do município) e depois em outros redutos notívagos como o Chaplin Bar, na Avenida Goiás, que, por uns bons anos, serviu à minha turma como clube, pousada e ponto de resistência (esse bar está devidamente destrinchado no artigo publicado em *Raízes* nº 59, de julho de 2019). Suas origens sempre foram obscuras e o pouco que vazou de suas raras conversas pessoais é que tinha um irmão e uma irmã em Santo André. Em 2017, quando eu

(...)
quando
toda a
desigualdade
e injustiça da
humanidade
pareciam
lhe cair sobre
os ombros
como uma
avalanche,
fazia-se
a luz –
ou melhor –
fazia-se
o som!



Betinho Moraes (à esquerda) com os demais integrantes do Kães Vadius, em 1991

Acervo/Marcopolo Pan

finalizava um fanzine em homenagem ao guitarrista, consegui o contato de seu irmão, Pedroso, que era mecânico na cidade vizinha, mas, infelizmente, no mesmo ano, soube de seu falecimento. Segundo depoimento de um amigo e ex-morador de São Caetano, Diógenes Garrucho, que o reencontraria anos depois no Chaplin Bar, Betinho chegou a trabalhar na montadora americana Ford no início dos anos 1980, e foi por meio de um anúncio de uma guitarra sua, divulgado internamente pela irmã, funcionária na mesma empresa, que ele o conheceu pessoalmente.

Muito magro, tatuado, *junky*, com um corte de cabelo *mezzo moicano* e dono de uma Kombi caindo aos pedaços, que usava para fazer carreto e entregas (quando a perua colaborava), Betinho logo angariou destaque

Integrantes da banda Kães Vadius em 1992. A partir da esquerda, Hulk'a Billy, Betinho Moraes e Alexy Body



em rodas musicais que rolavam enquanto os rodos e vassouras lavavam o Chaplin quase no final do expediente, com seu violão eclético que podia emendar numa noite só Lupicínio Rodrigues, Ramones, Elvis Presley, Demônios da Garoa e Stray Cats. No palco diminuto do bar, em *sessions* exclusivas, desfilava acordes impressionantes e livres e, quando passava para o baixo ao lado de grandes músicos como Marcopolo Pan, na guitarra, e Dênis Animal, na bateria, entrava em transe em execuções retumbantes de temas instrumentais como *Freedom of Expression*,

de Jim Bowen (música de abertura do *Globo Repórter*).

Depois de fazer parte de conjuntos obscuros da região, Betinho entrou em 1988 para a banda Devotos de Nossa Senhora Aparecida, capitaneada pelo apresentador e jornalista Luiz Thunderbird, que o considerava um “grande amigo e parceiro”. Alguns anos depois, Thunderbird e Betinho chegaram a montar uma excêntrica banda chamada Brand New Cadillac Blues Band, que tocava exclusivamente no Chale da Mama, na Avenida Goiás, um repertório focado nas músicas do guitarrista Stevie Ray Vaughan.

Enquanto tentava se manter na música, seu desapego com a vida acumulava episódios hilários e tragicômicos: a Kombi que vivia sendo empurrada, geralmente sem combustível, em viagens e passeios aleatórios; a excursão para São Thomé das Letras, em que ele adentrou, sem avisar, o ônibus parado na porta do Chaplin e, segundo reza a lenda, passou o feriado prolongado de cinco dias sem bagagem nenhuma e apenas com uma escova de dentes no bolso; o dia, conforme lembrou o baterista Duda Moura, em que jogou de goleiro em partida de futsal com vários músicos na quadra do Alviceleste, em São Caetano, e acabou atrasando o jogo quando resolveu tirar todos os seus anéis de caveira para colocar a luva de arqueiro; as aventuras com o guincho emprestado do seu irmão, que ele usava de dia para fazer uns “bicos” socorrendo carros quebrados e à noite, sem avisar, usava como transporte em longas noitadas, geralmente com seu inseparável cúmplice de aventuras, Marcopolo Pan.

Eu, quando o encontrava, acabava participando inevitavelmente de suas diabruras. Uma vez, nos topamos perto da estação de trem de São Caetano e ele, duro como sempre, me apresentou uma passagem secreta, entre as folhagens – na verdade, um pequeno buraco na grade. Não adiantou nada a minha tentativa de querer pagar a sua pas-

sagem, pois ele, sem pestanejar, me puxou pelo braço e os dois magrelos, em poucos segundos, já estavam do outro lado do buraco, rumo à plataforma. Andar com o Betinho podia ser emocionante, mas também perigoso, pois burlar as regras era um de seus passatempos prediletos – que o digam as leis de trânsito. Mas, no fim, todos ou quase todos o tinham em grande conta. Afinal, tinha um coração que não cabia no peito e, se pudesse, dava a roupa do corpo pra ajudar algum necessitado.

Em certa noite nublada de 1990, adentrou o Chaplin e anunciou com um sorriso de orelha a orelha que tinha entrado no Kães Vadius, banda sul-são-caetanense considerada a pioneira do *psychobilly* brasileiro (uma variação punk do *rockabilly*), formada pelos seus amigos Hulk’a’Billy (vocais), Paulo Bide Pow (baixo) e Dênis Animal (bateria). Comemoramos muito a grande notícia. Com eles, fez muitos shows, participou de programas de TV e rádio e, entre uma fita-demo e outra, e uma fita cassete oficial, com a música *Cai Fora*, registro bem humorado que pegava carona no *impeachment* de Fernando Collor de Mello, gravou como integrante do grupo o CD *Aqui Agora*, em 1993, primeiro e único registro fonográfico com a sua guitarra. Nessa formação do disco, a banda contava com Hulk’a’Billy nos vocais, Dênis Animal na bateria,

Betinho Moraes na guitarra e Alexy Body no baixo.

Com a agenda de ensaios e shows, Betinho deu uma boa sumida do Chaplin. Até que o reencontramos em um bate-volta a Boraceia (litoral de São Paulo) – estávamos eu, Marcelo Mazuras e Luciano Lammenda – e mais uma vez a história rendeu um enredo surpreendente: no meio da Rodovia Rio-Santos, de madrugada, o Monza do Mazuras começa a falhar e para de repente. Ao abrir o capô do veículo e constatarmos que não havia um pingo de água no radiador, improvisamos com uma poça irrisória e aleatória no asfalto. A cena era esdrúxula: todos com folhas de árvore (chapéu de couro) na mão e camisetas encharcadas na poça da pista, tentando capturar o máximo de água e correndo a toda até o mo-

Betinho em ilustração de Floreal Andrade



Acervo/Marcopolo Pan

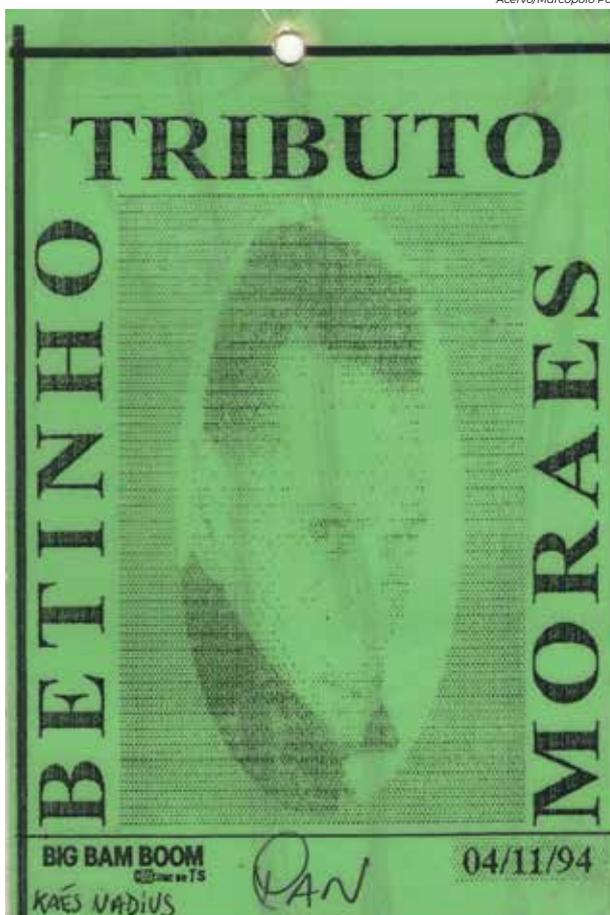
tor para não deixar escapar o precioso líquido. E não é que deu certo e o carro pegou? Chegamos a uma praia deserta e corremos para o mar – menos o Betinho, que preferiu ficar só olhando de longe, o que nos fez tirar sarro por achar que era puro medo. Mal sabíamos naquele momento que a sua rejeição não era por asco, mas por proteção: ele já sofria com feridas pelo corpo, sinais da Aids, e o contato com a água salgada decerto traria um incômodo terrível.

Betinho Moraes partiu desta vida em 1994, com 20 e tantos anos, e, quando foi anunciada sua morte, eu estava com uma turma grande na Praça da Bíblia, no centro de São Caetano – eu, minha namorada Cris (atual esposa), Dinho, Andrea, Jane, Pedrão, Rick Berlitz, Nilson, Mazurra, Wally, e muitos outros. Betinho era tão conhecido, mas tão conhecido, que logo após a notícia se espalhar pela praça, um silêncio absoluto, profundo, desceu sobre o lugar e permaneceu por alguns minutos, numa reverência genuína e sincera de quem o conhecia bem ou mesmo sabia da sua história no rock do ABC.

O virtuoso que adorava equipamentos musicais e tirava maravilhas de suas guitarras mágicas (que podia ser Gibson Les Paul, Tajima, Stratocaster ou qualquer outra marca), anti-herói clássico e anjo torto que viveu 100 anos em dez, *guitar hero* que nos serenou enquanto incendiava, Betinho Moraes dessa vez entrou num ônibus rumo à eternidade. E, pra não perder o costume, com apenas uma escova de dentes no bolso. ■



Acervo/Marcopolo Pan



Betinho Moraes ao vivo no Devotos de Nossa Senhora Aparecida (NSDA), durante apresentação no Programa Boca Livre (da TV Cultura), no final dos anos 1980

Crachá do show tributo ao guitarrista Betinho Moraes, realizado em 4 de novembro de 1994

Marcos Eduardo Massolini é jornalista e escritor. Em 2001 lançou, de forma independente, o livro *Borboletas Abissais*. Mantém o blog *Almanaque do Malu* desde 2009 e o grupo *São Caetano Inesquecível*, no Facebook. Em 2014, lançou seu segundo volume de poesias, *Aura de Heróis* e, em 2016, o livro de ficção *Abílio e o Espelho* no formato e-book. O ano de 2021 marcou o lançamento de seu terceiro livro de poesias: *Quase Oásis*.

Acervo Oswaldo Ambrósio

Domingos Ambrósio e Helena Ambrósio com a sobrinha do casal, Márcia Ambrósio, em foto da década de 1960. Os três estão na frente da residência onde a família morou por cerca de 50 anos, localizada na Rua Cavalheiro Ernesto Giuliano. O casal teve os filhos: Luiz, João, José, Salvador, Luzia, Iolanda, Hélio, Oswaldo, Domingos e Rubens Ambrósio



Oswaldo Ambrósio (o primeiro à esquerda, agachado) trabalhou na Cerâmica São Caetano de 1962 a 1968, no setor de estampanaria. Na imagem, funcionários do setor reunidos. Em pé, foram identificados: Mauro, Antonio Furlan, Adriano Fedatto, João, Antonio, João "Bolacha", Bento, Milton, Valdemar, Adécio Furlan, João, Agenor, Antonio, Geraldo, Augusto, Noel Benfica, Micher (engenheiro) e Guilherme Furlan. Agachados, vemos: Antonio, Picoró, Maurício, Geraldo, José e Plínio. Foto de cerca de 1965



Laura Thomé

LAURA THOMÉ nasceu em São Caetano do Sul no dia 10 de março de 1960. Era filha de Ernesto Thomé e Dirce Lindolfo Thomé. Integrou a primeira turma da Escola Municipal de Bailado, dedicando sua vida à arte da dança. Ao lado da irmã Diva, foi responsável pela criação, em 1973, do Centro Educacional de Dança Movimentação, uma das mais tradicionais escolas do gênero na cidade.

Laura Thomé faleceu no dia 31 de outubro de 1983. Sua morte provocou grande repercussão e comoção, em razão da circunstância brutal em que ocorrera. Durante uma tentativa de assalto em uma agência bancária local, foi assassinada com sua filha, a pequena Talita, de apenas sete meses, fruto de seu casamento com Vladimir Tomarevski.

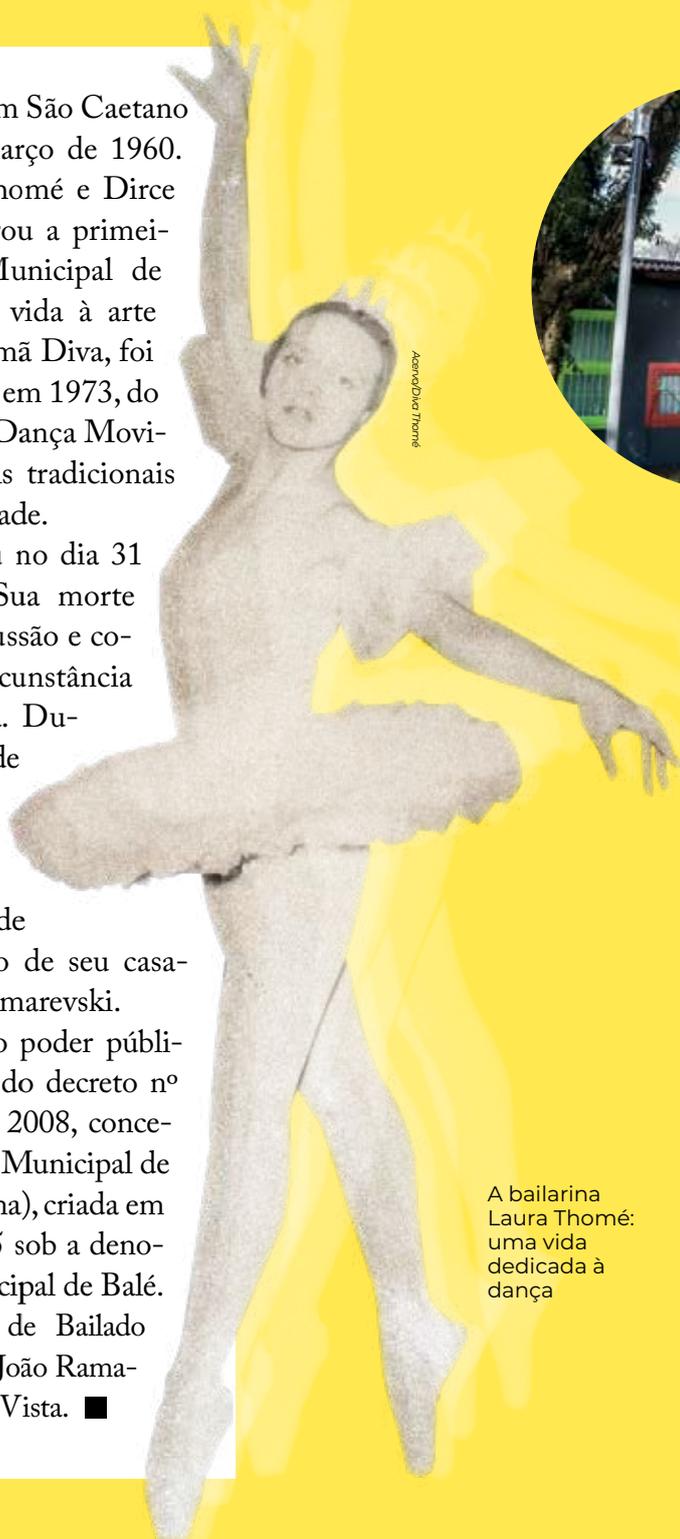
Para homenageá-la, o poder público municipal, por meio do decreto nº 9.706, de 5 de maio de 2008, concedeu o seu nome à Escola Municipal de Bailado (da qual fora aluna), criada em 16 de dezembro de 1965 sob a denominação de Curso Municipal de Balé.

A Escola Municipal de Bailado Laura Thomé fica na Rua João Ramalho, nº 100, no Bairro Boa Vista. ■



Fachada da Escola Municipal de Bailado Laura Thomé, em foto de 29 de julho de 2021

A bailarina Laura Thomé: uma vida dedicada à dança



Sônia Dimov:

referência de conhecimento,
entusiasmo e afeto

Vilma Lemos

FALAR DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL do Povo Búlgaro e Gagaúzo no Brasil (Bulgari) é rememorar a família Dimov, moradora de São Caetano do Sul desde a década de 1930. Júlio Dimov¹ (imigrante) e sua filha Sônia (nascida em São Caetano do Sul) foram os que estabeleceram a associação, em 1996, para resguardar as memórias daqueles imigrantes que, em 1926, vieram da antiga região denominada então Bessarábia (hoje, parte da Ucrânia e da Moldávia) para o Brasil. No entanto, desde 1976, a partir de uma exposição histórico-fotográfica no Museu da Imigração, em São Paulo, ambos começaram a dar visibilidade ao grupo de imigrantes da cultura búlgara no Brasil.

Em 1996, pai e filha mobilizaram-se para criar a Associação dos Búlgaros Bessarabianos, no que obtiveram sucesso, dando início a um trabalho de resgate e valorização da cultura de seus ancestrais. Comemoravam-se 70 anos desses imigrantes no Brasil.

Por que emigraram? A região de origem da família Dimov foi palco de inúmeras dominações. Em 1926, lá estavam os romenos (1918-1940), cujas intenções, segundo depoimentos colhidos de alguns imigrantes no grupo de pesquisas *Memórias do ABC*, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, era praticar uma “faxina étnica”, razão pela qual facilitaram a saída dos búlgaros da região. Mais uma vez na história, depois de saírem da Bulgária e irem para a Bessarábia pela invasão do Império Otomano (1393), os búlgaros bessarabianos deixam a região para fugir do dominador romeno. Destino? Brasil.

Como todos os imigrantes, os búlgaros também sofreram reveses na nova terra, o Brasil. É marcante o episódio da Ilha Anchieta, em Ubatuba, para onde foram enviados cerca de dois mil desses imigrantes porque haviam se rebelado em relação aos maus tratos sofridos já no início da chegada. Abandonados na ilha



As irmãs Dimov em foto de 1948. A partir da esquerda: Maria, Sônia e Olga

pelas autoridades, em situação precária, sem assistência médica e sem alimentação, buscaram na mandioca um alívio para a fome. No entanto, por desconhecimento, cerca de 150 pessoas, entre os mais velhos e, principalmente, as crianças, morreram em decorrência da ingestão da raiz. Tratava-se de mandioca “brava”, imprópria para alimentação. Estas pessoas estão sepultadas em um cemitério localizado na ilha.

Relembrar esses fatos importa porque Sônia levou avante os ideais do pai após sua morte, aos

100 anos, desenvolvendo ações para a manutenção da história e memória da etnia. Em combinação com o projeto *Filhos da Ilha*² (Ubatuba), promovia encontros de grupos de descendentes e convidados para conhecimento da história e para homenagear os que lá morreram. Em outras ocasiões, a associação promovia encontros com almoços com finalidades comemorativas e, ainda, para fortalecer os laços desse grupo.

Sônia faleceu em novembro de 2022. Estava mais uma vez na presidência da Associação, e sua morte foi tão inesperada que muito entristeceu a comunidade, bem como os amigos. Tinha 76 anos, uma intensa e ativa vida intelectual e era apreciadora de viagens, razão pela qual, certa vez, em visita à Bulgária (com um grupo de 17 pessoas), foi recebida pelo Departamento de Cultura para Estrangeiros do Ministério em Sofia, sendo entrevistada também pela TV, jornais e vários outros órgãos para explicar o processo migratório para o Brasil em 1926.

Sônia manteve ativa correspondência com pesquisadores da Bulgária e, em 2017, recebeu o professor Nicolai Cervencov e a esposa Maria, a tradutora e intérprete Maya Daskalova e, ainda, Vasil Dimitrov, professor titular da Universidade da Moldávia, para pesquisar e conhecer os locais por onde passaram os imigrantes oriundos da Bessarábia em 1926. Desenvolveram trabalhos em São Caetano com a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e com o Museu da Imigração.

Era professora aposentada da rede pública, mas também teve atuação em instituições particulares, angariando amigos por onde passava. Também exerceu cargo de direção em escola pública. Estudou no Colégio Cel. Bonifácio de Carvalho, em São Caetano, e, em 1970, entrou na Universidade de São Paulo, no programa de Línguas Orientais (russo, árabe e sânscrito), tendo se formado em Língua e Literatura Russa, bem como Português e Literatura Brasileira. Foi aluna de mestres como Décio de Almeida Prado (teatro brasileiro), Boris Schnaiderman (tradutor da língua russa), dentre outros.



Sônia Dimov (em primeiro plano, a terceira, a partir da esquerda) e demais integrantes da Associação Cultural do Povo Búlgaro e Gagaúzo no Brasil (Bulgari) em foto tirada na Ilha Anchieta (Ubatuba) em maio de 2022



Família Dimov em foto tirada em sua residência (Avenida Senador Roberto Simonsen, nº 537) em 1955, aproximadamente. Em primeiro plano, Sônia (a primeira, a partir da esquerda) aparece ao lado da irmã Olga. O segundo casal, a partir da esquerda, são Júlio e Anna, pais de Sônia



Em dezembro de 2020, Sônia e Roseli Stainoff apresentaram, para o acervo do Museu da Imigração, uma oficina de bordados búlgaros, quando foram filmadas no local. Tratava-se da 25ª Festa do Imigrante Online.

Em depoimento ao *Memórias do ABC*, Sônia cita uma frase que o pai sempre dizia: “Não desistir dos seus sonhos, perseverar e acreditar que vai ter sucesso na vida”.

A Bulgari, sob estímulo de Sônia, estava se reunindo para preparar as comemorações dos 100 anos da imigração búlgara bessarabiana para o Brasil em 2026. As ações continuam, mas ela fará muita falta. Eis alguns depoimentos relativos a Sônia, provenientes de familiares e do rol de amizade que ela cultivou à frente da Associação Cultural do Povo Búlgaro:

“Agregadora, paciente, discreta, ponderada, ávida por conhecimento, dedicada, estas são algumas palavras que tentam significar a personalidade da amiga querida Sônia Dimov. Desde o primeiro momento da descoberta de minhas origens à chegada à Associação, ela me acolheu de braços abertos, e, pouco a pouco, tornamo-nos amigas. Passei a acompanhá-la em todas as atividades da *Bulgari*. Para ela, o incansável trabalho de jogar luz à verdadeira história dos búlgaros e gagaúzes bessarabianos passou a ser sua bandeira de luta, assim como valorizar os imigrantes que

aqui chegaram. Grande companheira, senti muito a inesperada partida. Farei o possível para manter intacto o seu legado e continuar o seu trabalho. Agradeço imensamente por ter tido a oportunidade de conviver com Sônia Dimov e com ela aprender tantas coisas”. (Roseli Stainoff, tesoureira da Bulgari)

“Sônia dedicou a vida aos estudos, trabalho e cuidados com a família. Sempre preocupada e generosa com o próximo. Eu, como irmã, tenho a dizer: Gratidão a Deus por Ele ter permitido que caminássemos na vida juntas”. (Olga Dimov Zanelatto)

“Tia Sônia nos deixa saudades, mas também nos deixa exemplo de conduta e caráter corretos! Foi filha dedicada, amiga querida, irmã presente, ser humano do bem. Obrigada, tia! Um dia vamos nos encontrar”. (Sandra Dimov Zanelatto Vulcano)

“Falar de Sônia Dimov é falar da pessoa de vasto conhecimento da Associação Cultural do Povo Búlgaro e Gagaúzo Bessarabiano. Ela era uma pessoa sensível, forte em suas opiniões. Detentora de um amplo discernimento, possuía intuição plena do universo. Ao seu lado, vivenciei lindas experiências, como a da Ilha Anchieta. Aprendi com ela que, enquanto houver força e determinação, a fé transforma, infalivelmente, o destino em missão. Irmã do Universo,



Sônia (a segunda, a partir da direita) em foto tirada em São Paulo, durante reunião da *Bulgari* em setembro de 2022

muita luz”. (Ana Maria Barbosa)
 “Sônia, amiga e companheira inesquecível! Sua passagem pela terra deixou frutos que germinarão com muita força e luz, pois seus ensinamentos foram plenos de humanidade e amor! A saudade será eterna, mas a certeza de que está em paz acalma os corações que aqui ficaram! Um dia nos reencontraremos!”. (Ordalina Ribeiro Rosa)

“Para nós, tia Sônia foi uma mulher à frente do seu tempo, sempre buscando melhorar como profissional e como pessoa. Adorava receber familiares e amigos em encontros de almoços e chás, memoráveis para todos que deles participaram. Viajou o mundo e trazia, além dos presentes, a bagagem de experiências, nunca guardou nada para si, sempre compartilhando vidas. Mostrou que aposentadoria não é sinônimo de estagnação. Podemos dizer que a palavra movimento a representa muito bem. Foi luz na vida de várias

crianças e adultos nos seus engajamentos sociais. Tinha prazer em ajudar e postura diante da vida. Era desprovida de preconceitos sociais. Está fazendo muita falta! Gratidão, tia Sônia!”. (Marcelo Dimov Zanelatto e Adriana Balbachan Dimov Zanelatto)

“Sônia Dimov, esse era o nome dela, amiga fiel, atenciosa, dotada de uma paciência e bondade admiráveis. Tive a honra de participar de alguns eventos da Associação Cultural do Povo Búlgaro, por meio dela. Nossa amizade teve início em 2019, por intermédio do Dr. Jorge Cocicov. Considero-me uma pessoa privilegiada na minha caminhada. Encontrei pessoas maravilhosas, mulheres notáveis, em sua maioria, que me ajudaram a acrescentar em minha trajetória um pouco mais dos verdadeiros valores de uma vida carregada de honestidade, competência, bom senso, gratidão e amor ao próximo.

Muito obrigada, Sônia Dimov, você representa tudo isso para mim. Algumas coisas são eternas porque são simples, puras e verdadeiras”. (Leni Armelin)

Sônia Dimov, ativa cidadã de São Caetano do Sul, foi promotora de encontros de valorização da cultura. Resta-nos projetar sua memória e história de vida, suas ações em benefício de uma coletividade, engrandecendo a história local e, ainda, do país. Que encontre ecos na vida de outros cidadãos e cidadãs para ações semelhantes. ■

Notas

¹Júlio Dimov nasceu em solo do Império Russo (sul da Rússia hoje), mas era de etnia búlgara. Veio para o Brasil com 14 anos. A mãe de Sônia, Anna, era búlgara. Conheceram-se no Brasil em 1936.

²Alusão aos familiares, amigos e admiradores dos que viveram na Ilha Anchieta (Ubatuba) e estavam no dia da rebelião no Instituto Correccional, uma das mais famosas penitenciárias de segurança máxima do país, que ficava no local. A revolta, ocorrida em 1952, deixou grande número de fugitivos e mortos.

Vilma Lemos é doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem e pesquisadora associada do *Memórias do ABC*, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.



Sueli Aparecida Nogueira Ferreira da Silva: uma vida dedicada ao próximo

📄 Nina Kuznetzow

SUELI APARECIDA NOGUEIRA FERREIRA DA SILVA nasceu em São Caetano do Sul, no dia 16 de dezembro de 1956. Aos 13 anos de idade, foi aclamada pela Diocese de Santo André como “A Vicentina”, sendo o membro mais jovem da comunidade religiosa de São Vicente de Paulo, tendo realizado, ao lado da mãe, vários trabalhos sociais, como entrega de cestas básicas e agasalhos aos moradores carentes do Bairro Santa Maria. Também foi catequista e intercessora na Paróquia São Francisco de Assis.

Aos 20 anos, conseguiu seu primeiro emprego como assistente de enfermagem no Hospital Márcia Braido, em São Caetano do Sul, e, aos 22 anos, já como funcionária pública concursada pelo Ministério da Saúde, iniciou sua vida profissional como agente administrativo. Formou-se em Direito pela Universidade de Mogi das Cruzes e em Estudos Sociais pela Faculdade de Educação e Cultura (FEC). Pós-graduada em Gestão Hospitalar, foi diretora do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e diretora administrativa do Hospital São Caetano.

Era considerada a “madrinha do samba de São Caetano do Sul”, por sua forte ligação com as escolas de samba e pelos projetos que elaborou, os quais apoiaram o desenvolvimento dos grupos locais, co-

mo o *São Caetano tem Samba*. A Escola de Samba Jeito Sereno, primeira agremiação registrada oficialmente na cidade, nasceu na sala da casa de Sueli e de seu marido, Nilton, em uma reunião com o amigo Marcos Santana. Outra iniciativa importante foi o *Samba Solidário*, um projeto em parceria com o Fundo Social de Solidariedade da cidade, para a arrecadação de agasalhos e cobertores, por meio da realização de uma grande roda de samba.

Em 1988, foi convidada a ingressar na vida política pelo então prefeito Hermógenes Walter Braido, tornando-se, logo em seu primeiro mandato como vereadora (gestão 1997-2000), a mulher mais votada da história de São Caetano do Sul, com 2.278 votos. Foi a sexta mulher eleita vereadora do município e a primeira negra a ocupar uma cadeira na Câmara Municipal. Foi ainda vereadora nas seguintes legislaturas: 2001-2004, 2017-2020 e 2021-2024 (esta última não concluída).

Sempre engajada na área social, fez parte da Associação Assistencial Di Thiene, fundada em 1994, onde exerceu o cargo de diretora social. Além disso, era sempre voluntária do Fundo Social de Solidariedade e do Lions Clube Santa Maria. Ao lado da amiga Carminha Marinho, criou o Grupo de Apoio a Dependentes Químicos da Paróquia São Francisco de Assis.



Acervo/Nilton Ferreira da Silva

Sueli Nogueira e seu irmão,
Sérgio, em foto de 1959



Acervo/Nilton Ferreira da Silva

Família reunida: Sueli e
Nilton com a filha Anna
Gabriela, em foto de 2010

Participou ativamente de diversas edições da Festa Italiana de São Caetano do Sul, colocando, literalmente, a mão na massa. Era uma cozinheira de tirar o chapéu e seus famosos lanches de pernil na tradicional festa eram disputadíssimos. Sueli teve uma de suas receitas publicadas no livro *Cozinhos do Bem*, lançado em 2018, pela Editora Oficina do Livro.

Sueli é autora da lei municipal nº 3.647, de 1998, que criou o primeiro Centro Odontológico Municipal, inaugurado em 2004. Enquanto titular nos mandatos, regimentalmente encaminhava ao Executivo vários projetos e indicações cobertos e amplamente divulgados pelos meios de comunicação locais e regionais, já que todos de interesse público, visando sempre ao bem-estar da população. Foi a responsável pela criação do Conselho Municipal da Comunidade Negra de São Caetano do Sul, instituído pela lei municipal nº 3.648, de 18 de março de 1998, de sua autoria.

A partir de 1999, cumpriu mandato de dois anos como presidente do Núcleo São Caetano do Sul da Associação das Mulheres Trabalhistas do Estado de São Paulo (AMTESP), que contava com 80 voluntárias e focava a distribuição de cestas básicas, leite e a realização de campanhas de inverno para as famílias carentes da cidade. Responsável por projetos de valorização das mulheres, Sueli promoveu diversas homenagens e campanhas de cuidados e prevenção da saúde feminina.

Ela teve praticamente toda a sua vida dedicada à saúde e à promoção social, áreas nas quais, indiscutivelmente, alcançou destaque. Foi idealizadora do tradicional projeto *Natal Solidário*, que há 20 anos ininterruptos proporciona, especialmente às famílias mais carentes, momentos de confraternização e alegria. Nesses eventos, crianças eram presenteadas com kits de roupas, sapatos e muitos brinquedos, ao mesmo tempo que os pais interagiam com a feliz anfitriã. Sueli era muito atuante na igreja católica. O popular padre Gino Sorgan, da Igreja Nossa Senhora da Candelária, conhecedor do trabalho dedicado de Sueli nas áreas social e de saúde, chamava-a de “Mãe dos Pobres de São Caetano”. Essa denominação ficou muito popular na cidade, e Sueli, inclusive, recebeu homenagem por sua atuação.

Em janeiro de 1989, a convite do diretor de teatro, Carlinhos Lira, iniciou sua carreira artística no Movimento Cultural Teatral e de Artes (MCTA) e se tornou uma das mais premiadas atrizes do Grande ABC. Participou dos maiores festivais de teatro nacionais, sendo muito elogiada por grandes críticos das Artes Cênicas.

Sueli amava atuar, e, aos 33 anos de idade, conheceu Nilton Ferreira da Silva, que também era ator. Casaram-se em 12 de maio de 1994. Dessa união, nasceu, em 24 de setembro de 2001, Anna Gabriella Nogueira da Silva. No dia 9 de novembro

de 2017, nasceu o neto do casal, Enzo Dantas Nogueira.

Silva homenageou sua esposa Sueli recentemente, no dia 15 de setembro de 2022, atuando na peça *Onde Tudo começou - Uma Verdadeira História de Amor*, encenada no Teatro Santos Dumont. Com uma encenação delicada e sensível, utilizando o teatro como pano de fundo, a história narrava alguns detalhes da trajetória de Nilton Ferreira da Silva e da vereadora Sueli Nogueira. Por meio de lembranças, em um turbilhão de sentimentos, mostrando que o amor verdadeiro ultrapassa barreiras, enfrenta desafios e sobrevive além do tempo. O espetáculo contou com participação de grande elenco e direção de Malú Saloti, além da apresentação dos integrantes da Escola de Samba Palmares.

Em 22 de outubro de 2022, foi inaugurado, em São Caetano, o Centro Integrado de Saúde e Educação da Terceira Idade Sueli Nogueira Ferreira da Silva, localizado na Rua Ceará, nº 515, no Bairro da Fundação.

Sueli Nogueira gostava de celebrar a vida, sempre comemorando datas importantes como o Dia Internacional das Mulheres e o Dia da Consciência Negra. Gostava de festejar seus aniversários com muita alegria, entre amigos e familiares. Dedicou-se à vida pública por mais de 45 anos e atendia a todos com respeito e carinho. No dia 23 de novembro de 2021, aos 64 anos, Sueli nos deixou, prematuramente, devido a complicações no fígado (hepatite medicamentosa).

Uma curiosidade sobre o nome da Sueli: algumas vezes, ele aparece com Y, e outras com I. Oficialmente, ela foi registrada como Sueli, mas a numerologia sempre a aconselhou a usar com Y, embora muitas vezes não fosse possível mudar devido a documentos oficiais, homenagens e títulos. Suely ou Sueli, não importa, o importante é dizer que esta mulher deixou um grande exemplo de fibra e honra. ■

“Nunca desista dos seus sonhos. Uma vida se completa de realizarmos dia a dia, vitória a vitória. Cada passo em direção à felicidade é como a subida de uma escada. Nada é mais gratificante do que ter certeza de que fizemos o melhor ao chegar ao topo dela.

Minha caminhada se firma quando conheci o Nilton, fazendo teatro, que representa para mim a base de tudo que sou e o que construí. Deixei o sonho de atuar para trás pela necessidade dura que a vida apresenta, quando trazer recursos para casa é mais urgente que realizar sonhos. Concursada, no Ministério da Saúde, descobri as mazelas de um povo que precisava de toda ajuda que se é possível imaginar: de um afago, num momento triste. Vivendo problemas do próximo, senti que precisava de mais para ajudar. E foi na política que encontrei o meio para tanto. Enfim no auge da minha caminhada, olho para trás e vejo uma vida plena e gratificante.

Divido minha vida há 27 anos com meu marido. Construímos uma carreira política linda, e realizamos o grande sonho de sermos pais, nossa amada filha Anna Gabriela e nosso netinho Enzo Dantas. A vida se completa e nada que ficou para trás precisou ser diferente.

A vida para mim é, e vai ser sempre... Uma grande superação!”

(Texto escrito por Sueli Nogueira e publicado no livro *Mulheres de Garra e suas Histórias*, lançado em 2017 pela Editora Oficina do Livro)



A madrinha do samba de São Caetano desfilando no Carnaval de 1998

Nina Kuznetzow

é nascida nos Estados Unidos da América, é escritora e organizadora editorial, tendo recebido diversos prêmios e condecorações na área.

Acervo Penha Caldo da Silva

Nascida em São Paulo, no dia 13 de fevereiro de 1961, Penha Caldo da Silva veio para São Caetano do Sul com 4 anos de idade. Estudou na atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Décio Machado Gaia, no Bairro Boa Vista. Os registros fotográficos mostram as lembranças de seus tempos de escola, de 1968 e 1969.



1968



1969

Acervo Max Sniesko

Mario Snieska foi jogador do Clube Recreativo Esportivo Tamoyo na década de 1970. Nascido em São Caetano do Sul em 15 de janeiro de 1947, jogava como meia-atacante da equipe e vestiu a camisa 10. Snieska faleceu em março de 2023, aos 76 anos. Na imagem, do início da década de 1970, ele aparece à direita, em pé



Snieska (o primeiro, em pé, a partir da direita) com a equipe de futebol do Clube Recreativo Esportivo Tamoyo

Tite e Éverton Ribeiro na A.D. São Caetano

Renato Donisete Pinto

PREZADO LEITOR, você sabia que dois representantes da seleção brasileira na preparação para a Copa do Mundo do Catar de 2022 tiveram uma bela história no futebol de São Caetano do Sul? Sim, o treinador Tite e o meio-campista Éverton Ribeiro defenderam, em anos diferentes, a Associação Desportiva (A.D.) São Caetano. Uma coincidência: ambos estrearam no Estádio Municipal Anacleto Campanella no dia 2 de agosto.

Tite (2003/2004) - Tite, ou Adenor Leonardo Bachi, nasceu em 25 de maio de 1961, na pequena colônia italiana de São Braz, zona rural próxima de Caxias, no Rio Grande do Sul. Em 1978 começou sua carreira de jogador de futebol nas categorias de base do Esporte Clube Juventude. Atuava no meio de campo como segundo volante e meia-armador. Defendeu profissionalmente a Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul (RS), o Clube Esportivo Bento Gonçalves (RS), a Associação Portuguesa de Desportos (SP) e o Guarani Futebol Clube (SP).

Quando deixou o Guarani, de Campinas, ainda tentou retornar aos campos duas vezes: novamente no Esportivo (RS) e, por fim, no Grêmio Atlético Guarany, de Garibaldi (RS). Depois de sérias lesões nos joelhos e sete cirurgias, encerrou prematuramente sua carreira, aos 27 anos. Foi no próprio Guarany de Garibaldi que iniciou sua vitoriosa carreira de treinador, em 1990. Dirigiu as equipes do Caxias (RS), Veranópolis Esporte Clube (RS), Ypiranga Futebol Clube (RS), Juventude (RS), Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (RS), Clube Atlético Mineiro (MG), Sport Club Internacional (RS), Al Ain e Al Wahda (Emirados Árabes) e Sport Club Corinthians Paulista (SP), clube no qual se consagrou antes de assumir a seleção brasileira, em 2016. Até o início da Copa do Catar, à frente do escrete nacional, o treinador apresentou um desempenho invejável nos 76 jogos disputados: 57 vitórias, 14 empates e apenas cinco derrotas. Ficou em quinto lugar na Copa da Rússia, em 2018, e conquistou a Copa América de 2019.

Sua história no comando da equipe da A.D. São Caetano começou em 2003. A estreia foi no dia 2 de agosto pela última rodada do primeiro turno do Campeonato Brasileiro. O jogo foi no Estádio Municipal Anacleto Campanella em um empate de um gol contra o Juventude. O treinador conseguiu levar a A.D. São Caetano ao quarto lugar com a melhor defesa do campeonato nacional, e consequente classificação para a Taça Libertadores da América do ano seguinte. Também disputou três partidas pela Copa Sul-Americana.

No início de 2004, comandou o Azulão em seis partidas pelo Campeonato Paulista e uma pela Libertadores da América (goleada de 4 a 2 sobre o The Strongest, da Bolívia). Deixou o clube após uma derrota para o Marília no dia 15 de fevereiro daquele ano.

Ao lado segue a relação das 34 partidas em que Tite dirigiu a A.D. São Caetano:





Tite em treino da A.D. São Caetano realizado em 13 de janeiro de 2004



Éverton Ribeiro em uma sessão de treinamento no Estádio Anacleto Campanella, no dia 6 de outubro de 2010

DATA	LOCAL	PARTIDA	CAMPEONATO
2/8/03	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 1 x 1 Juventude	Campeonato Brasileiro Série A
6/8/03	Criciúma (SC)	Criciúma 0 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série A
9/8/03	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 0 Cruzeiro	Campeonato Brasileiro Série A
17/8/03	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 3 x 0 Fortaleza	Campeonato Brasileiro Série A
20/8/03	Rio de Janeiro (RJ)	Flamengo 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série A
23/8/03	Rio Grande do Sul (RS)	Grêmio 0 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série A
27/8/03	Belo Horizonte (MG)	Cruzeiro 1 x 1 A.D. São Caetano	Copa Sul-Americana
31/8/03	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 1 x 0 Vasco	Campeonato Brasileiro Série A
14/9/03	Belém (PA)	Paysandu 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série A
17/9/03	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 0 x 1 Santos	Copa Sul-Americana
21/9/03	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 0 x 2 Figueirense	Campeonato Brasileiro Série A
25/9/03	Belo Horizonte (MG)	Atlético-MG 3 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série A
28/9/03	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 0 Paraná	Campeonato Brasileiro Série A
1/10/03	Santos (SP)	Santos 1 x 1 A.D. São Caetano	Copa Sul-Americana
4/10/03	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 1 x 0 Ponte Preta	Campeonato Brasileiro Série A
8/10/03	São Paulo (SP)	Corinthians 0 x 3 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série A
11/10/03	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 2 Santos	Campeonato Brasileiro Série A
19/10/03	Salvador (BA)	Vitória 0 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série A
22/10/03	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 0 Coritiba	Campeonato Brasileiro Série A
26/10/03	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 0 x 1 São Paulo	Campeonato Brasileiro Série A
1/11/03	Curitiba (PR)	Atlético-PR 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série A
6/11/03	Campinas (SP)	Guarani 0 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série A
9/11/03	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 4 x 1 Bahia	Campeonato Brasileiro Série A
23/11/03	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 1 x 0 Goiás	Campeonato Brasileiro Série A
29/11/03	Rio de Janeiro (RJ)	Fluminense 2 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série A
7/12/03	Caxias do Sul (RS)	Juventude 2 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série A
13/12/03	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 5 x 0 Internacional	Campeonato Brasileiro Série A
21/1/04	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 3 x 2 Mogi Mirim	Campeonato Paulista A1
25/1/04	Santos (SP)	Santos 1 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1
28/1/04	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 0 x 0 Santo André	Campeonato Paulista A1
1/2/04	Campinas (SP)	Guarani 1 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1
5/2/04	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 4 x 2 The Strongest	Libertadores da América
8/2/04	Itápolis (SP)	Oeste 2 x 2 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1
15/2/04	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 0 x 1 Marília	Campeonato Paulista A1

Éverton Ribeiro (2008/ 2009/ 2010) - Éverton Augusto de Barros Ribeiro nasceu no dia 10 de abril de 1989 em Arujá (SP), mas foi na vizinha Santa Isabel que, ainda garoto, deu seus primeiros passos no futebol. Foi campeão da Copa São Paulo Júnior pelo Corinthians em 2007 e, no mesmo ano, foi promovido ao time principal. Emprestado ao Azulão no final de julho de 2008, no dia 2 de agosto estreou em uma goleada frente ao Paraná Clube para um público de 968 pagantes no Estádio Municipal Anacleto Campanella.

Vestiu a camisa da A.D. São Caetano em 100 partidas e marcou oito gols. Chegou como lateral esquerdo, mas graças à sua versatilidade em campo e às oportunidades dadas pelo treinador Vadão, Éverton Ribeiro começou a atuar como meia-armador. Tornou-se o camisa 10 da equipe. Quase foi campeão do Torneio do Interior de 2010. No período em que defendeu

o Azulão, o atleta foi convocado pela seleção brasileira sub-20 que disputou e conquistou o título do Campeonato Sul-Americano na Venezuela no começo de 2009.

Após o término do Campeonato Brasileiro da Série B de 2010, ele retornou ao Corinthians. Seguiu a carreira jogando pelo Cori-

tiba Foot Ball Club (PR), Cruzeiro Esporte Clube (MG), Al Ahli (Emirados Árabes) e, desde 2017, atua no Clube de Regatas do Flamengo (RJ). Sua estreia na seleção brasileira principal foi no dia 5 de setembro de 2014 (vitória de 1 a 0 sobre a Colômbia). Antes da Copa do Mundo do Catar, foi convo-

cado para os dois últimos amistosos da seleção brasileira, atuando no segundo tempo da vitória de 3 a 0 contra Gana, em partida realizada no dia 23 de setembro de 2022, na França.

Abaixo, a relação das partidas de Éverton Ribeiro disputadas pela A.D. São Caetano: 

DATA	LOCAL	PARTIDA	CAMPEONATO	GOL
2/8/08	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 3 x 1 Paraná	Campeonato Brasileiro Série B	
5/8/08	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 3 x 1 Fortaleza	Campeonato Brasileiro Série B	
8/8/08	Natal (RN)	América-RN 1 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
12/8/08	Caxias do Sul (RS)	Juventude 3 x 4 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
15/8/08	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 3 x 3 Avaí	Campeonato Brasileiro Série B	
22/8/08	Campinas (SP)	Ponte Preta 1 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
26/8/08	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 4 CRB	Campeonato Brasileiro Série B	
29/8/08	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 0 x 0 Criciúma	Campeonato Brasileiro Série B	
6/9/08	Goiânia (GO)	Vila Nova 2 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
16/9/08	Bragança Paulista (SP)	Bragantino 2 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
1/11/08	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 2 Ceará	Campeonato Brasileiro Série B	
11/11/08	Fortaleza (CE)	Fortaleza 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
20/2/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 0 x 0 Noroeste	Campeonato Paulista A1	
25/2/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 3 x 4 Palmeiras	Campeonato Paulista A1	
6/3/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 3 x 1 Ituano	Campeonato Paulista A1	
21/3/09	Mirassol (SP)	Mirassol 4 x 2 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
24/3/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 0 Guarani	Campeonato Paulista A1	
28/3/09	Bragança Paulista (SP)	Bragantino 6 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
31/3/09	Jundiaí (SP)	Paulista 1 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
8/5/09	Bragança Paulista (SP)	Bragantino 2 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
16/5/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 1 Bahia	Campeonato Brasileiro Série B	
19/5/09	Goiânia (GO)	Vila Nova 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
30/5/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 0 x 1 América-RN	Campeonato Brasileiro Série B	
6/6/09	Rio de Janeiro (RJ)	Vasco 0 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
13/6/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 0 x 2 Ponte Preta	Campeonato Brasileiro Série B	
16/6/09	Fortaleza (CE)	Ceará 2 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
26/6/09	Campinas (SP)	Guarani 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
4/7/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 2 Atlético-GO	Campeonato Brasileiro Série B	
10/7/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 1 x 1 Portuguesa	Campeonato Brasileiro Série B	
14/7/09	Natal (RN)	ABC-RN 0 x 4 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
18/7/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 4 x 0 Duque de Caxias	Campeonato Brasileiro Série B	1
24/7/09	Curitiba (PR)	Paraná 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
28/7/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 4 x 1 Campinense	Campeonato Brasileiro Série B	
1/8/09	Ipatinga (MG)	Ipatinga 0 x 2 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
7/8/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 1 Brasiliense	Campeonato Brasileiro Série B	
11/8/09	Caxias do Sul (RS)	Juventude 1 x 2 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
15/8/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 0 Fortaleza	Campeonato Brasileiro Série B	
21/8/09	Florianópolis (SC)	Figueirense 0 x 2 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
29/8/09	Salvador (BA)	Bahia 3 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
5/9/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 3 x 1 Vila Nova	Campeonato Brasileiro Série B	1
15/9/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 0 x 1 Vasco	Campeonato Brasileiro Série B	
16/10/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 3 x 0 ABC-RN	Campeonato Brasileiro Série B	

20/10/09	Rio de Janeiro (RJ)	Duque de Caxias 2 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
24/10/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 1 x 2 Paraná	Campeonato Brasileiro Série B	
31/10/09	Campina Grande (PB)	Campinense 2 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
6/11/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 0 x 0 Ipatinga	Campeonato Brasileiro Série B	
11/11/09	Taguatinga (DF)	Brasiliense 2 x 2 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
14/11/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 0 x 0 Juventude	Campeonato Brasileiro Série B	
27/11/09	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 1 Figueirense	Campeonato Brasileiro Série B	
17/1/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 0 Paulista	Campeonato Paulista A1	1
21/1/10	Santo André (SP)	Santo André 2 x 2 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
24/1/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 5 x 1 Sertãozinho	Campeonato Paulista A1	
27/1/10	Rio Claro (SP)	Rio Claro 3 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
30/1/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 2 Monte Azul	Campeonato Paulista A1	
3/2/10	Barueri (SP)	São Paulo 3 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
7/2/10	Mirassol (SP)	Mirassol 0 x 3 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
12/2/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 1 x 2 Rio Branco	Campeonato Paulista A1	
17/2/10	São Paulo (SP)	Palmeiras 1 x 4 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
21/2/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 1 x 0 Mogi Mirim	Campeonato Paulista A1	
27/2/10	Ribeirão Preto (SP)	Botafogo 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
3/3/10	Bragança Paulista (SP)	Bragantino 2 x 3 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
13/3/10	São Paulo (SP)	Portuguesa 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
21/3/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 2 Oeste	Campeonato Paulista A1	
24/3/10	Itu (SP)	Ituano 0 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
4/4/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 1 x 3 Santos	Campeonato Paulista A1	
7/4/10	Presidente Prudente (SP)	Grêmio Prudente 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
10/4/10	Itápolis (SP)	Oeste 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
17/4/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 3 x 1 Oeste	Campeonato Paulista A1	1
24/4/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 1 x 0 Botafogo	Campeonato Paulista A1	
1/5/10	Ribeirão Preto (SP)	Botafogo 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Paulista A1	
8/5/10	São Paulo (SP)	A.D. São Caetano 0 x 1 Figueirense	Campeonato Brasileiro Série B	
22/5/10	São Paulo (SP)	A.D. São Caetano 2 x 1 Ipatinga	Campeonato Brasileiro Série B	
25/5/10	Bragança Paulista (SP)	Bragantino 1 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
29/5/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 3 x 1 Ponte Preta	Campeonato Brasileiro Série B	
1/6/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 5 x 0 Náutico	Campeonato Brasileiro Série B	
4/6/10	Taguatinga (DF)	Brasiliense 1 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
25/6/10	Londrina (PR)	Atlético-PR 1 x 0 A.D. São Caetano	Torneio Cidade de Londrina	
13/7/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 3 x 2 Santo André	Campeonato Brasileiro Série B	
16/7/10	Salvador (BA)	Bahia 3 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
24/7/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 0 A.S.A.	Campeonato Brasileiro Série B	1
30/7/10	São Paulo (SP)	Portuguesa 3 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
7/8/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 3 x 1 Guaratinguetá	Campeonato Brasileiro Série B	1
10/8/10	Joinville (SC)	Coritiba 1 x 2 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
17/8/10	Recife (PE)	Sport 4 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
24/8/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 2 Paraná	Campeonato Brasileiro Série B	
27/8/10	Sete Lagoas (MG)	América-MG 2 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
31/8/10	Rio de Janeiro (RJ)	Duque de Caxias 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
3/9/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 1 x 2 Vila Nova	Campeonato Brasileiro Série B	
7/9/10	Florianópolis (SC)	Figueirense 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
11/9/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 1 x 0 América-RN	Campeonato Brasileiro Série B	
17/9/10	Ipatinga (MG)	Ipatinga 4 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
21/9/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 0 x 0 Bragantino	Campeonato Brasileiro Série B	
24/9/10	Campinas (SP)	Ponte Preta 1 x 2 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
30/10/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 3 x 1 Coritiba	Campeonato Brasileiro Série B	1
2/11/10	Juazeiro do Norte (CE)	Icasa 1 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
6/11/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 2 x 1 Sport	Campeonato Brasileiro Série B	1
9/11/10	Curitiba (PR)	Paraná 1 x 0 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	
12/11/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 0 x 0 América-MG	Campeonato Brasileiro Série B	
19/11/10	São Caetano do Sul (SP)	A.D. São Caetano 1 x 0 Duque de Caxias	Campeonato Brasileiro Série B	
27/11/10	Goiania (GO)	Vila Nova 2 x 1 A.D. São Caetano	Campeonato Brasileiro Série B	

Referências Bibliográficas

BORBA, Marco. 'Adulto', Everton Ribeiro busca o primeiro título profissional. *Diário do Grande ABC*, 21 abr. 2010.

_____. Campeão sub-20 retorna ao Azulão. *Diário do Grande ABC*, 14 fev. 2009.

_____. Everton Ribeiro chega ao São Caetano. *Diário do Grande ABC*, 24 jul. 2008.

_____. Lateral do São Caetano retorna à seleção sub-20. *Diário do Grande ABC*, 27 nov. 2008.

_____. S. Caetano terá Everton Ribeiro até o final da temporada 2009. *Diário do Grande ABC*, 13 jan. 2009.

_____. Moradei e Everton Ribeiro retornam ao Corinthians. *Diário do Grande ABC*, 9 dez. 2010.

_____. Versatilidade garante Everton Ribeiro no time de Antonio Carlos. *Diário do Grande ABC*, 1 ago. 2009.

CRISTOFANI, Anay. Tite chega e adota a paixão no futebol do São Caetano. *Diário do Grande ABC*, 1 ago. 2003.

LIVRO Ilustrado Oficial. *Nossa Seleção Rumo ao Qatar 2022*. Barueri, SP: Panini Brasil, 2022.

MAIA, José Pires. *Cantinho do Zezé*. *Imprensa ABC*, 30 set. 2022.

MATTOSO, Camila. *Tite*. São Paulo: Panda Books, 2016.

RICHMOND, Klaus e CASTRO, Luiz Felipe. *Ninguém é super-homem*. *Revista Placar* ed. 1492, São Paulo: Editora Abril, 2022.

TABELA do Campeonato Brasileiro de 2003/2008/2009/2010. Disponível em: www.bolanaarea.com Acesso em: 10 out. 2022.

Agradecimento: Sérgio Vieira e Simone Alves Szalai (*Diário do Grande ABC*).

Renato Donisete Pinto é pedagogo e professor de Educação Física. Membro da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul e do Memofut (Grupo de Literatura e Memória do Futebol), é autor do livro *Fanzine na Educação* (Marca de Fantasia, 2013) e coautor do *Almanaque do Saad Esporte Clube* (Edição dos Autores, 2019).

Um palmeirense pelezista

Luiz Domingos Romano

SOU DE UMA FAMÍLIA DE FUTE-BOLISTAS, pais e tios, todos fanáticos por futebol, tanto praticando quanto torcendo. Tempos em que o futebol era jogado com mais talento, desprendimento, alegria, com dribles, chapéus, carretéis. O avante driblava, o defensor fazia sua parte, alguns com a técnica de um Ademir da Guia, outros com a raça de um César Maluco, ou Valdemar Carabina, que não hesitava em marcar o adversário da medalhinha pra cima... Todos jogadores da Sociedade Esportiva Palmeiras, integrantes da primeira e segunda academia.

Tudo isso foi suficiente para que eu começasse a gostar de futebol, jogando, assistindo e torcendo pelo Palmeiras desde um ano de idade.

Torcedor apaixonado do Palmeiras, sim. Mas admirador do fantástico time do Santos Futebol Clube, o da década de 1960, com aquela linha que ficou famosa no mundo todo: Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Com meu pai e tios, assistimos a muitos jogos da equipe santista no Estádio do Pacaembu, no Parque Antarc-

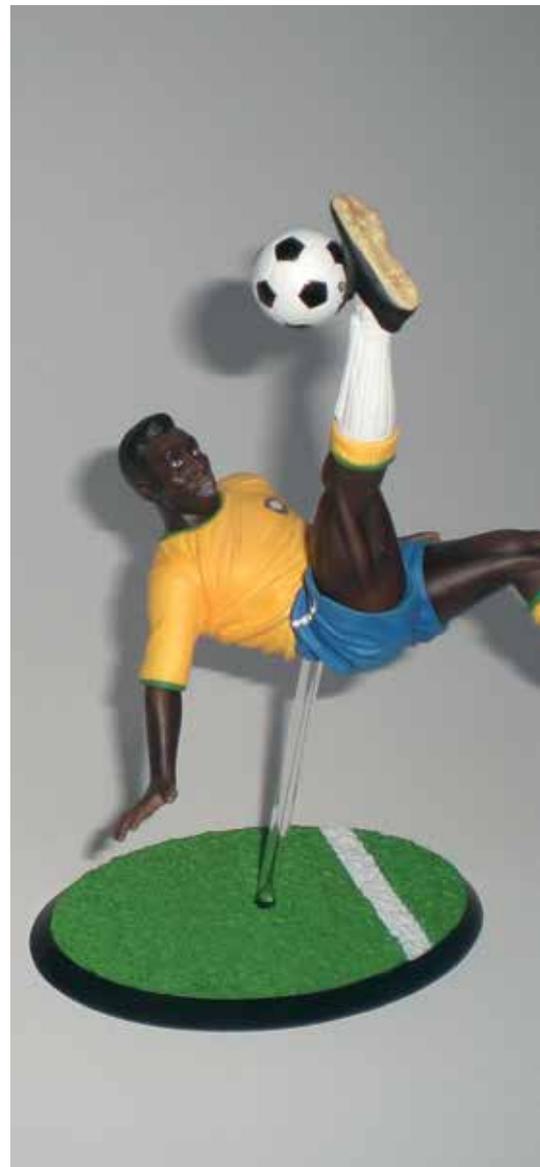
tica e no Estádio Conde Rodolfo Crespi, do Clube Atlético Juventus, da Mooca.

Foi aí que começou a minha admiração pelo jogador Pelé, pelo seu talento, jogadas maravilhosas e belíssimos gols, comemorados com o “soco no ar”. O Pelé, que, ainda hoje, é reverenciado em todos os continentes como o maior jogador de futebol de todos os tempos. Infelizmente, Edson Arantes do Nascimento, o rei, faleceu em dezembro de 2022.

Como colecionador, há muitos anos venho adquirindo vários itens de objetos que homenageiam o rei Pelé, como selos de correios, camisas, blusas, posters, revistas, fotografias, etc. Virei um “pelezista”!

Da minha coleção, destaco um boneco do Pelé dando uma bicicleta, lance popularizado pelo Leônidas da Silva – outro gênio da bola – e imortalizado nas fotos de profissionais como Domício Pinheiro, que fez história no *Estadão* e no extinto *Jornal da Tarde*.

Apresento aqui alguns itens da minha coleção sobre o rei do futebol, o eterno Pelé. ■ ➔



Boneco apresenta o Rei Pelé executando o seu chute de bicicleta perfeito

Medalha comemorativa dos 100 anos do Santos Futebol Clube (1912-2012)



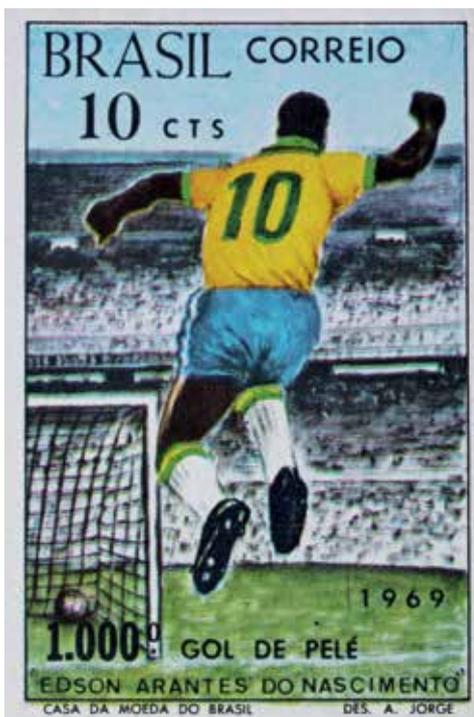


Blusas e camisas com a grife do Pelé pertencentes à coleção particular de Luiz Romano



Selo em homenagem à Copa do Mundo de 1970, com imagem de Pelé

Selos do lêmen comemorativos da Copa do México de 1970



Selo comemorativo do milésimo gol de Pelé, lançado pelos Correios em 1969



Selo comemorativo dos 80 anos do Rei Pelé, celebrados em 2020



Luiz Domingos Romano

é designer na área de produto e embalagem e pós-graduado em Comunicação Visual. Atualmente é proprietário da LD Romano Design Ltda. Colecionador, pesquisador e memorialista na área esportiva, é membro do Memofut (Grupo de Literatura e Memória do Futebol), em São Paulo, e conselheiro da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Alguns flashes dos anos 1960

☰ Angelo Honorato Zucato

CONCLUÍDA A ESCOLA PAROQUIAL DE SÃO CAETANO DO SUL, onde tive como colegas João Zambon, Edson Lodi, Elizeu Lorenzini, Nelson Costa, entre outros, fui para o Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, no qual vivenciei minha primeira experiência em reprovação. Latim fazia parte deste contexto...

Vamos mudar de escola... Por não haver vaga no Colégio Cel. Bonifácio de Carvalho, fui para a Escola Estadual Amaral Wagner, em Santo André. Ao lado do colégio havia um campinho de várzea, instigando os alunos ao futebol em todos os intervalos. Fiz bons amigos. Rubens, ex-seminarista, me auxiliava nas provas de Latim em troca de meus favores, de repente, em Matemática.

No ano seguinte, consegui transferência para o “Boni” (*Bonifácio de Carvalho*) e fui bem recepcionado pelos amantes das peladas, já que havia praticado um ano na várzea do Amaral Wagner.

Carlos Alberto Lopes foi o primeiro a me chamar de Zucato e a me enturmar naquela quadra com piso áspero que gastava um sapato por semana. Alunos de várias classes tentavam chutar uma bolinha de borracha contra os gols formados pelos pilares que suportavam as tabelas de basquete, até os bedéis, em atos recorrentes, acabarem com nossa alegria.

Amauri Cicaccio era um dos companheiros da volta das aulas, pelas calçadas da General Motors, até a mercearia do pai do Pedro Campanella... Às vezes, com Sergio Seinkiewz e Rosconi, este último, vizinho e amigo inseparável.

Familiarizado com a escola, mas não com o rigor e nível das provas de colégio padrão, fui convidado



Fachada do Colégio Coronel Bonifácio de Carvalho em 1963

a repetir aquele ano e a conhecer outros colegas, agora meus novos amigos do campinho defronte à Usina Colombina, entre outros: Charly, Artur, Alberto, Perez, Waldecir, Miaggi, Bolão, Victor, Pedrão e Wagner Bico-Fino, cuja proeza era dar chapéu nos menos versados na arte, como eu.

Destes todos, quem mais levava a sério as peladinhas era Perito, que, com seu uniforme completo, inclusive joelheiras e frangos memoráveis, ocupa até hoje o posto de meu goleiro herói. Waldecir que me perdoe, mas ele tinha mais garra, rsrs!!

Artur sentava logo atrás de mim, o que me fazia seu confidente. Ao meu lado direito, Carlinhos se utilizava de meu caderno de Matemática, que a dona Dalva exigia com 200 folhas e dava

Alunas durante aula de Educação Física, em 1963, no Bonifácio de Carvalho

Acervo/ Angelo Honorato Zucato



Acervo/ Angelo Honorato Zucato

meio ponto na média se estivesse em dia. Charly, quase no fundo, insistia em nos mostrar sua habilidade de colocar a sua língua até a ponta do nariz, proeza que só ele conseguia...

O saquinho de tombola era eu quem levava, e dona Aimeé fazia questão de conferir se estavam lá todas as pedras, inclusive a minha, pois as chamadas orais eram assim democraticamente sorteadas. Momentos de torcida e tensão, dada a severidade da mestre, que não poupava elogios ao Paulo Pimenta, seu predileto. Reputo minha base de Inglês a esta dedicada professora.

Já tínhamos grupos esportivos seletivos. A turma do vôlei incluía Bottas, Infanti, Alci, Luigi Pantano, Rapuano, que se apoderavam da quadra de cima, obrigando os basqueteiros a contentarem-se com o jogo de 21.

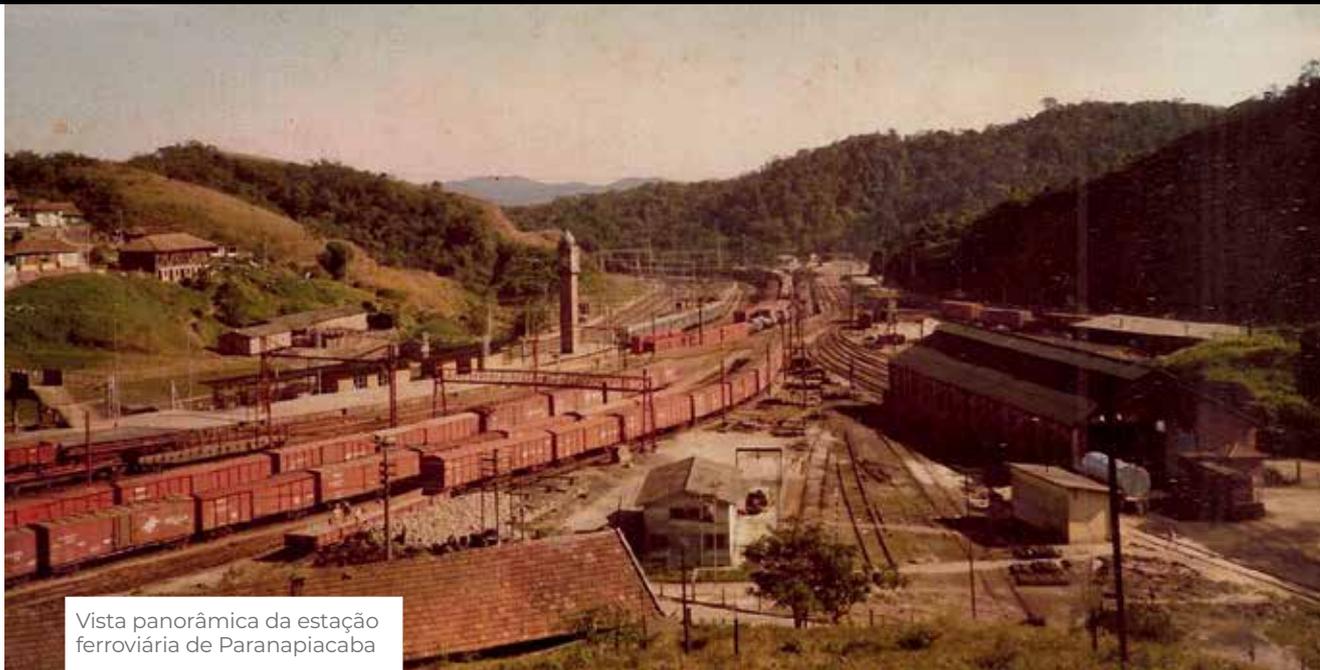
Quando conseguíamos uma bola de basquete com a simpática professora da manhã, aqueles momentos antes de iniciarem as aulas eram disputados sob o sol do meio-dia. Era frequente chegar pingando de suor sob o desconforto do metabolismo acelerado.

Fico imaginando se conseguiria reunir todos os flashes destes amigos. Certamente ilustrariam aquela foto memorável que circulou entre nós. Se somarmos as do salão do Mineiro e do Zulu, teríamos brilhantes momentos de toda a geração *baby boomer* de Sanca. ■



Alunos em sala de aula com Aimeé Silveira, professora de inglês. Foram identificados: Juventino Figueira Borges, Luiz, Lorenzon, Víctor Matsudo, Alberto Tchakerian, Edelcio Lopes, Luis Crepaldi Filho, Paulo Pimenta, Pedro Roberto Campanella, Vagner Tadeo Orlando, Charly Farid Cury, Heitor, Artur Correa, Zezo, Francisco Rapuano, Edesio Rodrigues Costa, João Sergio de Almeida Neto, Jose Roberto Perrella, José Roberto Rodrigues Lopes, Luigi Pantano, Nelson Infanti Jr., Osmir Adão, Roberto A. Tassi, Waldecir João Perrella e Angelo Honorato Zucato. Foto de 1963

Angelo Honorato Zucato é nascido em São Caetano do Sul. É formado em Engenharia Mecânica pelo Instituto Mauá de Tecnologia, em Administração, pela Fundação Getúlio Vargas. Sua carreira profissional abrange as áreas de engenharia, gestão e direção em empresas nacionais e internacionais na área de bens de capital sob encomenda.



Vista panorâmica da estação ferroviária de Paranapiacaba

A história romântica da Ferrovia São Paulo Railway

▣ Celso de Almeida Cini

POR DETERMINAÇÃO do decreto federal nº 311, de 1939, a sede política da antiga Vila São Bernardo passou para o território de Santo André que, até então, mantinha e fora conhecido apenas pelo nome de Estação de São Bernardo. Inverteram-se os papéis político-administrativos. Notem que força motriz importante, do ponto de vista políti-

co-estratégico e geográfico, significou a existência desta localidade como (simples parada) Estação da Ferrovia São Paulo Railway (SPR), construída e explorada pelos ingleses de 1857 a 1946.

E por esse Diploma Político Federal, o município de Santo André tornou-se, a partir de 1939, o mais importante e febril da região do ABC, do ponto de vista político-administrativo e também industrial, graças à notória conveniência logística propiciada pela ferrovia! Isto foi muito proveitoso para todo o parque industrial e para os habitantes da região e de São Paulo. Refiro-me a fatores como: a valorização dos imóveis, a proliferação dos empregos com boa remuneração (dado ao grande número de indústrias), a segurança e estabilidade nos empregos, o favorecimento das leis trabalhistas e a legalização de benefícios como férias, descanso semanal remunerado, décimo terceiro salário, planos de saúde familiar e normas para aposentadoria e pensões.

Um período que marca a criação de jornais locais, como o *Borda do Campo*, de propriedade de Manoel de Góes, um advogado, secretário da Justiça do município, tendo o professor Nicola Tortorelli como diretor executivo e Affonso Mario Vial como jorna-

lista responsável. Periódico para o qual eu trabalhei, de 1947 a 1949, dos 12 aos 14 anos de idade. Meu salário? Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros) por mês. Era um auspicioso início de carreira profissional para alguém que acabara de sair das ruas... como mero engraxate!

Dificuldades para exportação do café paulista – Século 19 –

O café produzido na região de Campinas, Jundiaí, Sorocaba, Piracicaba e adjacências tinha mercado certo no exterior. Entretanto, o transporte da rubiácea das fazendas até o porto de Santos demorava demais. Eram semanas no lombo de tropas de reduzida capacidade de carga, que percorriam precários caminhos para vencer a íngreme Serra do Mar até o porto. Se contássemos com uma ferrovia, a grande capacidade de carga e a velocidade do embarque nos navios rumo aos mercados europeus garantiriam rapidamente importantes divisas ao país. E o investimento traria outros benefícios e aplicações no transporte de mercadorias e de passageiros. E o imperador D. Pedro II concordava.

No valioso trabalho de Vicente Adolfo Lamarca, chamado *A História de Paranapiacaba*, podemos encontrar a reprodução da decisão do imperador D. Pedro II de contratar a construção de uma ferrovia por um grupo de engenheiros ingleses. A empreitada deveria garantir maior velocidade ao escoamento do café paulista

nas operações de exportação, em meados do século 19. Era a sonhada São Paulo Railway (Santo André era, então, apenas uma das estações da SPR).

Já em 1835, foram realizados os primeiros levantamentos para ligar, por ferrovia, o porto de Santos ao planalto paulista. Em 1850, o empresário gaúcho Irineu Evangelista de Souza (1813 - 1889), o Visconde de Mauá, empenhou-se nas tratativas para a construção dessa ferrovia. Uma lei geral do Império concedia vantajosas condições de lucro aos investidores. Em 1855, outra lei provincial (estadual) paulista estimulou ainda mais a realização do empreendimento e, em 26 de abril de 1856, o decreto imperial nº 1.759 concedeu à recém-criada firma inglesa São Paulo Railway Company Ltd. o privilégio da construção da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí e a concessão - a partir desse ano de 1856, pelo prazo de 90 anos, isto é, até o fim de 1946 - para sua exploração pelos ingleses investidores.

Em 15 de maio de 1860, as obras tiveram início, sob o comando do engenheiro Daniel

M. Fox, que detinha experiência na construção de ferrovias em trechos de serra, tendo como empreiteira a empresa Robert Sharp & Sons. Em 1861, deu-se início às obras no trecho da Serra do Mar e no chamado Alto da Serra. Na Fazenda Mogi, foi instalado um acampamento que chegou a abrigar cinco mil trabalhadores. Para vencer as escarpas da serra, adotou-se o sistema conhecido por funicular, tracionado por imensos cabos de aço de duas pontas. A Ferrovia SPR foi inaugurada em fevereiro de 1867. Em 1868, construiu-se a Estação do Alto da Serra. Em novembro de 1892 (15 anos depois), o governo federal, já República Federativa do Brasil, desde 15 de novembro de 1889, autorizou a duplicação da linha ferroviária, operação iniciada em 1896 e concluída em 1901.

A magnífica Estação da Luz ficou pronta também em 1901, um exemplo de arte, beleza e funcionalidade, na época. No trecho da Serra do Mar foram construídos novos planos inclinados, com a travessia de 11 túneis em pura rocha, com uma extensão total de 10,5 km. A

A magnífica Estação da Luz ficou pronta também em 1901, um exemplo de arte, beleza e funcionalidade, na época.

ferrovia foi se modernizando ao longo do tempo. Em 1934, os ingleses introduziram as primeiras locomotivas de tração diesel-elétrica nos trechos de planalto. E, em 1944, iniciou-se a implantação do projeto de eletrificação de suas linhas no trecho de São Paulo a Jundiaí. Em 15 de julho de 1945, a Estação do Alto da Serra passou a denominar-se Paranapiacaba, de acordo com o que deliberou o Conselho Nacional de Geografia.

Tempos de glórias para a SPR e o Alto da Serra - Havia ali, na Vila Inglesa do Alto da Serra, a Cooperativa dos Empregados dos Planos Inclinados e, logo acima, o Hotel dos Engenheiros e dos Solteiros. Na Vila Nova, havia grupos de casas construídas em pinho de riga, importado da Inglaterra. Ali se ergueu o “Castelinho”, construção assobradada que abrigava os funcionários mais graduados da companhia e, mais tarde, os escritórios da SPR. O local chegou ainda a abrigar um seminário de padres.

Havia, no local, dois importantes clubes: o Clube União Lyra Serrano, que se dedicava ao futebol, e a Associação Lyra Serrana, dos músicos e dos eventos sociais. Havia quadras de tênis, campo de golfe e área de equitação. Promoviam-se festas, sessões de cinema, exibição de peças teatrais e música, pela Musical Lyra da Serra, além dos populares jogos de bochas dos imigran-

tes italianos. Enfim, no tempo dos ingleses, a vila apresentava atmosfera e espírito românticos, típicos de uma cidade europeia. Um clima neovitoriano!

Luxos e vaidades da Ferrovia

SPR - Enquanto a ferrovia foi administrada e explorada pelos ingleses e, na época em que eu, particularmente, a admirava e dela me utilizava (entre 1947 e 1957), era um prazer, ao lado do sentimento de certo orgulho, viajar nos confortáveis e impecáveis vagões para passageiros.

Havia vagões de primeira classe, com distintas qualidades de conforto e certos luxos oferecidos aos passageiros, com pequeno acréscimo no custo da passagem. Havia trens expressos e trens subúrbios, os mais comuns, com vagões de segunda classe, cuja passagem era mais barata, e onde viajavam os passageiros do dia a dia, os trabalhadores em geral que iam para seus empregos na indústria ou no comércio, em São Caetano, no Ipiranga, na tradicional Mooca, ou ainda, para os que iam ao Brás ou à majestosa Estação da Luz, muitas vezes, destino final da composição férrea, devendo, quando fosse o caso, todos desembarcarem ali.

Nos trens que serviam maior extensão da ferrovia, e que seguiam até Santos, havia o luxuoso vagão-restaurante, que atendia, com muito requinte, os passageiros interessados. É importante

lembrar que havia composições férreas ainda mais distintas e de luxo. Eram os Expressos, trens especiais como o Cometa, o Planeta e o Estrela, além da Litorina, que trafegavam entre Santos e Jundiaí, cujos assentos, reclináveis, eram guarnecidos com imaculados guarda-pós, ou fronhas de alva brancura, onde o passageiro podia reclinar-se, assentar a cabeça e repousar durante a calma viagem. Um luxo que destoava da vida humilde do povo operário, que usava a ferrovia como mero transporte coletivo!

O trem, para os serviços do jornal *Borda do Campo*

Borda do Campo - Meu trabalho na redação do Jornal *Borda do Campo* obrigava-me a viajar para o Brás duas vezes por semana. Às quartas-feiras, meu destino era a Gráfica Milesi. De trem, ia até o Brás e, de bonde elétrico, até as oficinas das linotipos, na Rua Piratininga, para entrega da matéria a ser publicada no *Borda do Campo* do domingo seguinte. E, nas sextas-feiras, em companhia do professor Tortorelli, voltava à gráfica para cuidar da revisão das provas: confronto das publicações com a matéria anteriormente entregue, principalmente das publicações oficiais da Prefeitura Municipal de Santo André. Às vezes, em alguma sexta-feira, Tortorelli decidia que iríamos de Expresso, na primeira classe, uma vaidade pessoal, mas um direito, de que eu, ainda menino de 13 anos, orgulhava-me poder desfrutar.

Jamais viajamos, entretanto, no Estrela, no Planeta, na Litorina ou no Cometa, que só víamos passar em disparada, sem parar em nossa humilde Estação de Santo André, enquanto aguardávamos o Expresso. Por vezes, após entregar a matéria na gráfica, às quartas-feiras, eu tomava o bonde, indo até o Centro, na Praça da Sé, e percorria as vitrines de lojas filatélicas de ruas próximas, que expunham lindas coleções de selos postais de diversos países. Impressionavam-me as séries de selos comemorativos, de vivas cores, que mostravam motivos históricos, esportivos, turísticos ou de personalidades, de muitos países. Um lado cultural a que me inclinei, mais tarde, depois dos 18 anos, tornando-me sócio, colecionador e representante da Ibérica Cultural e Filatélica, de Barcelona (Espanha), de 1952 a 1962, até ingressar na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

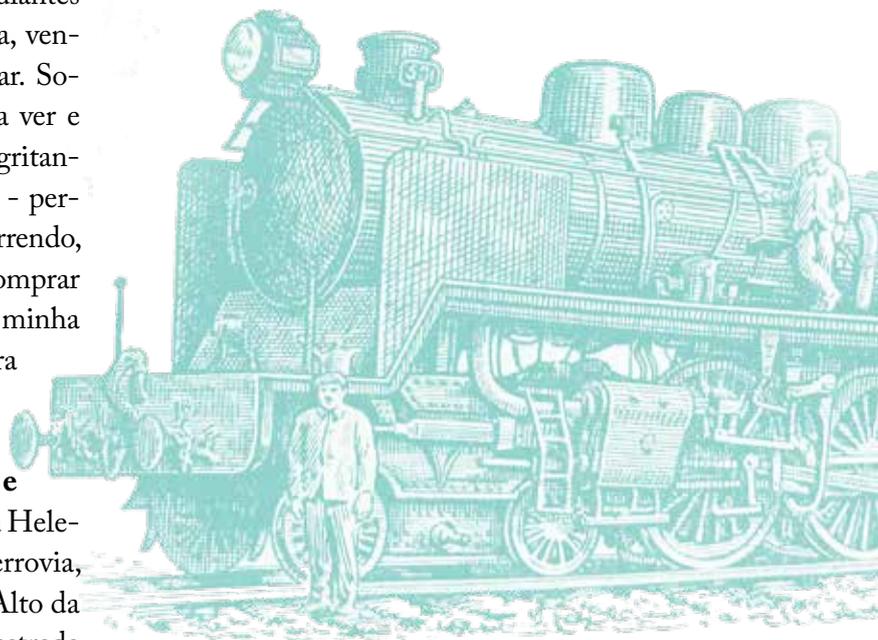
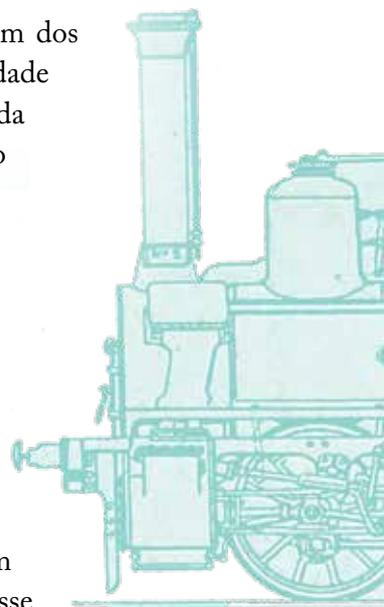
Em 1962, eu já estava casado e tinha um filho, nascido em 1958. Não tinha mais tempo livre para cuidar e dedicar-me à filatelia. Ainda guardo comigo, passados 70 anos, a antiga coleção e todo o material de sobras. Enfim, depois daqueles antológicos passeios filatélicos, eu retornava, usando o bonde e, na Estação do Brás, tomava um subúrbio até Santo André, para voltar à redação do *Borda do Campo*.

Nessa época, não eram permitidos ambulantes circulando entre os passageiros, como agora, vendendo mil utilidades e doces para degustar. Somente o sisudo chefe do trem passava para ver e picotar o bilhete cartonado. Os vendedores, gritando saudosos pregões - Balas de ovos, balas! - permaneciam na plataforma das estações, percorrendo, ávidos, as janelas onde passageiros podiam comprar as guloseimas anunciadas. Bons tempos de minha inocente adolescência. Minha infância já era história; o futuro abria-me as portas...

O nascimento da Vila de Paranapiacaba e seu fastígio - Segundo a historiadora Sílvia Helena Passarelli, paralelamente à evolução da ferrovia, nasceu, cresceu e se desenvolveu a Vila do Alto da Serra. A notícia da futura construção da estrada

de ferro atraiu a atenção de um dos primeiros habitantes da localidade serrana, Bento José Rodrigues da Silva, o Bento Ponteiro, como era conhecido, possuidor de terras em Mogi das Cruzes.

Ele abriu um carreiro de alguns quilômetros, chegando ao Alto da Serra em 23 de janeiro de 1862. Ali, Bento Ponteiro construiu um ranchinho de pau-a-pique, junto à rua que hoje se denomina Rodrigues Quaresma. Em seguida, comprovada sua posse mansa e pacífica requereu ele, do governo imperial, uma porção de território. Foi-lhe então concedida uma gleba de 40 alqueires, os quais ele doou aos trabalhadores da ferrovia, para que construíssem suas moradias. Também doou o lote onde foi erguida a capela e criado o cemitério, logo ao lado, de cujos trabalhos Bento Ponteiro participou ativamente. Materiais de construção e gêneros alimentícios produzidos em Mogi das Cruzes foram transportados pelo caminho aberto pelo mesmo Bento.



Desta forma, consolidou-se a ocupação inicial do Alto da Serra, enquanto o morro e a parte alta eram loteados por Bento Ponteiro e ocupados por comerciantes, compondo um núcleo de serviços aos operários da nascente Ferrovia SPR. A parte baixa passou a abrigar habitações provisórias e locais para os equipamentos e materiais ferroviários, assentados ao longo de um eixo principal à Rua Direita, que dava acesso aos depósitos e oficinas. As habitações, feitas de pau-a-pique e cobertas de sapé, distribuíam-se irregularmente. E é provável que, somente após este aglomerado, ergueu-se uma igreja rústica, cujo orago seria Bom Jesus do Alto da Serra, Distrito da Freguesia e Vila de São Bernardo, tendo sido celebrada aí a primeira missa em 8 de agosto de 1884, 22 anos depois da posse comprovada de Bento José Rodrigues da Silva.

Em 1892, houve ampliação do pátio de manobras da Ferrovia SPR, pela duplicação dos planos inclinados e a edificação de uma estação com duas plataformas, além de 46 casas para o pessoal da Companhia Ferroviária. Ao duplicar a ferrovia, em 1898, edificou-se uma vila ferroviária no Alto da Serra, a Vila Martin Smith, com padrões sanitários modernos, ruas arborizadas e captação de águas indispensáveis. Também a Vila Velha foi reformada, com melhoria das moradias e com toda

a infraestrutura para o bem-estar dos moradores. Em 1900, a Estação do Alto da Serra era um edifício luxuoso, de requintado gosto artístico. Era muito elegante e construído em parte de madeira envernizada. Iluminado por luz elétrica, tinha dependências confortáveis e um excelente bar, além de diversos armazéns.

Essa estação foi desativada em 1977. Quatro anos depois, quando estava sendo demolida, um incêndio a destruiu completamente. A nova estação ali erguida não lembra jamais a beleza da antiga.

Decadência da Ferrovia SPR e da Vila de Paranapiacaba -

Em 1945, véspera dos 90 anos após o início do contrato para a construção da ferrovia, datado de 1856, já se falava na sua devolução para o patrimônio brasileiro. Cumpridos os anos da concessão de exploração dada aos ingleses, a Ferrovia SPR foi encampada por decreto de 1945 do presidente Eurico Gaspar Dutra, sendo marcada a devolução oficial para 6 de novembro de 1946, com a sua incorporação ao patrimônio da União.

E, então... tudo mudou! Vicente Lamarca insiste em dizer que “o governo brasileiro esforçou-se por manter a qualidade nos transportes de carga e de passageiros que os ingleses mantiveram”, e também que “o governo brasileiro manteve o programa de modernização, inaugurando em 1950, a eletri-

ficação da linha entre São Paulo e Jundiaí e também até Paranapiacaba. Substituiu os vagões de madeira pelos de aço inoxidável, importados dos Estados Unidos”. Em 1956, criou-se a Rede Ferroviária Federal (Refesa), empresa vinculada ao Ministério dos Transportes. Os trens expressos, de madeira, trafegaram até a década de 1970 e desciam a Serra, até Cubatão. Já os trens subúrbios, de aço inox, chegavam até Paranapiacaba. Não iam até a Baixada Santista. Mas, justamente na década de 1970, houve mudanças que se tornariam fatais para a qualidade da ferrovia. Uma nova política nacional de desenvolvimento deu incentivos à instalação de indústrias automobilísticas (mais empregos!) no país, favorecendo a construção de rodovias, em detrimento de melhorias no transporte ferroviário.

Muitas ferrovias particulares foram desativadas no Estado de São Paulo e em todo o Brasil. Foi um erro grosseiro e perigoso para todo o país. A pequena, mas importante, malha ferroviária poderia sobreviver como apoio e desenvolver-se, ao lado das rodovias, como aconteceu nos Estados Unidos. Mas, não! Nossa mania de radicalizar tudo levou, sem necessidade, a sugestão ao pé da letra. Desativamos ferrovias importantes da Cia. Paulista de Estradas de Ferro e muito mais. Paralelamente, indústrias

de transformação de grande porte, de petróleo e produtos químicos (Elclor-Solvay), instalaram-se na região do ABC paulista e da Baixada Santista, junto ao leito ferroviário.

As novas indústrias e as modificações nos horários dos ferroviários forçaram a expansão da Vila Ferroviária, em Paranapiacaba. A nova política de prestigiar mais o transporte rodoviário provocou reflexos negativos no transporte ferroviário. Seus trabalhadores, assim como a própria Vila Ferroviária e Paranapiacaba, decaíram para um segundo plano, recebendo menor atenção. Trabalhar na estrada de ferro deixou de ser motivo de orgulho e respeito na Vila, que também deixou de receber os mesmos cuidados.

Em 1974, a crescente demanda do transporte de carga de indústrias instaladas ao longo da ferrovia forçou a inauguração de novo sistema de transposição da Serra, a cremalheira-aderência, que desativou parcialmente o sistema funicular, passando a operar apenas com dois trens diários para passageiros. Grande quantidade de antigos funcionários aposentou-se ou foi dispensada. Os novos empregados e moradores não tinham o mesmo apego sentimental à ferrovia, nem à Vila Ferroviária ou a Paranapiacaba. Em 1982, o sistema funicular foi inteiramente desativado e grande nú-

mero de residências do trecho da Serra foi demolido. A belíssima Estação de Paranapiacaba sofreu um incêndio pavoroso, de causas até hoje não esclarecidas. Dos tempos antigos, restou apenas o famoso relógio, transferido para a nova plataforma dos trens suburbanos, instalado em outra torre.

Depois de 1984, o governo federal separou definitivamente o transporte ferroviário de cargas do de passageiros, considerado deficitário. Criou-se a Cia. Brasileira de Transportes Urbanos (CBTU), tornada estadual em 1992, com o nome de Cia. Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), prevenindo já a privatização do sistema e cumprindo a nova Constituição de 1988, que estabelece melhor transporte coletivo para o povo, o metropolitano. As privatizações ocorreram no governo Fernando Henrique Cardoso em 1996, vendendo-se a concessão da exploração ferroviária por 30 anos para o Consórcio Malha da Região Sudeste (MRS) – Logística, associação de empresas que pagou US\$ 900 milhões pelos direitos de explorar os transportes de cargas e de passageiros.

O volume de passageiros crescera assustadoramente; os trens tornaram-se transporte de massa e a ferrovia passou a manter apenas uma classe (operária), a fim de baratear o custo da passagem. Os luxos

antigos desapareceram, saudosos, só para quem os conheceu. Desapareceram os trens especiais, a Litorina, o Cometa, o Planeta, o Estrela e o histórico vagão-restaurante. Durante bom tempo, certas indústrias paulistas promoviam convéscotes na praia de José Menino, em Santos, e fretavam uma composição para levar seus empregados para um dia - o feriado de 7 de Setembro, por exemplo - de curtição nas praias santistas. Cheguei a aproveitar essas oportunidades. Depois, a Estrada de Ferro Santos-Jundiá foi relaxando. Já era eletrificada há tempos; deixou de ir até Santos. Não descia mais a Serra do Mar. Fazia parada final em Paranapiacaba. Hoje nem até Rio Grande da Serra ela chega. A Vila de Paranapiacaba foi adquirida recentemente pela Prefeitura Municipal de Santo André, tornando-se Estância Turística, depois do bárbaro assassinato do então prefeito do município, o arquiteto Celso Daniel, em janeiro de 2002. Os planos dessa ideia eram todos dele! ■

Celso de Almeida Cini é advogado formado pela Universidade de São Paulo (USP) em 1966. É mestre e doutor em Direito Civil, também pela USP. Desde 1994 é membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, sendo seu atual secretário e advogado. Publicou artigos de memórias do Grande ABC na revista *Raízes* e foi colaborador da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

CÉLIO ROSA



Arquivo Pinacoteca Municipal (FPM/SCS)

Jardim da Luz
Xilogravura sobre papel
2013
48 x 38 cm



Foto: Antonio Reginaldo Carhen (FPM/SCS)

Célio Rosa em atividade
na Casa de Vidro, em 2018

A OBRA DO ACERVO da Pinacoteca Municipal que apresentamos nesta edição da revista *Raízes* foi escolhida para homenagear Célio Rosa. O artista é frequentador de nosso ateliê aberto no Espaço Cultural – Casa de Vidro e já participou de exposições em nossos espaços. Esta é uma das diversas obras doadas pelo artista para a instituição.

Célio Rosa nasceu em Itapetininga, interior de São Paulo. Iniciou seus estudos em arte com um religioso da Ordem dos Frades Menores *Capuchinhos*, chamado frei Paulo. Desde sempre exercitou suas aptidões artísticas – desenho, gravura e pintura –, e já em 1957, por meio de um concurso, tornou-se professor de Desenho em uma escola na cidade de Jales (SP). Entre 1972 e 1977, concluiu várias licenciaturas no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, onde também foi professor assistente e titular. Também lecionou nas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, onde foi chefe de departamento; e, na Faculdade de Engenharia de São Paulo (Fesp), ensinou Desenho Técnico. Frequentou os ateliês de Collete Pujol, Paulo Menten e Jacy Takai. Completou outros muitos cursos, participou de congressos, fez pós-graduação em Artes Plásticas, expôs suas obras em inúmeros salões de arte e conquistou prêmios em vários deles. ■

MÁQUINA DE ESCREVER

Acervo/Museu Histórico Municipal (FPMSCS)



Acervo/FPMSCS



Na imagem, vemos o escritório da Fábrica Sant'anna, fundada em 1927 e que ficava na esquina das ruas Senador Vergueiro e Mato Grosso. Produzia pregos e outros artigos de latão e cobre. Entre os vários itens que aparecem no recinto, vemos duas máquinas de escrever, equipamento de extrema importância nas atividades gerais das empresas no passado

No **PASSADO** item essencial nos escritórios e nas redações de jornais. Hoje, a máquina de escrever virou peça de museu. E é no Museu Histórico Municipal que podemos encontrar vários exemplares, de diferentes modelos e marcas. Destacamos, nesta edição, um modelo da marca Royal, do começo do século passado, que pertenceu a Américo Rosalino.

A Royal foi uma das primeiras fabricantes de máquinas de escrever no século 20. Chegou a produzir cerca de 1 milhão de peças. Escritores famosos como Ian Fleming e Ernest Hemingway utilizaram uma Royal nas produções de seus livros. Outra curiosidade é que a máquina de escrever da marca tem importante participação no livro *Angústia*, de Stephen King, lançado em 1987.

EXPOSIÇÕES

ANEXO DA PINACOTECA



Palavra Pintada

A mostra *Palavra Pintada*, do artista plástico Dener de Sousa, inaugurou, no dia 8 de novembro de 2022, o Salão Anexo da Pinacoteca, o novo espaço expositivo da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. O período de visitação encerrou-se em 5 de dezembro de 2022. A exposição fez uma homenagem a poetas que, por meio dos seus poemas, influenciam o artista no dia a dia. Ele usa polípticos para traduzir os versos que são retratados na exposição.

Trabalhos de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Uscs

Entre os dias 12 e 16 de dezembro de 2022, os alunos da primeira turma de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs) apresentaram os seus trabalhos de conclusão de curso no Anexo da Pinacoteca. Tais trabalhos

ficaram expostos à visitação até 13 de janeiro. A iniciativa concedeu ao público a oportunidade de prestigiar os novos arquitetos da cidade.

10 ° Salão Nacional de Arte Fotográfica

A programação de 2023 da Fundação Pró-Memória começou em grande estilo com uma exposição com cerca de 100 fotografias premiadas no *10° Salão Nacional de Arte Fotográfica*. Organizado pelo Fotoclube ABCclick, esta edição do evento teve grande envolvimento da comunidade fotográfica brasileira. Foram mais de 600 imagens de fotógrafos de mais de 18 Estados brasileiros. Aberta no dia 28 de janeiro no Anexo da Pinacoteca, a mostra ficou em cartaz até 31 de março.

PINACOTECA MUNICIPAL

De Passagem e Marcos Garrot e a Liberdade Cuboconcreta

Abertas no dia 10 de novembro de 2022, as exposições *De Passagem e Marcos Garrot e a Liberdade Cuboconcreta* estiveram em cartaz na Pinacoteca Municipal até 3 de fevereiro de 2023. De autoria do artista plástico paulistano Marcos Garrot, as mostras objetivaram evidenciar o movimento e a energia presentes nas formas geométricas. Com uma

carreira de mais de quatro décadas, Garrot conseguiu, por meio das obras expostas, imprimir toda a sua sensibilidade aos contornos frios e rígidos da geometria.

O Vazio Abarcado

A exposição *O Vazio Abarcado*, que contempla obras de Aline Moreno e Jeff Barbato, foi aberta na Pinacoteca em 11 de março. Nas palavras do poeta e jornalista Jurandy Valença, curador da mostra, os dois artistas “discutem a representação da natureza e da paisagem por meio de operações poético-visuais que remetem à cartografia. Mas não aquela (cartografia) que entendemos como (sendo) a representação geométrica plana, simplificada e convencional da superfície terrestre ou de parte dela. Eles, de certa maneira, exibem - cada um ao seu modo - um *trompe l'oeil*, expressão francesa e um recurso técnico-artístico empregado com a finalidade de criar uma ilusão de ótica para ‘enganar o olho’”. A exposição *O Vazio Abarcado* ficou em cartaz até o dia 23 de junho.



OFICINAS PROJETOS E EVENTOS

Oficinas Culturais 2022

O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e a Construção de Identidades Coletivas

A oficina *O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e a Construção de Identidades Coletivas* foi resultado de uma parceria com a Secretaria Municipal de Cultura por meio do programa *Oficinas Culturais*. Ela abordou a importância do patrimônio histórico no exercício da cidadania na sociedade contemporânea a partir de uma perspectiva histórica. Foi ministrada pelo historiador Caion Meneguello Natal entre os dias 22 de setembro e 20 de outubro de 2022, no Espaço Cultural - Casa de Vidro.



Oficina de Cerâmica Intuitiva

A *Oficina de Cerâmica Intuitiva* foi ministrada no Espaço Cultural - Casa de Vidro nos dias 30 de setembro, 27 de outubro e 25 de novembro de 2022, pelo ceramista Yuri Tabosa. Os inscritos receberam noções relativas ao uso do torno e à modelagem de placas.



Remodelação do Espaço Cultural - Casa de Vidro

Em 2022, o Espaço Cultural - Casa de Vidro sofreu uma reformulação. O local passou a funcionar somente como ateliê aberto aos artistas e para crianças. Foram definidas áreas de trabalho para cerâmica, papel artesanal e gravura, e ainda um local para realização de oficinas e para receber os grupos escolares.

Oficina Formação de Portfólio

Parte da programação prevista da exposição *O Vazio Abarcado*, de Aline Moreno e Jeff Barbatto, a Oficina de Formação de Portfólio proposta pelo artista visual Jeff Barbatto aconteceu nos dias 12 e 18 de abril de 2023. Foi voltada aos profissionais da cultura em qualquer momento de sua carreira e também ao público em geral interessado em criar seu portfólio. Foram aplicadas técnicas de aproveitamento de imagem, diagramação de textos, espaçamentos, escolha da paleta de cores e composição de layout com foco na interlocução com o leitor - avaliador.

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS / PARCERIAS

Feira Literária de Ribeirão Pires

A Fundação Pró-Memória participou da 1ª Feira Literária de Ribeirão Pires (Flirp), que aconteceu nos dias 24 e 25 de setembro de 2022, na região central da cidade, com o objetivo de celebrar a cultura e o modernismo de Oswald de Andrade. A instituição levou para Ribeirão Pires diversas de suas publicações e distribuiu vários exemplares da revista *Raízes*.



São Caetano: Quatro Séculos de História

Para marcar os 74 anos da emancipação político-administrativa de São Caetano, a Fundação Pró-Memória, em parceria com o Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama), realizou, no dia 21 de outubro de 2022, no auditório da Academia de Letras da Grande São Paulo, a palestra *São Caetano: quatro séculos de história*. Proferida por Humberto Pastore e João Tarcísio Mariani, tal palestra integrou a programação da Semana da Autonomia do ano de 2022.

Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura: Aproximações com memória e história oral

Desde 2015, a Fundação Pró-Memória é uma das instituições responsáveis pela realização do *Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura: Aproximações com memória e história oral*. Fazem parte desse grupo, além da Fundação, a Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs), a Universidad de Colima (UdeC), México, a Universidade Paulista (Unip), a Universidad Autónoma de Baja California (UABC) e o Centro de Producción de Lecturas, Escrituras y Memorias (LEM), do México.

Esse Simpósio tem periodicidade bienal, alternando a sua sede entre Brasil e México. As edições de 2015 e 2019 foram realizadas no campus da Uscs, em São Caetano do Sul. A edição de 2017 foi sediada no México e, em 2021, deveria ter sido realizada novamente no país. Entretanto, devido à pandemia de Covid-19, a quarta edição do Simpósio teve sua data alterada para o ano de 2022, quando foi realizado em formato híbrido. O *IV Simpósio de Comunicação e Cultura: Aproximações com memória e história oral – O alcance da memória oral* foi realizado de 3 a 5 de novembro de 2022 no campus da Universidad Autónoma da Baja California, na ci-

dade de Ensenada, no México. A partir do mês de fevereiro de 2022, quando se iniciaram as reuniões preparatórias ao IV Simpósio de Comunicação e Cultura, a Fundação Pró-Memória colaborou nas discussões e composição do programa para a realização do evento. A Fundação também participou na condição de proponente de um trabalho que trata da metodologia empregada para divulgação da história oral. Sob o título *Roda de Conversa – o vídeo como motivador de diálogos em história oral*, o trabalho relata as três experiências que a Fundação realizou nos últimos três anos, por meio dessa metodologia. A representante da instituição, Márcia Gallo, também foi moderadora de um painel sobre o tema do poder dos arquivos, com cinco participantes, sendo um presencial e os demais a distância.



15º Congresso de História e de Estudos Regionais do Grande ABC

O 15º Congresso foi realizado em Santo André de 9 a 12 de novembro de 2022, com o tema *As múltiplas identidades do Grande ABC*. A iniciativa é organizada pelo grupo temático História e Memória do Consórcio Intermunicipal Grande ABC, e o evento foi promovido no Auditório Heleny Guariba, no Paço Municipal de Santo André, cidade que acolheu também a primeira edição do evento.

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul é uma das entidades parceiras na organização do Congresso desde a sua primeira edição em 1990, iniciativa que se tornou realidade a partir da proposição do sociólogo José de Souza Martins encaminhada ao então prefeito de Santo André e fundador do Consórcio ABC, Celso Daniel. O 15º Congresso contou com Martins, que proferiu a palestra de abertura intitulada *O lugar da memória e da história – a função repressiva do esquecimento*. Foram realizadas mesas de debates, rodas de conversa e atividades culturais como mostra de filmes e caminhada monitorada pelo centro histórico de Santo André.

PUBLICAÇÕES

Livro *A História de São Caetano do Sul*

No dia 31 de março de 2023, a Fundação Pró-Memória realizou a entrega simbólica do livro *A História de São Caetano do Sul* aos mais de 80 alunos dos 3º anos do ensino fundamental da Segunda Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Olinto Tortorello. Ao todo, foram distribuídos, posteriormente, mais de 1.300 exemplares para todos os alunos dos 3º anos da rede municipal. Esta foi a segunda reimpressão da publicação. Com autoria de Nereide Schilaro Santa Rosa e ilustrações de Ro-

berta Giotto, a publicação convidou as crianças a conhecerem o passado da cidade, percorrendo diversos acontecimentos que influenciaram a história local. Textos curtos, simples e objetivos, aliados a ricas ilustrações, levam o leitor a conhecer ainda mais sua cidade e despertam o gosto pelo estudo da história do município. Para reforçar o conhecimento histórico e facilitar o aprendizado, um encarte destacável traz os personagens do livro, que poderão interagir com as crianças em diversas atividades lúdicas



Acervo/FPMSCS



Avenida Conde Francisco Matarazzo, no Bairro da Fundação, na década de 1980

Acervo/FPMSCS



Antonio Trubiani e Guerino Colonneze, funcionários da estação ferroviária de São Caetano, em foto da primeira metade do século 20

Acervo/FPMSCS



Casamento de Ramona Dolores Miotello e Oswaldo Samuel Massei, realizado no dia 23 de julho de 1944, na Igreja Matriz Sagrada Família



Registro da inauguração da loja Irmãos Del Rey Cia. Ltda em dezembro de 1956. Foram identificados: Felipe Del Rey, Ivone Lorenzini Rosa, Maria Panzarella, Virginia Panzarella, Maria Helena Del Rey e Norma Lorenzini Rosa



Foto de 1928 que mostra motoristas dos carros de aluguel que circulavam por São Caetano. Foram identificados: Antonio Guita, Angelo De Martini, Francisco Massei e Dante Massei

Fachada do Hospital Nossa Senhora de Fátima, em foto de novembro de 1955. No local, funcionava o posto de São Caetano do Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência (Samdu), criado pelo governo federal



Acervo/FPMSCS

Acervo/FPMSCS



Registro do desfile realizado durante inauguração do Viaduto dos Autonomistas, realizado no dia 28 de julho de 1954. O veículo em destaque, que percorreu diversas ruas da cidade, marcou a participação da General Motors no evento

Reunião de várias famílias, entre elas Farina, Riera, Veronesi, Constantino, Tegão, Quaglia e Massei, na década de 1920. O registro fotográfico foi realizado na Rua Manoel Coelho, onde ficava localizada a residência da família Farina



Acervo/FPMSCS



FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA

== SEDE ADMINISTRATIVA
== PINACOTECA MUNICIPAL
== CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA
Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255
São Caetano do Sul – SP
(11) 4223-4780
fpm@fpm.org.br
pinacoteca@fpm.org.br
centro.documentacao@fpm.org.br

== MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
== Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122
São Caetano do Sul – SP
(11) 4229-1988
museu@fpm.org.br

== SALÃO EXPOSITIVO
== ESPAÇO VERDE CHICO MENDES
Avenida Fernando Simonsen, nº 566
São Caetano do Sul – SP

== ESPAÇO CULTURAL
== CASA DE VIDRO
Praça do Professor
(altura da Av. Goiás, nº 1.111)
São Caetano do Sul – SP

== ESPAÇO DO FORNO
== Praça do Forno
Espaço Cerâmica
São Caetano do Sul – SP



WWW.FPM.ORG.BR



ISSN 1415-3173



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



SÃO
CAETANO
DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL